

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MATTHIAS AMMANN

Facebook, eu curto:
uma análise mimética das redes sociais digitais.

Brasília
2011

MATTHIAS AMMANN

Facebook, eu curto:
uma análise mimética das redes sociais digitais.

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília para
obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação e
Comunicação.

Orientadora: Prof. Dr^a. Ângela Álvares
Correia Dias.

Brasília

2011

Aos meus pais (Urs e Yvonne) com amor,
admiração e gratidão pela presença e
apoio ao longo da vida.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dr^a. Ângela Álvares Correia Dias que muito me ensinou sem tolher minha liberdade criativa.

Aos muitos professores que tive em minha trajetória acadêmica na UnB e na UNICAMP.

Aos muitos mestres e professores que tive ao longo da vida.

À Faculdade de Educação da UnB, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

À minha companheira, Paula, pela paciência e revisões atenciosas.



“Assim, pois, em 1937 – um dia, ou dia, outro dia... – quando chegou a hora de o “Sagarana” ter de ser escrito, pensei muito. Num barquinho, que viria descendo o rio e passaria ao alcance das minhas mãos, eu ia poder colocar o que quisesse. Principalmente, nele poderia embarcar, inteira, no momento, a minha concepção-do-mundo.”

João Guimarães Rosa

Um barquinho.

Resumo:

Apesar da perspectiva crescente de sujeitos – adultos e jovens – atuando no ambiente da Internet e se relacionando por meio de redes sociais, existem poucos estudos que qualifiquem a produção de sentido neste ambiente. Especialmente as redes sociais digitais vêm ganhando grande projeção no cenário contemporâneo depois da maior difusão dos microcomputadores e de interfaces mais amigáveis a usuários comuns a partir de meados da década de 90. Este trabalho buscou analisar o que é (re)-descoberto por meio de relações miméticas no momento singular de “curtir” um conteúdo na rede social Facebook. Olhar para o atual sujeito com sistemas fechados que buscam identidades seria um equívoco já incorrido pela concepção moderna de sujeito. Portanto, utilizamos da vertente analítica transdisciplinar que se aglutina em volta do conceito de *mímesis*. Tomando como conceitos-base a noção de história/referências miméticas e texto, interessou-nos analisar as referências/histórias ontogenéticas e filogenéticas integradas subjetivamente, por meio de semelhanças e diferenças, em momentos singulares da experiência sensível. Este estudo exploratório utilizou uma base de dados coletada por meio de um questionário eletrônico composto de 24 questões fechadas e abertas, sua amostra foi de 382 respostas e utilizou múltiplas técnicas de análise para examinar o material coletado.

Palavras-chave: *mímesis*, tecnologias digitais, curtir, Facebook, redes sociais.

Abstract:

Despite the growing prospect of subjects - adults and young people - entering and interacting in the Internet environment through social networking sites, there is a lack of studies that qualify the production of meaning in this environment. Especially the digital social networks are gaining great prominence in the contemporary scene after the widespread use of microcomputers and user-friendly interfaces common since the mid-90s. This study aimed to analyze what is (re)-discovered by means of mimetic relationships in the singular moment of "like" (liking) a content in the social network Facebook. Looking for the current subject with closed systems which seek for identities would be a mistake already incurred by the modern conception of the subject. Therefore, we used the transdisciplinary analytical concept around mimesis. Based on the notion of mimetic history/references and text, we became interested in analyzing the texture of the ontogenetic and phylogenetic history/references integrated through a subjective action, through similarities and differences, in singular moments of the sensitive experience. This exploratory study used a database collected by means of an electronic questionnaire composed by 24 closed and open questions, 382 responses were collected and multiple analysis techniques were used to examine the collected material.

Keywords: mimesis, digital technologies, like, Facebook, social networks.

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS

Tabela 1 – Utilização da Internet no mundo	4
Gráfico 1 – Quantidade diária de respostas ao questionário	45
Quadro 1 – Chave para codificação das questões abertas.....	46
Tabela 2 – Distribuição da amostra por faixa etária e sexo.....	48
Tabela 3 – Distribuição populacional brasileira por faixas de idade	49
Tabela 4 – Distribuição geográfica e último nível de escolaridade da amostra	49
Tabela 5 – Renda domiciliar mensal da amostra	50
Tabela 6 – Rendimento médio mensal real dos domicílios particulares permanentes com rendimento no Brasil 2008-2009.....	50
Tabela 7 – Autodefinição para a habilidade em utilizar a Internet e seus aplicativos da amostra	51
Tabela 8 – Intensidade diária média, em horas, que a amostra despense na Internet	51
Tabela 9 – Atividades que a amostra desempenha no Facebook.	52
Tabela 10 – Últimas atividades desenvolvidas no Facebook pela amostra.....	53
Tabela 11 – Reincidência das últimas três atividades desenvolvidas no Facebook pela amostra	54
Tabela 12 – Mídias que foram curtidas pela amostra.....	55
Tabela 13 – Número de motivos que levou o sujeito a curtir o conteúdo	55
Tabela 14 – Círculo de proximidade do conteúdo curtido	56
Tabela 15 – Realização de ações posteriores ao curtir	56
Tabela 16 – Ação que realizou após o curtir.....	56
Tabela 17 – Verbos (no infinitivo) que justificam a ação de curtir e o seu número de aparições	57
Tabela 18 – Referências miméticas identificadas na amostra.....	57
Tabela 19 – Quantidade de referências miméticas em um curtir	58
Tabela 20 – Mídias curtidas por sexo	58
Tabela 21 – Mídias por escolaridade	59
Tabela 22 – Tipo de relação por ações posteriores ao curtir	59
Tabela 23 – Ações posteriores ao curtir por relação entre os sujeitos.....	59
Quadro 2 – Análise de texto 1	62
Quadro 3 – Análise de texto 2.....	63
Quadro 4 – Análise de texto 3.....	64
Quadro 5 – Análise de foto 1	66
Quadro 6 – Análise de foto 2.....	67
Quadro 7 – Análise de foto 3.....	68
Quadro 8 – Análise de página 1.....	69
Quadro 9 – Análise de página 2.....	70
Quadro 10 – Análise de página 3	71
Quadro 11 – Análise de vídeo/videoclipe 1.....	72
Quadro 12 – Análise de vídeo/videoclipe 2.....	73
Quadro 13 – Análise de vídeo/videoclipe 3.....	74
Quadro 14 – Análise de outro 1	75
Quadro 15 – Análise de outro 2	76
Quadro 16 – Análise de outro 3	77
Quadro 17 – Respostas para a pergunta “Para você, o que é curtir?”	78

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	1
2.	REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1.	PERÍODO GREGO	14
2.1.1.	PLATÃO	14
2.1.2.	ARISTÓTELES	15
2.2.	ENTRE O PERÍODO GREGO E O SÉCULO XX.....	17
2.3.	ESCOLA DE FRANKFURT	18
2.3.1.	THEODOR W. ADORNO	18
2.3.2.	WALTER BENJAMIN	21
2.4.	AUTORES CONTEMPORÂNEOS	24
2.4.1.	JACQUES DERRIDA.....	24
2.4.2.	GÜNTER GEBAUER E CHRISTOPH WULF	26
3.	PROBLEMA	30
3.1.	CONCEITOS CHAVES	30
3.1.1.	HISTÓRIA/REFERÊNCIAS MIMÉTICAS	31
3.1.2.	TEXTO	34
3.2.	CONTEXTO E OBJETIVOS	36
4.	METODOLOGIA	39
4.1.	DEFINIÇÃO DO INSTRUMENTO E DA AMOSTRA/CORPUS	40
4.2.	FASES DE ANÁLISE	41
5.	ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO, APLICAÇÃO E CODIFICAÇÃO	42
5.1.	ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	42
5.2.	APLICAÇÃO	44
5.3.	TRATAMENTO E CODIFICAÇÃO	45
6.	ANÁLISE	48
6.1.	DESCRIÇÃO DA AMOSTRA.....	48
6.2.	ANÁLISE QUANTITATIVA	52
6.3.	DECONSTRUÇÃO QUALITATIVA DE FRAGMENTOS TEXTUAIS.....	61
6.3.1.	TEXTOS.....	61
6.3.1.1.	TEXTO 1.....	61
6.3.1.2.	TEXTO 2.....	62
6.3.1.3.	TEXTO 3.....	64
6.3.2.	FOTOS.....	65
6.3.2.1.	FOTO 1.....	66
6.3.2.2.	FOTO 2.....	66
6.3.2.3.	FOTO 3.....	68
6.3.3.	PÁGINAS	69
6.3.3.1.	PÁGINAS 1	69
6.3.3.2.	PÁGINAS 2	70
6.3.3.3.	PÁGINAS 3	71
6.3.4.	VÍDEO/ VIDEOCLIPES	72
6.3.4.1.	VÍDEOS/ VIDEOCLIPES 1	72
6.3.4.2.	VÍDEOS/ VIDEOCLIPES 2	73
6.3.4.3.	VÍDEOS/ VIDEOCLIPES 3	74
6.3.5.	OUTROS.....	75
6.3.5.1.	OUTROS 1.....	75
6.3.5.2.	OUTROS 2.....	76
6.3.5.3.	OUTROS 3.....	77

6.4.	ANÁLISE DA QUESTÃO LIVRE SOBRE O QUE É CURTIR.....	78
7.	CONCLUSÕES E APONTAMENTOS.....	80
8.	REFERÊNCIAS.....	87
ANEXO I - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....		92
ANEXO II – CÓPIA DO INSTRUMENTO DE PESQUISA.....		93

“Technology is neither good nor bad; nor is it neutral.”¹

Melvin Kranzberg

*Curtir é "uma forma rápida de dizer:
gosto dessa maneira de ver/viver o mundo”.*

Anônimo²

1. INTRODUÇÃO

A partir de meados da década de oitenta e mais enfaticamente na década de noventa, a compreensão moderna de sujeito – racional, científico, estável, unificado, de identidade fixa – surgida com o Renascimento, o Iluminismo e outros processos históricos posteriores à Idade Média, mostra-se insuficiente para explicar o sujeito nas práticas sociais e culturais.

Cientes das limitações dos paradigmas surgidos na época moderna, teóricos das ciências humanas atualizaram alguns conceitos ou elaboraram outras teorias na expectativa de compreender os novos sujeitos em suas práticas sociais e culturais.

A título de ilustração, Alain Touraine elaborou a obra *Crítica da Modernidade*, David Harvey a *Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, Jean François Lyotard a *Condição pós-moderna*, Perry Anderson *As origens da pós-modernidade*, Stuart Hall *A identidade cultural na pós-modernidade*, Zygmunt Bauman o *Mal estar da pós-modernidade* e Anthony Giddens escreveu o título *Consequências da modernidade*.

Apesar de não existir um consenso sobre o “novo” sujeito e seu contexto, diferentes áreas e concepções teóricas projetam alguns elementos comuns. É recorrente a utilização de expressões que evidenciam a velocidade dos desdobramentos atuais, a centralidade da informação e da comunicação, a amplitude global do processo, a presença massiva de tecnologias, a arquitetura predominantemente em rede, cujo principal expoente é a Internet, e as mídias que facilitam o agir por entre as info-vias digitais.

Na atual conjuntura, é possível fazer circular informações, mercadorias e pessoas em velocidades antes dificilmente imagináveis. O fator tempo, limitador de muitas das ambições humanas, não é mais totalmente absoluto. Aparelhado dos meios adequados, é possível desconstruir as antigas escalas de tempo-espço, engendrando um processo de onipresença global. Hoje, por exemplo, uma volta ao mundo a bordo de um avião pode ser

¹ Tradução livre: “Tecnologia não é nem boa nem má; nem é neutra”.

² As epígrafes apresentadas ao longo do trabalho, sobre o curtir, fazem parte da amostra anônima coletada no presente estudo.

realizada em menos de vinte e quatro horas, fato impensável no século XIX, quando Júlio Verne idealizou *A volta mundo em oitenta dias*. Todavia, a compressão das escalas de tempo-espaço causa impactos desorientadores e disruptivos (HARVEY, 2001) sobre práticas econômicas, sociais e culturais, além de trazer todo um rol de predicados efêmeros como “descartável”, “atual”, “instantâneo” e “tempo real”.

No ambiente informacional e de comunicação, a perspectiva veloz tem ainda mais impactos. O acesso às novas informações e aos múltiplos discursos é praticamente ilimitado, assim como sua reprodução e processamento. Pode-se, com um clique, saltar de um canal de TV europeu para um africano, ou encaminhar um e-mail da Rússia para o Brasil. Os entusiastas veem diversas informações e múltiplos discursos, articulados em rede, passíveis de buscas por sistemas inteligentes e processados velozmente, articulando e difundindo conhecimento. Por outro lado, visões mais críticas argumentam que esse sistema pouco qualifica suas informações e seus discursos, tornando-os muitas vezes superficiais. Soma-se à superficialidade uma possível manipulação das informações e discursos com vistas a promover espetáculos dramáticos mundiais que alimentam economicamente a indústria cultural.

A indústria cultural em nível mundial é apenas uma faceta do movimento conhecido como globalização. Após a dissolução do regime soviético, o mundo, salvo poucas exceções, tornou-se uma grande “aldeia global”³. Criaram-se múltiplas vias para a circulação de informações, mercadorias e pessoas por todo o globo, mas é importante salientar que esses processos são majoritariamente mediados por relações econômicas capitalistas. Portanto, o fenômeno global deve ser entendido como a vida social mediada pelo mercado global de produtos, estilos, lugares e imagens (STUART, 2004), cujas ética e estética dominantes são ocidentais. À margem, algumas visões globais têm incluído a possibilidade do desenvolvimento de uma consciência ecológica planetária alerta para a interdependência dos ecossistemas mundiais e para a importância de sua preservação. Também movimentos sociais que trabalham com a integração intercultural enfatizam a importância da livre difusão cultural para o desenvolvimento de uma compreensão intercultural em nível planetário.

A abrangência e a profundidade das mudanças elencadas acima só foram permitidas por transformações tecnológicas iniciadas na Segunda Guerra Mundial e dinamizadas na década de 1970. O desenvolvimento da microeletrônica, dos (micro) computadores e das telecomunicações e sua posterior integração elaboraram a base necessária para a revolução da tecnologia da informação (CASTELLS, 2002). Depois da elaboração de uma base tecnológica, ainda foram necessários aproximadamente vinte anos para sua ampla

³ Expressão atribuída a Marshal McLuhan.

difusão e utilização. Nesses vinte anos, ocorreu o barateamento das tecnologias, a melhora de sua qualidade e a criação de sistemas acessíveis a não especialistas, estruturando a sociedade da informação. Os atores que contribuíram com a atual transformação tecnológica foram diversos, de instituições militares e empresas comerciais até indivíduos conhecidos por *hackers*, que modificam e reinventam funcionalidades de sistemas, amparados principalmente em valores anárquicos e de emancipação.⁴

A sociedade da informação, permitida pela integração de humanos-máquinas-humanos, apresenta como lógica de funcionamento basilar a lógica de rede. Uma rede consiste em dois ou mais computadores ou outros dispositivos interligados de modo a poder compartilhar recursos físicos e lógicos. A Internet é a conexão de muitos computadores e dispositivos tecnológicos em uma grande rede mundial, a *World Wide Web*, em português, rede de alcance mundial.

Atualmente, grande parte das atividades humanas é mediada direta ou indiretamente pelas estruturas de redes. Para Castells (2002, p.89), “A lógica do funcionamento de redes, cujo símbolo é a Internet, tornou-se aplicável a todos os tipos de atividades, a todos os contextos e a todos os locais que pudessem ser conectados eletronicamente.” Entre as principais qualidades da estrutura de rede figura o potencial sinérgico de dinamizar a inteligência coletiva (LEVY,1996), permitindo uma alocação eficiente de recursos físicos, lógicos, ecológicos e culturais. Um lado negativo recorrente na discussão a respeito da estrutura de rede está atrelado ao seu potencial de aprisionar e limitar os usuários, tornando-os dependentes. Sem enveredar pela ficção científica, vale lembrar que atualmente todo o sistema financeiro está integrado em rede e depende de seu bom funcionamento, caso contrário, haveria um caos no setor financeiro global.

Para um dimensionamento adequado da abrangência e penetração da estrutura de rede, em especial a Internet, na vida dos habitantes mundiais, elaboramos a Tabela 1 a partir das informações do site *Internet World Stats* (2010). Esta tabela evidencia que a inserção no ambiente da Internet ainda está fortemente correlacionada com a renda. Regiões compostas por países de altas rendas tiveram o maior percentual de usuários da Internet em 2010, América do Norte, Oceania/ Austrália e Europa apresentam respectivamente 77.4%, 61.3% e 58.4% de sua população inserida na Internet. Quando a perspectiva muda para as regiões que tiveram o maior crescimento percentual do número de usuários no período de 2000 a 2010 a África desponta com um aumento de 2357.3%, seguida pelo Oriente Médio com 1825.3% e América Latina/ Caribe com 1032.8%. Vale

⁴ Mais detalhes sobre a Sociedade da Informação podem ser encontrados em *A sociedade em rede*, de Manuel Castells, 2002.

frisar que a região do mundo que mais fez uso da Internet em 2010 foi a Ásia, com 42% da utilização total da Internet, embora esse número precisa ser lido levando-se em consideração sua grande população.

Tabela 1 – Utilização da Internet no mundo

Regiões do mundo	População estimada em junho 2010	Usuários de Internet em dezembro de 2000	Usuários de Internet em junho de 2010	Percentual de usuários em 2010	Crescimento percentual dos usuários em 2000-2010	Percentual da Internet mundial em 2010
África	1.013.779.050	4.514.400	110.931.700	10,9 %	2.357,3 %	5,6 %
Ásia	3.834.792.852	114.304.000	825.094.396	21,5 %	621,8 %	42,0 %
Europa	813.319.511	105.096.093	475.069.448	58,4 %	352,0 %	24,2 %
Oriente Médio	212.336.924	3.284.800	63.240.946	29,8 %	1.825,3 %	3,2 %
América do Norte	344.124.450	108.096.800	266.224.500	77,4 %	146,3 %	13,5 %
América Latina/ Caribe	592.556.972	18.068.919	204.689.836	34,5 %	1.032,8 %	10,4 %
Oceania / Austrália	34.700.201	7.620.480	21.263.990	61,3 %	179,0 %	1,1 %
TOTAL MUNDIAL	6.845.609.960	360.985.492	1.966.514.816	28,7 %	444,8 %	100,0 %

Fonte: Traduzido de Internet World Stats

No âmbito nacional, alguns dados também saltam à vista. Segundo o levantamento do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação – CETIC⁵, a posse do computador no Brasil teve seu maior crescimento nos últimos 5 anos. O levantamento feito em 2009 demonstra que 36% dos domicílios urbanos possuíam o equipamento, o que representa um aumento de oito pontos percentuais em relação ao ano anterior. O mesmo ocorreu com o uso da Internet. Em 2008, 20% das residências tinham acesso à Internet, percentual que subiu para 27% em 2009 – um crescimento de 35% no período. Embora o acesso à Internet tenha crescido substancialmente em um curto período, as regiões Norte e Nordeste têm somente 13% de seus domicílios com acesso à Internet, enquanto no Sudeste, o acesso é de 35%, no Sul, de 32% e no Centro-Oeste, de 28%. Para quase metade dos entrevistados pela pesquisa, 48%, o principal motivo para a falta de Internet em casa são os custos elevados (CGI, 2010).

Além da expansão quantitativa do acesso à Internet, é importante analisar dimensões qualitativas sobre a intensidade de imersão no ambiente das tecnologias digitais. O relatório produzido por Nielsen (2009) revela que os jovens brasileiros entre 12 e 17 anos que têm acesso à rede são os que mais utilizam mídias integradas à Internet. Em média, os

⁵ O Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br) é o departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) responsável pela coordenação e publicação de pesquisas sobre disponibilidade e uso da Internet no Brasil. Esses estudos são referência para a elaboração de políticas públicas que garantam o acesso da população às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), assim como para monitorar e avaliar o impacto socioeconômico das TICs. O NIC.br é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que desde dezembro de 2005 implementa as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI, 2010).

jovens brasileiros utilizam a rede, no decorrer de um mês, por 43 horas, 50 minutos e 15 segundos (NIELSEN, 2009). Entre os aplicativos, ou mídias, mais utilizados pelos jovens brasileiros estão redes sociais, sites de reprodução de conteúdo audiovisual e programas de trocas de mensagens. Todavia, é difícil delimitar as diferentes mídias, pois estas costumam ter múltiplos recursos e funções e costumam estar integradas com outras.

A grande inserção de jovens no ambiente de rede demonstra que não é mais necessário ser especialista em tecnologias para atuar ativamente na Internet. Mídias com interfaces amigáveis tornaram possível a interação social a partir do compartilhamento e da criação colaborativa de conteúdos nos mais diversos formatos e a baixo custo de produção e distribuição. Atualmente, na estrutura de rede, múltiplas mídias armazenam e relacionam dados, imagens, sons, vídeos, experiências, impressões e opiniões. Basta ter acesso a um sinal de rede e um microcomputador para realizar as aspirações comunicativas pessoais e sociais.

Recentemente, a expressão mídias sociais ganhou destaque. Diferentemente do que ocorre nas demais, nas mídias sociais a produção de conteúdo se dá de forma descentralizada e sem controle editorial de grandes grupos – entre alguns exemplos práticos estão blogs, sites de crowdsourcing⁶ e sites de redes sociais.

Especialmente os sites de redes sociais conseguiram grande projeção no cenário contemporâneo. Um site de rede social dispõe de

(...) serviços baseados na web que permitem aos indivíduos (1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema limitado, (2) articular uma lista de outros usuários com quem esses usuários dividem uma conexão e (3) ver e navegar em suas listas de conexões e naquelas feitas por outros no sistema (BOYD; ELLISON, 2007 apud RECUERO in WEB 2.0, 2008, p. 126).

Por entre suas estruturas, pessoas e organizações partilham valores, objetivos e interesses comuns. Normalmente, são produzidas relações mais horizontais e não hierárquicas entre os participantes, incorrendo-se em alocações socialmente mais eficientes, mas gerando uma co-dependência entre os usuários.

A origem dessas redes remonta a meados da década de 1990, quando houve uma maior difusão dos microcomputadores e as interfaces se tornaram mais amigáveis a usuários comuns. Desde então os números crescem diariamente.

⁶ O crowdsourcing é uma estratégia que utiliza a inteligência e os conhecimentos coletivos e voluntários espalhados pela Internet para resolver problemas de sujeitos e instituições.

Entre os exemplos atuais mais expressivos, encontramos as redes sociais: Orkut, MySpace, Twitter, Ning, Flickr, LinkedIn, Ning, Google+, Badoo, Facebook e muitas outras. Suas temáticas costumam ser múltiplas e variam de inserção profissional, portfólio de fotografias, dicas de viagens, contato com amigos etc.

Nos últimos anos, uma das redes sociais que alcançou grande projeção nacional e internacional é o Facebook. Lançado no ano de 2004, estima-se que hoje o seu valor de mercado seja US\$ 70 bilhões (FOLHA DE SÃO PAULO, 2011) e o número de usuários ativos esteja por volta de 750 milhões (FACEBOOK, 2011).

De acordo com estatísticas do Facebook, 50% dos seus usuários entram no site todos os dias, cada usuário tem em média 130 amigos (pessoas com quem partilha conteúdo, impressões, sentimentos), os usuários despendem mais de 700 bilhões de minutos por mês na página do Facebook e a página já foi traduzida para mais de 70 línguas com a ajuda de colaboradores de 190 países (FACEBOOK, 2011).

As estatísticas sobre as atividades desenvolvidas no Facebook também impressionam. Existem mais de 900 milhões de objetos com os quais as pessoas podem interagir no Facebook (páginas, grupos, eventos etc). Um usuário comum, em média, está conectado a 80 páginas de comunidades, grupos e eventos e cria 90 conteúdos todo o mês. Mais de 30 bilhões de conteúdos (links de páginas na internet, blogs, fotos, comentários entre outros) são compartilhados todo o mês e mais de 20 milhões de aplicativos são instalados no Facebook todos os dias (FACEBOOK, 2011). Com as recentes transformações dos telefones celulares em microcomputadores, permitiu-se ainda que 250 milhões de usuários acessem suas páginas do Facebook por meio dos celulares e foi constatado que estes usuários são duas vezes mais ativos no Facebook que os demais (FACEBOOK, 2011).

O produto da empresa Facebook é composto essencialmente por duas funções: um site e aplicativos para este site. O site e seus aplicativos permitem que cada usuário tenha uma página principal e um perfil. Na página principal são incluídas, em tempo real, as atualizações do usuário e de seus amigos. O perfil exhibe inúmeras informações sobre o indivíduo, como interesses, formação educacional, trabalho, informações para contato. Além das informações acima, o site é dotado de aplicativos que permitem adicionar fotos, convocar eventos, adicionar vídeos, criar grupos, relacionar páginas, conversar em tempo real com outros usuários, enviar mensagens abertas e enviar mensagens privadas etc (FACEBOOK, 2011).

A grande quantidade de sujeitos interagindo por meio de uma vasta gama de mídias e aplicativos digitais formando as redes sociais elabora toda uma estrutura social que carrega elementos das demais estruturas sociais, mas que também diverge das demais.

Acesso remoto, compressão das dimensões espaciais, interação e custo reduzido de interação são apenas algumas de suas características.

Iniciada a reflexão sobre mídias/meios e seus desdobramentos sobre sujeitos de uma época, as reflexões de Marshall McLuhan se mostram muito ricas. Para McLuhan, as mídias/ meios configuram e controlam “a proporção e a forma das ações e associações humanas” (MCLUHAN, 1999, p. 23). Ou seja, já em 1964, ano da afirmação de McLuhan, era evidente que as diferentes mídias configuram e controlam em grande medida as relações estéticas e sociais de uma época. Mais recentemente, Levy (1996) lembra que os novos meios/técnicas condicionam, mas não determinam os atores sociais, pois os meios abrem um leque de possibilidades das quais somente um pequeno número é selecionado ou percebido pelos atores sociais.

A perspectiva mundial e brasileira de um contingente cada vez maior de sujeitos interagindo nos meios em rede, que poderá ser acentuada à medida que os custos forem reduzidos por meio de inovações tecnológicas ou ações governamentais, justifica a ampla reflexão sobre a temática. Todavia, é importante ultrapassar a mera constatação da existência de novas mídias, da Internet, da arquitetura em rede, da presença de novas tecnologias, da amplitude da globalização, da centralidade da informação e da comunicação e da grande velocidade nas atividades cotidianas. Ou seja, além das constatações acima elencadas, é necessário inventariar e recriar as possibilidades de relações estéticas e sociais de sujeitos condicionados e permitidos pelos meios forjados no atual contexto tecnológico.

Castells (2002) sumariza como características básicas do atual contexto sócio-técnico os seguintes pontos:

1. A informação é a matéria-prima do atual estágio sócio-técnico.
2. A informação penetra e é parte integral de toda atividade humana diretamente integrada no meio tecnológico.
3. A estrutura de rede está bem adaptada à crescente complexidade de interação e aos modelos imprevisíveis derivados do poder criativo das múltiplas interações.
4. Há uma grande flexibilidade, ou capacidade de reconfiguração, de seus elementos.
5. Diversas tecnologias específicas convergem para um sistema altamente integrado.

No âmbito das organizações produtivas, observam-se práticas de gerenciamento flexíveis, sistemas produtivos descentralizados em níveis globais, relações de trabalho individualizadas e diversificadas e fortalecimento do poder do capital.

No âmbito das relações sociais e culturais, cintilam expressões tais como “hibridismo”, “misturas”, “cruzamentos”, “fragmentação”, “contradição”, “pluralização”, “desvios” e “deslocamentos”. Porém ainda não existem, e talvez não existirão, sínteses que bem ilustram as complexas relações intersubjetivas presentes nas atuais relações sociais e culturais.

No tocante às experiências subjetivas, parte-se da perspectiva de que estas são: as relações sociais e culturais, as organizações produtivas, os contextos sócio-técnicos, os meios e o acréscimo singular de cada sujeito. Experiências subjetivas são reafirmação do passado, plágio, eterno retorno, e também jogo, enganação e acréscimo.

Olhar para o atual sujeito com sistemas fechados que buscam identidades seria um equívoco, pois não entraríamos em contato com criações, recriações e adições baseadas no indizível subjetivo, na colagem solta, no tecer, na inclusão des-significativa e na inclusão significativa.

Nem mudo nem estridente, optamos pelo som do meio, ainda que sem parâmetro para tanto. Meio entre a farsa do passado e a inexistência do futuro, meio entre a reprodução sugestiva do passado, o suplemento cambaleante da relação subjetiva presente-futuro e o deslocamento de ambos.

A tarefa de olhar para os sujeitos contemporâneos sem referências pré-estabelecidas nos impele a olharmos por meio do lugar/não lugar da transdisciplinaridade.

Uma vertente analítica transdisciplinar que se aglutina em volta do conceito de *mímesis* vem ganhando peso nas ciências humanas nas últimas décadas e tenta lançar olhares sobre o sujeito nas práticas sociais e culturais.

Mímesis tem sua origem etimológica em *mimos* e sua procedência histórica é atribuída à antiguidade grega. Imitar, representar, (re-)criar, (re-)configurar entre outros verbos, buscam contribuir para a complexidade polissêmica atribuída à *mímesis*, mas nenhuma das definições apreende o significado do conceito, que é constantemente reinterpretado, ou reinventado, ao sabor dos diferentes períodos históricos.

Historicamente, a abordagem mimética está mais consolidada nas artes e na filosofia. Ainda assim, movimentos importantes vêm estendendo esta abordagem. No presente estudo, interessam-nos reflexões sobre *mímesis* aplicadas à estética e à filosofia, e reflexões que avançam nas relações subjetivas de fenômenos sociais, *mímesis* social.

Mímesis social, entre suas múltiplas interpretações, pode ser vista como a capacidade de compreender, representar e recriar formas de comportamento humano nas relações entre mundos de sujeitos, registrando normas institucionais e individuais presentes em situações e ações sociais. Cada relação ocorre por meio da referência de um mundo a um outro mundo, ou uma apropriação/integração de caracteres entre dois mundos. No breve

instante de interação de mundos, o sujeito elabora verdades momentâneas e inacabadas que dão segurança ao agir social (GEBAUER; WULF, 2004).

Tradicionalmente a família, a comunidade e as instituições de ensino iniciam e fomentam o agir mimético. Gestos, rituais e outros momentos miméticos incutem as necessidades reais e simbólicas de instituições, assim como seus valores e normas, elaborando um substrato de competências sociais necessárias ao arranjo social. Para Günter Gebauer e Christoph Wulf (2004), é decisivo que as instituições sociais emprestem continuidade e duração aos processos miméticos para que as codificações simbólicas de normas e valores sociais sejam interiorizadas.

Além da configuração social e institucional, o arranjo técnico – o meio – que medeia as relações sociais tem grande influência sobre as relações miméticas. Toda relação mimética ocorre na tênue linha entre mundos, o mundo original e o segundo mundo criado através de um meio de comunicação. O arranjo técnico que, por meio de mídias, permite e fomenta as relações intersubjetivas, se não condiciona, ao menos influencia fortemente as possibilidades de relações miméticas de cada época. Todavia, pouco foi estudado sobre a influência das atuais mídias sobre a *mímesis* contemporânea (WULF, 2008).

Soma-se à defasagem elencada acima uma reestruturação das figuras, modelos e referências que pautam o agir social na sociedade. Instituições tais como a família, o Estado e outras referências simbólicas, legitimadas ao longo de séculos, não imperam isoladas na difusão de referências sociais.

Empoderando o argumento benjaminiano de que as relações miméticas não desaparecem no decorrer da história, apenas se deslocam (BENJAMIN, 1994), permanece a interrogação sobre o modo e as formas de atuação das forças miméticas no atual momento histórico, estabelecendo sentido entre a tradição e a história, os desafios sociais presentes e a reconfiguração criativa.

O entrelaçamento mimético, singular em cada relação subjetiva, é parte passado individual e coletivo, parte adição presente e parte o tempo perdido. No entremeio da história ontogenética e filogenética e da fatalidade do presente, emerge, tal qual enfatizado por Marcel Proust, a redescoberta de um tempo perdido, nem passado nem presente, que tem o poder de atribuir um novo significado a ambos (BENJAMIN, 1994).

No tocante à educação, a *mímesis* tem um papel importante. Muitas das ações desenvolvidas nos espaços educativos são mediadas por relações miméticas, entre elas, a socialização, o aprendizado de questões práticas, a compreensão intercultural, o desenvolvimento de competências cognitivas, entre outras.

Especialmente nos anos 90, a educação conforme descrita acima ganhou força. Para uma sociedade cujos desafios centrais estão relacionados com a construção de um mundo

de paz, liberdade e justiça social, as atividades educacionais devem buscar o desenvolvimento pessoal e a construção de relações sociais saudáveis entre indivíduos, grupos e nações, não mais a simples mediação de conhecimentos e habilidades.

O Relatório *Education: The Necessary Utopia*, de 1996, organizado por Jacques Delors a pedido da Unesco, sumariza os desafios da educação para o futuro. Seus pilares básicos são:

1 – Aprender a viver em conjunto – desenvolvendo uma compreensão dos outros e da sua história, das tradições e dos valores espirituais, criando um novo espírito, que, guiado pelo reconhecimento de nossa interdependência crescente e por uma análise comum dos riscos e dos desafios futuros, induza as pessoas a implementarem projetos comuns e a gerirem os inevitáveis conflitos de uma forma inteligente e pacífica.

2 – Aprender a conhecer – pois, frente às rápidas mudanças trazidas pelo progresso científico e pelas novas atividades econômicas e sociais, a ênfase tem que estar na combinação de uma educação ampla e geral com a possibilidade de ir a fundo em conhecimentos selecionados. Essa concepção fornece o “passaporte” para a educação ao longo da vida, na medida em que estimula o gosto pelo aprender e estabelece as bases para a aprendizagem.

3 – Aprender a fazer – além de aprender um trabalho, é necessária a aquisição de competências que permitam às pessoas lidarem com uma variedade de situações, muitas vezes imprevisíveis, e a trabalharem em equipe, característica que tem sido negligenciada pelos métodos de ensino tradicionais.

4 – Aprender a ser – tema desenvolvido no relatório de Edgar Faure, publicado pela UNESCO em 1972, mas ainda atual, pondera que no século XXI todos terão que exercer uma maior independência e capacidade de julgamento, combinado com um forte senso de responsabilidade pessoal para a consecução de objetivos comuns.

Em resumo, o Relatório Delors aponta a importância do aprender a aprender para um aprendizado ao longo da vida. Aprender a aprender não é somente a aquisição de conhecimentos e habilidades, mas uma inclinação autônoma, crítica e com responsabilidade histórica diante das rápidas necessidades trazidas pelos diferentes contextos sociais.

Para que a educação do futuro possa ser repensada, é imprescindível conhecer o sujeito que caminha em direção ao futuro. Sujeito envolto em uma trama multimídia digital, que (re-)descobre e recria constantemente significados e sentidos nas múltiplas interações sociais.

Ainda que tenhamos algumas impressões do contexto sociotécnico que envolve e condiciona, mas não determina, as relações e representações estéticas e sociais de nossa

época, poucas análises científicas estão investigando a criação de sentido no ambiente das redes sociais permitidas pelas mídias digitais.

Quando deixamos de lado os estudos desenvolvidos por empresas privadas, cujo interesse é otimizar suas estratégias publicitárias no ambiente das redes sociais devido à volumosa presença de sujeitos adultos, bem como de crianças⁷, e alguns estudos empíricos, que buscam medir relações, laços e interações sociais nas redes sociais, notamos uma escassez de estudos que investiguem os efeitos das redes sociais para o universo educacional e para a experiência sensível.

O presente trabalho busca se inserir na lacuna mencionada acima, porém, diante da complexidade desse fenômeno, há a necessidade de elaborarmos um recorte. Recorte que seja representativo do tempo presente e que tenha porosidade subjetiva. Tal como uma brincadeira, é importante que o recorte recorra a dimensões esquecidas, cotidianas e fugazes. Dimensões que, pelo fato de serem tradicionalmente menos consolidadas, deem vazão ao virtual⁸ subjetivo.

Após conversas e reflexões, reconhecemos na função “curtir” da rede social Facebook características que bem representam o atual momento histórico e a produção de sentido. Beirando a oralidade, “curtir” representa um contingente de sujeitos que sem manual ou instruções prévias entra na rede social Facebook, se relaciona, se expressa e agrega sentido.

Destacamos que o Facebook, com a intenção de colocar “toda a experiência social” online⁹, foi além do espaço da rede social Facebook. Atualmente, praticamente todos os sites trazem o *plugin* “curtir” e, por meio de relações hipertextuais, é possível relacionar diversas mídias digitais em um site ou mídia *hub*¹⁰ e manifestar o apoio ao conteúdo curtido. Após a criação do *plugin* lançado pelo Facebook em abril de 2010, são integradas ao sistema do Facebook por volta de dez mil novas páginas por dia, totalizando mais de 2,5 milhões de páginas.

⁷ Ainda que a política do Facebook limite a entrada de crianças abaixo de 13 anos na rede social, constatou-se, por exemplo, que 7.5 milhões dos usuários nos Estados Unidos tem abaixo de 13 anos e 5 milhões tem menos de 11 anos de idade (BLOOMBERG, 2011).

⁸ Virtual vem do latim *virtualis* e deriva de *virtus*, força, potência (LEVY, 1996).

⁹ Na produção audiovisual “The social network”, em um dos diálogos entre Eduardo Saverin e Mark Zuckerberg, ambos criadores da rede social Facebook, há a menção de se colocar “toda a experiência social” online.

¹⁰ Site hub é um site que concentra e gerencia outras mídias digitais.

A grande penetração do “curtir” na sociedade contemporânea e sua componente subjetiva nos levou à interrogação central do presente estudo: o que é (re)-descoberto por meio de relações miméticas no momento singular de “curtir”?

A interrogação acima se justifica por cinco motivos. Primeiro, no Brasil pouco se explorou a *mimesis* fora do âmbito das artes e da filosofia, sendo, portanto, crucial que as ciências humanas também se apoderem desse conhecimento e dessa forma de ver o sujeito. Segundo, ignorou-se por muito tempo que processos elementares da constituição do sujeito são amparados pela *mimesis*, logo, aprender o que é *mimesis* e utilizar essa fração do conhecimento na prática educativa pode enriquecer o trabalho pedagógico formal e informal. Terceiro, pouco se estudou os processos miméticos no ambiente das mídias digitais (WULF, 2008). Quarto, poucos estudos exploram qualitativamente a produção de sentido nas redes sociais. E quinto, frente à crise do paradigma moderno de sujeito, de educação e de ciência, é crucial valorizar e (re-)criar formas outras de ver o sujeito nas práticas sociais e culturais, amparando-se no difícil, mas necessário, não-lugar da transdisciplinariedade. Ainda que a investigação seja difícil, a busca pela utopia do sujeito, da educação e da ciência do futuro é prazerosa.

Curtir é "gostar, se identificar".

Anônimo

2. REVISÃO DE LITERATURA

Revisar a literatura de um tema, tópico ou texto será sempre uma tarefa árdua, pois a literatura que o ampara ramifica-se infinitamente. Ainda assim, a produção acadêmica nos incumbe do desafio. No caso de *mímesis*, o desafio é grande. Sua origem se alonga no tempo para antes de Platão e, desde então, o conceito é abordado e ilustrado em sua polissemia por inúmeros autores.

Para que o presente trabalho não viesse a se perder na vastidão de autores e definições, foram realizados dois recortes. O primeiro recorte ilustrará historicamente as reflexões mais consagradas sobre *mímesis* na voz de expoentes clássicos. O segundo recorte trará ao debate reflexões contemporâneas sobre *mímesis* aplicada aos fenômenos sociais.

Antes de iniciar a exposição das reflexões mais consagradas acerca de *mímesis*, convém pontuar alguns elementos recorrentes na literatura, sua origem histórica e etimológica e seu significado mais corriqueiro.

A teoria sobre *mímesis* é conhecida como a mais antiga teoria da arte, arte não no sentido contemporâneo, mas no sentido de uma teoria da apreensão pictórica e da representação (SORBOM, 2002).

A palavra *mímesis* tem sua raiz etimológica em *mimos* e dela derivam: *mimesthai*, que significa imitar, representar ou retratar; *mimos* e *mimetes*, que são as pessoas que imitam; *mimos* também é considerado o contexto de ações dramáticas; *mimeta* é o objeto de arte ou o resultado da ação mimética; *mimema* e *mimetikos*, algo capaz de imitação e representação; e *mímesis*, que é a própria ação (GEBAUER; WULF, 1995) (SORBOM, 2002).

Corriqueiramente, *mímesis*, ou mimese, tem alguns significados mais explorados. O dicionário Priberam define *mímesis* como a figura retórica em que o orador imita o gesto ou a voz de outrem; a reprodução artística da realidade que é percebida pelos sentidos; e imitação (PRIBERAM, 2011). O dicionário Oxford atribui à *mímesis* o significado de imitação; representação imaginativa do mundo real na arte e na literatura; imitação deliberada do comportamento de um grupo de pessoas por outro grupo como um fator de mudança social; e, na zoologia, sinônimo de mimetismo (OXFORD, 2011). Philosophypages define *mímesis* como imitação e representação (PHILOSOPHPAGES, 2011).

2.1. PERÍODO GREGO

A primeira reflexão ampla e estruturada sobre *mimesis* foi feita 25 séculos atrás, inicialmente por Platão e posteriormente por seu discípulo Aristóteles. Platão aborda a temática em *A República* livros III e X e *O Sofista*; Aristóteles o faz em *Poética* e *Retórica*.

Porém, Lima (2010) bem lembra que a reflexão sobre *mimesis* remonta para antes de Platão. Já em Píndaro, Ésquilo, Eurípedes, Aristófanes, Heródoto, ou Xenofonte a *mimesis* havia sido abordada, mas de maneira passageira e não sistematizada. Também vale considerar a existência da intenção mimética nas práticas culturais ancestrais tais como pinturas rupestres, esculturas em barro e danças rituais.

2.1.1. PLATÃO

Platão é o primeiro a formalizar o conceito, e o faz de forma negativa. Segundo Platão, em um Estado ideal não haveria espaço para ilusões e a prática da *mimesis* destruiria a inteligência dos espectadores, ludibriando crianças e homens ignorantes, afastando-os do conhecimento da verdadeira natureza.

Na concepção platônica, somente a “Ideia” é totalmente real (KONSTAN, 2004). Platão acreditava que o perigo da *mimesis* está na falta de ser, ou verdade, em relação à “Ideia”, à forma primeira que os objetos concretos reproduzem (GAGNEBIN, 2005). E mesmo distante da verdade, a *mimesis*, ou cópia, carrega consigo a força do arrebatamento, uma força inconsciente e de propagação epidêmica que deve ser evitada.

A necessidade de afirmação do real em oposição à cópia, ou à arte, é tema recorrente no livro X de *A República*, em que Platão conversa com Glauco.

- Não é difícil – esclarecerei – e variada e rápida de executar, muito rápida mesmo, se quiseres pegar num espelho e andar com ele por todo o lado. Em breve criarás o sol e os astros no céu, em breve a terra, em breve a ti mesmo e aos demais seres animados, os utensílios, as plantas e tudo quanto há pouco se referiu.
- Sim, mas são objetos aparentes, desprovidos de existência real.
- Atingiste perfeitamente o ponto que eu precisava para o meu argumento. Com efeito, entre esses artifícios conta também, julgo eu, o pintor (PLATÃO, 2007, p. 294).

No mesmo livro, encontra-se o motivo pelo qual Platão defende que os produtores da *mimesis*, ou produtores de um universo não verdadeiro, devem ser banidos de uma *polis* bem governada.

É evidente desde logo que o poeta imitador não nasceu com inclinação para essa disposição da alma, nem a sua arte foi moldada para lhe agradar, se quiser ser

apreciado pela multidão, mas sim com tendência para o caráter arrebatado e variado, devido à facilidade que há em o imitar.

- É evidente.

- Portanto, temos razão em nos atirmos a ele desde já, e em o colocar em simetria com o pintor. De fato, parece-se com ele no que toca a fazer o trabalho de pouca monta em relação à verdade; e, no fato de conviver com a outra parte da alma, sem ser a melhor, nisto também se assemelha a ele. E assim teremos desde já razão para não o recebermos numa cidade que vai ser bem governada, porque desperta aquela parte da alma e a sustenta, e, fortalecendo-a, enfraquece a razão, tal como acontece num Estado, quando alguém torna poderosos os malvados e lhes entrega a soberania, ao passo que destruiu os melhores. Da mesma maneira, afirmaremos que também o poeta imitador instaura na alma de cada indivíduo um mau governo, lisonjeando a parte irracional, que não distingue entre o que é maior e o que é menor, mas julga, acerca das mesmas coisas, ora que são grandes, ora que são pequenas, que está sempre a forjar fantasias, a uma enorme distância da verdade (PLATÃO, 2007, p. 294).

Nota-se, portanto, que o argumento platônico assenta sua crítica na força do engano, da dobra, trazida pela *mímesis*. Caso a força do engano, assim como o poder dos malvados, fosse reforçada, poder-se-ia incorrer no risco da tragédia.

Para Platão, a construção de uma *polis* saudável está amparada no reforço do *logos* filosófico, da razão, em oposição à ilusão. A razão conduziria o Estado ao “Bem” e à “Verdade” idealizados para uma *polis* fundada na Justiça. O contrário da razão, a falta de virtude e o engano, instaurariam a tragédia (LIMA, 2003).

A crença na instauração da tragédia, caso artífices elusivos/míticos venham a corromper um Estado de razão, precisa ser contextualizada na posição pedagógica de *A República*. *A República* é uma obra política para sua época. Nela, Platão elabora uma série de proposições que devem ser difundidas e seguidas para o erguimento de um projeto político de uma *polis* justa. Há, portanto, um forte caráter político-pedagógico que faz com que a obra priorize a clareza e a não-dubiedade.

Todavia, vale ressaltar que leituras mais aprofundadas e articuladas da obra platônica, em especial de *O Sofista*, têm revisado a posição taxativamente negativa de Platão em relação à *mímesis* e reabilitado a obra de Platão no debate acadêmico sobre *mímesis* (KONSTAN, 2004).

2.1.2. ARISTÓTELES

Aristóteles, ao contrário de Platão, aborda a *mímesis* como um conceito positivo e central no constituir-se humano e no aprender. Segundo ele, é por meio da *mímesis* que se desvenda a *physis*, a natureza, e o desvendar, ou estabelecer relações, é um processo intrinsecamente prazeroso.

Grande parte de suas reflexões sobre *mímesis* estão condensadas na *Poética*. A *Poética* é um conjunto de anotações de aulas sobre poesia e arte. Estes cadernos de anotações eram destinados ao Liceu e serviam de guia para as aulas. Portanto, diferentemente de *A República* de Platão, não houve a necessidade de adotar um discurso político.

Antes de iniciar a análise de *mímesis* na *Poética*, convém lembrar o contexto da arte ou da produção poética na época.

Como mencionado anteriormente, a teoria sobre a arte era sinônimo da teoria sobre a *mímesis*. A arte era considerada *mímesis* e *mímesis* era entendida essencialmente como o imitar de relações da natureza.

Nesse contexto, Aristóteles concebe *mímesis*, ou imitar, como propriedade inerente ao homem e fonte de prazer.

Ao que parece, duas causas, e ambas naturais, geram a poesia. O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador e, por imitação, apreende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado (ARISTÓTELES, 1951, p.106-107).

Assim, o imitar, ou *mímesis*, além de permitir a existência da poesia, pois fazer poesia é prazeroso (KONSTAN, 2004), permite também o seu ser, à medida em que os homens se comprazem na recepção do imitado. Para Cabrero (2005-2006), o prazer aristotélico é um amplo prazer, prazer de compreender a realidade, as coisas e os homens. Nesse sentido, *mímesis* é o descobrir da ampla natureza, *physis*, que abrange tanto questões universais como questões novas que emanam da natureza criadora.

Encontra-se aqui o germe essencial para entender *mímesis* como um conceito amplo e fecundo. *Mímesis* não se resume a imitar o dado, o estanque, mas sim imitar toda a potência criadora da natureza. Diferentemente de Platão, para Aristóteles o êxito da representação artística, *mímesis*, não está ligado à reprodução do modelo, mas sim ao desenvolvimento integral e harmonioso da faculdade mimética (GAGNEBIN, 2005).

Outro ponto em que Aristóteles se afasta de seu mestre Platão é no papel pedagógico da *mímesis* frente às situações consideradas difíceis, como representações de perigos ou da morte. Aristóteles entende que a catarse suscitada pela representação de perigos induz à reflexão e ao aprendizado.

Sinal disto é o que acontece na experiência: nós contemplamos com prazer as imagens mais exatas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância, por exemplo, (as representações de) animais ferozes e (de) cadáveres. Causa é que o aprender não só muito apraz aos filósofos, mas também, igualmente, aos demais homens, se bem que menos participem dele. Efetivamente, tal é o motivo por que se

deleitam perante as imagens: olhando-as, aprendem e discorrem sobre o que seja cada uma delas (e dirão), por exemplo, “este é tal”. Porque, se suceder que alguém não tenha visto o original, nenhum prazer lhe advirá da imagem, como imitada, mas tão-somente da execução, da cor ou qualquer outra causa da mesma espécie (ARISTÓTELES, 1951, p. 107).

Além do papel pedagógico da *mímesis* frente às situações temerosas, Aristóteles aborda no excerto acima um ponto controverso: a necessidade de conhecimento do original para um prazer pleno diante da obra de arte. Ou seja, a teoria sobre *mímesis* até o advento moderno sempre ressaltou a existência do original para a realização plena da *mímesis*. Aristóteles exemplifica essa concepção ao afirmar que a obra de arte só pode ser sorvida em sua íntegra quando se conhece objetivamente o original. Ainda que controverso, pois o original pode se desdobrar em realidades interiores como caráter, sentimento, estados e atividades da alma (SCHWARTZ, 1968), a reflexão é de grande importância nas análises contemporâneas sobre *mímesis*, pois é recorrente a indagação sobre a atual perda dos referenciais originais.

Aproveitando o desvio temporal exposto acima, 25 séculos antes de McLuhan (1999), Aristóteles ressaltou a importância dos meios na geração da *mímesis*, influenciando a expressão e apreensão poética. Para Aristóteles, “consiste, pois, a imitação nestas três diferenças, como ao princípio dissemos – a saber: segundo os meios, os objetos e o modo” (ARISTÓTELES, 1951, p.106). A imitação aristotélica, ou *mímesis*, adianta em 25 séculos a discussão sobre o meio influenciando a expressão e apreensão por meio das faculdades miméticas.

2.2. ENTRE O PERÍODO GREGO E O SÉCULO XX

Após o período clássico até meados do século XX, *mímesis* teve diversas facetas de acordo com as necessidades sociais de cada época. Optamos por apresentar brevemente as contribuições da época, pois a *mímesis* foi gradualmente abandonada no período e consideramos menos relevantes as contribuições da época.

Na Idade Média, sob o nome de *imitatio*, sua relação material e imediata é subvertida com a relação mimética com o divino. Tal relação é central em quase todas as manifestações culturais e justifica o poder político vigente (GEBAUER; WULF, 1995).

No Renascimento, a *mímesis* é retomada dos clássicos como relação entre modelos, mas de forma mais suavizada que em Platão. A disponibilidade de insumos culturais permitidos pela invenção da imprensa e o aumento do número de leitores começa a permitir

a inserção da constelação mimética no mundo social, em especial no teatro, que acaba se tornando um modelo para a realidade social (GEBAUER; WULF, 1995).

Na corte de Luiz XIV, a *mimesis* se organiza numa gigantesca máquina de interpretação. Por meio de efeitos miméticos, a realidade política é transformada em uma história universal cujo destaque central é dado à potência do rei (GEBAUER; WULF, 1995).

Com a emergência da burguesia, o mundo ficcional gerado pelo absolutismo francês começa a ruir. A burguesia começa a trazer para si e para seus dramas existenciais a arte. A *mimesis* começa a se deslocar da representação/imitação da natureza, mundo externo, para a imitação do mundo interno, mundo de eventos mentais e psicológicos. A visão de arte como imitação da natureza começa a ceder espaço para arte como força imaginativa. E, finalmente, Moritz e Kant criticam a relação entre a criação artística e um modelo de mundo existente *a priori*. Moritz e Kant abdicam da relação projetiva da *mimesis* com algum outro mundo, praticamente extinguindo o sentido de *mimesis* (GEBAUER; WULF, 1995).

Lessing e Rousseau retomam alguns temas da *mimesis*, outras manifestações miméticas ocorrem nas obras literárias como a de Balzac, mas o seu ressurgimento teórico propriamente dito ocorre no século XX (GEBAUER; WULF, 1995).

2.3. ESCOLA DE FRANKFURT

No século XX, a *mimesis* é redescoberta para fins teóricos e começam a surgir possibilidades mais amplas de utilizar a temática para abordar questões sociais. Os teóricos da Escola de Frankfurt – Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin – refletiram sobre a origem da *mimesis* e seu papel na sociedade moderna. No presente trabalho, serão analisadas apenas as reflexões de Adorno e Benjamin, pois a contribuição de Horkheimer para a temática foi escrita em parceria com Adorno e será abordada nas contribuições deste último.

2.3.1. THEODOR W. ADORNO

Adorno abordou a *mimesis* diferentemente em duas fases de sua vida. Na primeira fase, elaborada na *Dialética do Esclarecimento* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), a *mimesis* é permeada por uma inclinação negativa. Posteriormente, na *Teoria Estética* (ADORNO, 1988) e na *Dialética Negativa* (ADORNO, 2009), a *mimesis* assume um papel importante na superação da racionalidade instrumental.

A *Dialética do Esclarecimento*, livro escrito em parceria com Max Horkheimer, demonstra o trilhar histórico da racionalização humana e seu aprisionamento no projeto iluminista. O livro expõe o processo pelo qual, ao longo da história, os homens se libertaram das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que ocorreu na filosofia e na ciência, culminando, contudo, na mitologização do esclarecimento, um sistema também totalitário.

Nesse contexto, a *mímesis* aparece inicialmente como um esquema arcaico de autoconservação, “a vida paga o tributo de sua sobrevivência assimilando-se ao que é morto” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 168). Inspirado na ação mimética de animais, Adorno elabora que, entre as técnicas mais primitivas de autopreservação, figura a técnica do dar-se como morto, ou assemelhar-se ao meio, diante de um ambiente hostil. Essa técnica é tida como danosa, pois faz com que o sujeito desista de si mesmo frente a dificuldades, devendo, logo, ser superada e não resgatada.

A libertação das potências míticas da natureza por meio da racionalização levou à superação da *mímesis* arcaica.

O anjo com a espada de fogo, que expulsou os homens do paraíso e os colocou no caminho do progresso técnico, é o próprio símbolo desse progresso. O rigor com que os dominadores impediram no curso dos séculos a seus próprios descendentes, bem como às massas dominadas, a recaída em modos de vida miméticos – começando pela proibição de imagens na religião, passando pela proscricção social dos atores e dos ciganos e chegando, enfim, a uma pedagogia que desacostuma as crianças de serem infantis – é a própria condição da civilização. A educação social e individual reforça nos homens seu comportamento objetivamente enquanto trabalhadores e impede-os de se perderem nas flutuações da natureza ambiente. Toda diversão, todo abandono tem algo de mimetismo. Foi se enrijecendo contra isso que o ego se forjou (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, 168-169).

Forjado pelo progresso técnico, emerge o sujeito cuja característica deve ser a racionalidade, a objetividade e o distanciamento de todas as formas miméticas.

Assusta, contudo, que o processo que reforça nos homens seu comportamento objetivamente enquanto trabalhadores e reprime o esquema primitivo de assemelhar-se ao meio em situações de perigo, abandona também outros modos de vida miméticos intrínsecos ao homem – desacostuma as crianças a serem infantis, torna tabu traços miméticos e toma como vergonhoso qualquer resíduo ou traço rudimentar de *mímesis*. Porém, “o que repele por sua estranheza é, na verdade, demasiado familiar” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.168).

A supressão do mimetismo arcaico faz emergir, graças ao motivo freudiano do recalque, outro tipo de *mímesis*. Assentado no medo individual da regressão ao amorfo, ocorre uma regressão coletiva totalitária, cuja expressão é o fascismo (GAGNEBIN, 2005).

A segunda *mímesis*, ou *mímesis da mímesis*, geraria uma naturalização de certas características e comportamentos – idiosincrasias¹¹. As idiosincrasias, supostamente racionalizadas, despertam nos proscritos o desejo de proscrever e cede à sedução mimética todos os pretextos para a afirmação das idiosincrasias.

Cria-se todo um sistema que incute nas mais tenras idades, de geração em geração, o germe contra a mímica indisciplinada, a favor da suposta racionalidade naturalizada que deve ser preservada (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Dessa combinação, regride-se facilmente às fórmulas fascistas de sentido.

O sentido das fórmulas fascistas, da disciplina ritual, dos uniformes e de todo o aparato pretensamente irracional é possibilitar o comportamento mimético. Os símbolos engenhosamente arquitetados, próprios a todo movimento contra-revolucionário, as caveiras e máscaras, o bárbaro rufar dos tambores, a monótona repetição de palavras e gestos e outras coisas tantas imitações organizadas de práticas mágicas, a *mímesis da mímesis* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.172).

Dá-se, assim, o projeto modernista de racionalização humana, que perpassa a dominação das forças naturais e culmina na racionalização da cultura ocidental – indústria cultural, carregando em si a essência da auto-alienação humana. Para Adorno, a indústria cultural recalca e reprime os desejos e a imaginação, levando as pessoas a anularem sua capacidade criativa em benefício do trabalho racional e instrumental. Nesse contexto, *mímesis* é o retorno ao arcaico ou um processo social de identificação perversa (GAGNEBIN, 2005).

Posteriormente, principalmente na *Teoria Estética*, Adorno crê que a arte seja a instância crítica por excelência que possibilitará uma experiência diferente daquela imposta pela racionalidade instrumental.

Para Adorno, a arte moderna, abstrata, que aponta para o que ainda não existe, que não pode ser conceitualizada, que escapa à instrumentalização (DANNER, 2008), pode se tornar o refúgio do comportamento mimético e trazer a possibilidade de exprimir, por meio de um caráter único e autônomo, e também relacional, a irracionalidade do mundo racional.

A arte é o refúgio do comportamento mimético. Nela, o sujeito expõe-se, em graus mutáveis da sua autonomia, ao seu outro, dele separado e, no entanto, não inteiramente separado. A sua recusa das práticas mágicas, dos seus antepassados, implica participação na racionalidade. Que ela, algo de mimético, seja possível no

¹¹ Do grego, o substantivo feminino idiosincrasia significa: 1 Na medicina, “constituição individual, em virtude da qual cada indivíduo sofre diferentemente os efeitos da mesma causa.” 2 Na psicologia, “qualquer detalhe de conduta peculiar a um indivíduo determinado e que não possa ser atribuído a processos psicológicos gerais, bem conhecidos” (MICHAELIS, 2011).

seio da racionalidade e se sirva dos seus meios, é uma reação à má irracionalidade do mundo racional enquanto administrado (ADORNO, 1988, p. 68).

A possibilidade de conhecimento, re-conhecimento, sem dominação e sem violência, permite novamente o reencontro de camadas da experiência social, reprimidas e cortadas violentamente pela civilização (ADORNO, 1988).

Ou seja, em suas obras finais, Adorno redime o papel da *mímesis*, afirmando que nas obras de arte figuram elementos da velha *mímesis* que, enquanto artefato autônomo e auto-referente, podem tornar novamente acessíveis camadas da experiência social, reprimidas e cortadas violentamente pela civilização. Nesse sentido, *mímesis* demarcaria criticamente as condições em que se encontra o projeto iluminista da modernidade, alertando para a possibilidade de regressão à barbárie (GEBAUER; WULF, 2004).

2.3.2. WALTER BENJAMIN

Walter Benjamin faz uma análise profunda da capacidade mimética em textos como *A doutrina das semelhanças* (BENJAMIN, 1994) e em *Sobre a Capacidade Mimética* (BENJAMIN, 1991), porém outros textos como, por exemplo, *Infância em Berlim por volta de 1900* (BENJAMIN, 1995), trazem elementos importantes para o entendimento da *mímesis* e, principalmente, o desenvolvimento mimético na infância.

A doutrina das semelhanças e *Sobre a Capacidade Mimética*, escritos da fase materialista do autor, podem ser sintetizados como dois textos que analisam o surgimento e desenvolvimento da linguagem a partir de uma capacidade mimética original, que permitiu e permite ao homem descobrir na natureza analogias e correspondências. Para Benjamin, as semelhanças estão objetivamente inscritas na natureza, e ao sujeito corresponde a faculdade subjetiva de perceber essas semelhanças (ROUANET, 2008).

Para melhor compreender Benjamin, é importante ressaltar que sua produção intelectual pode ser dividida em duas etapas, os escritos da juventude, fortemente influenciados pela mística judaica; e, posteriormente, os textos materialistas. Nos primeiros, existe a busca pela reconciliação divina após o pecado original, esta reconciliação permitiria mais uma vez ter acesso à linguagem adâmica, em que a linguagem é a coisa e suas relações. Ou seja, antes do pecado original o ser humano tinha acesso direto à linguagem das coisas, porém, quando este cometeu o pecado original, perdeu essa capacidade que necessita ser re-aprendida no decorrer da vida. No segundo caso, a “reconciliação” se daria com a natureza, que carrega em si objetivamente semelhanças e analogias que deram forma à linguagem (ROUANET, 2008).

Mesmo em sua fase materialista, Benjamin concedeu espaços importantes a fenômenos extra-sensíveis, como manifestações do inconsciente, a tradição teológica, entre outros fenômenos. Esse espaço tornou sua teoria rica e inovadora, mas rendeu ao autor inúmeras críticas de materialistas ortodoxos.

O papel da *mímesis* na teoria benjaminiana é central e original. Benjamin creditou à faculdade mimética codeterminação no desenvolvimento de grande parte, senão de todas, as faculdades superiores dos homens. E advertiu que *mímesis* sempre existiu, o que transmutou no decorrer do tempo foi sua área de concentração (BENJAMIN, 1994). Assim, sua originalidade está em supor uma história da capacidade mimética, ou, em outras palavras, que os processos pelos quais o homem reconhece e produz semelhanças não existem em si, imutáveis e eternos, mas são descobertos e inventariados pelo conhecimento humano de diferentes maneiras, de acordo com as épocas (GAGNEBIN, 2005).

Decorre, logo, que seu olhar sobre a faculdade mimética tem como ponto de partida a história – história filogenética e história ontogenética. E, se o olhar for atento, desvendarse-á paralelos, ou analogias, entre a infância da humanidade e o período infantil do ser humano (TREVISAN, 2000).

A história ontogenética da *mímesis* pode ser desvendada na história dos jogos infantis, nas brincadeiras, no aprender da língua e em muitos processos mais que se iniciam em idades precoces da infância. Para Benjamin (1994), a infância está repleta de elementos miméticos que conduzem a um “adestramento da atitude mimética”. A importância do “adestramento da atitude mimética” reside nas necessidades filogenéticas da época, ou seja, nas diferentes necessidades históricas de reconhecer e gerar semelhanças conscientes e inconscientes para o desempenho de atividades sociais concernentes à época.

A história filogenética da *mímesis* reside nas forças e coisas miméticas da época, pois nem as forças miméticas nem as coisas miméticas permanecem as mesmas no decorrer da história (BENJAMIN, 1994), mas transmutam. Antigamente, as necessidades históricas se deixavam apreender pelos videntes ou sacerdotes que por meio de processos como a “leitura” de entranhas de animais, dos astros, eventos do acaso, ou mediados pelas runas viam o invisível, mas necessário. Na sociedade moderna, contexto em que Benjamin (1994) escreve, o autor acreditou que a *mímesis* se deslocara para a linguagem e para a escrita, “grau último” da capacidade mimética humana, carregando consigo todo o potencial de semelhanças e correspondências.

Se essa leitura a partir dos astros, das vísceras e dos acasos era para o primitivo sinônimo de leitura em geral, e se, além disso, existiram elos mediadores para uma nova leitura, como foi o caso das runas, pode-se supor que o dom mimético, outrora o

fundamento da clarividência, migrou gradativamente, no decorrer dos milênios, para a linguagem e para a escrita, nelas produzindo um arquivo completo de semelhanças extrassensíveis (BENJAMIN, 1994, p. 112).

Aqui é preciso fazer uma observação: a migração das forças miméticas para a linguagem e a escrita não impõe à faculdade mimética o campo da semiótica. A abordagem benjaminiana considera a dimensão semiótica e comunicativa da linguagem como o extrato fundamental para o momento mimético, mas o relampejar que estabelece semelhanças ocorre na dimensão mágica, criadora e fecunda da *mímesis*. Gagnebin (2005) lembra que a atividade mimética é sempre uma mediação simbólica, e nunca somente uma imitação, logo é preciso diferenciar semelhança de reprodução e semelhança de identidade.

Tal como a ponta de um iceberg é apenas uma parte irrisória de toda a composição do iceberg, Benjamin enfatizou que as semelhanças percebidas conscientemente são apenas uma pequena fração das semelhanças percebidas inconscientemente, pois grande parte dos processos miméticos atua de modo extrassensível (BENJAMIN, 1994). E sobre o momento fugaz do reconhecimento das semelhanças, este ocorre de modo arrebatador e único como um relampejar.

O instante, o relampejar, de produção/descoberta de semelhanças está amparado, em grande medida, nas experiências, relações, gostos e sentidos, conscientes ou inconscientes, integrados na infância. Ciente da importância dessa fase, Benjamin analisou dedicadamente o brincar, o brinquedo, os livros infantis e todo o universo real e mágico no qual a criança está inserida, reconhecendo que o aprendizado e a aquisição de experiências ocorrem de forma lúdica e metafórica. Por meio do corpo inteiro a criança entra nas palavras, nos símbolos, nos sentidos, criando seus caminhos estranhos e fundamentais para cada experiência singular.

O momento mimético, o relampejar, carrega em si o potencial de recuperar a linguagem, a história e a memória em oposição ao projeto modernista totalitário e fechado (ROUANET, 2008). Esse relampejar faz ressurgir o passado no presente e conduz à (re)atualização salvadora, possibilitando uma nova configuração do presente e do passado (GAGNEBIN, 2005).

A dimensão redentora apontada acima é crucial para o entendimento da crítica benjaminiana ao projeto modernista. Benjamin, estudioso de Charles Baudelaire, encontra na obra do poeta duas dimensões que caracterizam o projeto modernista, ou seja, o “tempo devorador e vazio da modernidade e o tempo pleno e resplandecente de um lembrar imemoriável” (GAGNEBIN, 2005, p. 150). No primeiro tempo, a experiência (*Erlebnis*) ocorre no plano dos choques e é vivida individualmente e fragmentada, esvaziando o aprendizado histórico e podendo conduzir à barbárie. No segundo tempo, a experiência (*Erfahrung*)

corresponde a um tempo pleno de sentido, que se ampara na experiência histórico-cultural e evitaria o retorno a projetos autoritários e genocidas.

Atualmente, ainda que a reflexão sobre a temática tenha avançado, as contribuições benjaminianas são evidentes, por exemplo, quando Fredric Jameson reflete sobre os perigos do mundo de esquizofrenia atual, cuja definição é o rompimento entre a cadeia de sentido passado, presente e futuro (JAMESON, 1996).

2.4. AUTORES CONTEMPORÂNEOS

Além dos teóricos já elencados, vale destacar a produção de Erich Auerbach, referência no resgate da *mimesis* com a obra *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental* (AUERBACH, 1971), publicada em 1953; René Girard com suas contribuições para a temática *mimesis* e violência humana; Paul Ricoeur e sua abordagem da *mimesis* em *Temps et récit* (RICOEUR, 1983); Jacques Derrida e, mais atualmente, o resgate feito por Günter Gebauer e Christoph Wulf.

No presente trabalho, para mantermos a coerência com o problema proposto, optamos por expor as contribuições de Jacques Derrida e de Günter Gebauer e Christoph Wulf, sendo que dos últimos autores nos ateremos ao seu enfoque social de *mimesis*.

2.4.1. JACQUES DERRIDA

O filósofo Jacques Derrida fez contribuições mais recentes sobre a temática. Seus escritos datam do início da década de 1960 e se estendem até meados dos anos 2000. Suas obras mais importantes para a temática são *A farmácia de Platão* (DERRIDA, 2005), *La double séance* e *Economimesis*. Porém, é possível refletir que todo o “método” de Derrida tem uma abordagem mimética.

Derrida em suas obras elaborou complexos (não-)esquemas que ilustram um (não-)método filosófico de desconstrução, de abalo, de redescoberta e também de re-perder-se, que constitui-se em cada momento e não é definível. Assim como o (não-)método de desconstrução, a *mimesis* de Derrida se encontra no meio, na relação, na amálgama, na dobra, não podendo ser definida, mas apenas ilustrada.

Para Derrida, o ponto central é o conceito de texto. Textos que nunca são origem, nem interior, nem exterior, mas sempre duplo. Todo texto está em relação mimética com outro texto. Textos repetem outros textos. Escrever, assim como ler, nunca é a primeira leitura, mas sempre uma duplicação. Não existe, logo, modelo originário, o que existe são

relações presentes (GEBAUER; WULF, 1995, 2004). Toda relação entre obras existe somente por meio da invenção e reinvenção ativa dessa relação.

A dissimulação da textura pode, em todo o caso, levar séculos para desfazer seu pano. O pano envolvendo o pano. Séculos para desfazer o pano. Reconstituindo-o, também, como um organismo. Regenerando indefinidamente seu próprio tecido por detrás do rastro cortante, a decisão de cada leitura. Reservando sempre uma surpresa à anatomia ou à fisiologia de uma crítica que acreditaria dominar o jogo, vigiar de uma só vez todos os fios, iludindo-se, também, ao querer olhar o texto sem nele tocar, sem pôr as mãos no “objeto”, sem arriscar a lhe acrescentar algum novo fio, única chance de entrar no jogo tomando-o entre as mãos. Acrescentar aqui não é senão dar a ler (DERRIDA, 2005, p.7).

Por meio da desconstrução, é possível reler e reescrever constantemente os rastros presentes dos textos. Todos os textos, repletos de dobras e rachaduras, permitem sempre uma duplicação diferente. Para Derrida, a diferença é a dimensão fecunda, frutífera, que multiplica textos e significados, mas significados sempre indeterminados e imunes ao fechamento de seu significado em si (GEBAUER; WULF, 1995, 2004).

A abordagem mimética de textos, por meio da exigência do toque, da mão, do acréscimo, “única chance de entrar no jogo” (DERRIDA, 2005, p.7), coloca seus elementos e posições em movimento, tornando impossível identificar o original de um texto. Incorre-se sempre em um duplo, delicado duplo entre o que foi posto e que é recriado nas redes singulares de remissões dos signos.

Para ilustrar o caráter duplo, intermediário, dos textos, Derrida lança mão de inúmeras metáforas, tal como o hímen. O hímen remete à virgindade, e à união matrimonial. Hímen está entre o desejo e a plenitude, entre a duração e a memória, e não é nem futuro nem passado, mas ambos (GEBAUER; WULF, 1995).

Na perspectiva do hímen, toda invasão e todo desmonte de textos são únicos e não generalizáveis. Emerge, portanto, uma singularidade e vacuidade radical em cada relação mimética, característica que desestabiliza a idéia ou conceito de Verdade universalmente percebido como constante. Nada mais constante, desloca-se toda coerência interna e conceitual, e coesão ontológica e estrutural indiferenciada à volta de qualquer ideia ou conceito de Verdade (WOLFREYS, 2009).

Decorre da afirmação acima que *mímesis* não existe fora da sua relação e fora de cada relação mimética singular não existe certo, verdade, realidade, imitação, repetição e errado.

Sem original, a *mímesis* se estabelece somente na escrita, nova escrita, fundamental em cada processo de desconstrução. Sem um logocentrismo, sem um parâmetro lógico,

sem um original, todo espaço, toda dobra, todo hímen, toda ambiguidade, toda indeterminação, é um espaço possível para o impulso mimético.

Portanto, para Derrida, o caráter mimético acontece, não entre o real e o texto, mas dentro de textos (GEBAUER; WULF, 1995). No momento ausente e presente da leitura e escrita, a continuidade do significado é destituída, ocorrem quebras, concentrações e deslocamentos, formando um jogo que implanta o duplo diferente.

2.4.2. GÜNTER GEBAUER E CHRISTOPH WULF

A abordagem mimética já é referência nas artes e na filosofia, ainda assim um movimento importante procura estender esta abordagem para o campo social.

Mímesis social, assim como *mímesis*, é um conceito de difícil, ou impossível, delimitação, mas que carrega algumas características que serão expostas a fim de ilustrar a abordagem social de *mímesis*.

Em acordo com os teóricos da *mímesis* social, partimos do pressuposto de que o homem é também seu meio e o meio é influenciado pelo homem. Existem relações singulares entre o mundo individual e os múltiplos mundos que circundam os sujeitos e, por meio de diferentes relações dinâmicas, traços e características são integrados de um mundo em um outro mundo.

A mimese social é caracterizada através de referências de um mundo construído ao outro, e através de um caráter representativo, demonstrativo ou condutivo. A referência é uma apropriação metafórica ou literal no sentido de uma integração de caracteres de um mundo no próprio mundo. Fazer referência e demonstrar não devem ser pensados como dois atos separados, eles constituem dois graus do mesmo ato ligados um ao outro: um grau primário da recepção e da própria forma de um outro mundo, assim como um grau secundário sobre o qual se dá distanciadamente a relação com o “primeiro mundo” remodelado. O demonstrar cria um novo contexto, um tipo de moldura, que dá à ação em geral um novo significado sobreposto, tomando aquele original, mas transformando-o (GEBAUER; WULF, 2004, p. 119).

A caracterização acima salienta a relação dinâmica no processo de *mímesis* social. Ora um mundo serve de referência para integração de caracteres, ora o outro é o “original”, sendo que, nas múltiplas relações entre mundos existentes, inúmeros mundos se relacionam concomitantemente.

O processo de integração de traços e características, pautado em um (uns) mundo(s) de referência, atua em muitas esferas do constituir-se humano e, portanto, da geração de um substrato sócio-cultural integrado e dotado de sentidos. Referências sociais, imagens,

exemplos e modelos fazem com que sujeitos incorporem valores, relações/jogos sociais, tradições, conhecimento, ritmo temporal, normas sociais, saberes práticos e formas de se colocar no mundo. Essas referências geram uma certeza provisória, essencial para o agir social.

A mimese social não é nenhum processo interior; ao contrário, ela se expressa no agir. Ela produz seguranças, certezas, e aquele tomar por verdadeiro que constroem um fundamento do agir, um tipo de fio condutor com o qual o agente se movimenta para frente, que lhe permite dar um passo atrás do outro e lhe dá um conhecimento limitado, mas tranqüilo, de como ele deve continuar a agir. Não há nenhum fundamento racional para esse agir, muito menos um fundamento último (GEBAUER; WULF, 2004, p. 125).

O processo entre o eu e o outro, uma categoria aberta de constituição mútua, tal como o jogo, tem fortes traços de situações concretas e está intimamente ligado à dimensão imagética, táctil e corporal. Atuando contra processos de abstração social, a esfera corporal, imagética e táctil do agir social desempenha um papel crucial, pois é o nível mais profundo no qual a regularidade é instituída (GEBAUER; WULF, 2004).

Sobrevém aqui um ponto importante. Para a *mímesis* social ser efetiva no processo de integração de comportamentos sociais, do ritmo temporal, de valores e outros traços de um mundo em outro, é decisivo que as instituições sociais emprestem continuidade e duração aos processos miméticos, criando uma memória social que traz elementos passados para o presente (WULF, 2008).

Continuidade e duração de certas práticas sociais e culturais reafirmam certos aspectos da memória social e, com o passar do tempo, em sujeitos que se dedicam a práticas sociais e culturais comuns, é formado um *habitus* semelhante.

Ao contrário da crença da existência de uma identidade, a perspectiva da *mímesis* social se propõe a reconhecer o homem se constituindo de acordo com o outro, na relação com o outro (GEBAUER; WULF, 2004).

A ênfase na relação intermediária entre o exterior e o interior, entre homens singulares, entre as coisas e as imagens interiores das coisas, é crucial para o entendimento de *mímesis* social. *Mímesis* social é agir como se alguém fosse outro, se apropriando de apresentações e cenas, mas também lançar mão do imprevisível, livre e criativo, enquanto somente um processo de mimetismo leva à adaptação do já existente, do paralisado, do sem vida. Porém, em sua dimensão criativa, pode levar a experiências vivas do mundo exterior, do outro e da própria pessoa, recusando a subordinação estreita a objetivos e a funcionalização, conduzindo a processos experimentais e planejáveis de maneira limitada (GEBAUER; WULF, 2004).

Para Grigorowitschs (2010), diferentemente da perspectiva criativa tradicional, que atribuiu ao sujeito solitário a capacidade criativa, na perspectiva social de *mímesis*, o caráter criativo é pensado sempre nas relações com o outro.

Na educação, a *mímesis* social desempenha um papel importante. Por meio da *mímesis* social, crianças aprendem rituais, gestos, papéis sociais, fala etc. *Mímesis* também atua na educação enquanto disputa de poder pela criação de mundos simbólicos, de poder de representar-se e representar o outro, e de interpretar o mundo com uma idéia própria (GEBAUER; WULF, 2004).

A título de ilustração, Piaget (1978), em *A formação do símbolo na criança*, publicado no ano em 1896, faz uma ampla análise sobre a imitação, o jogo e o lúdico no desenvolvimento de esquemas motores e da capacidade representacional. Pontos amplamente refletidos na abordagem social de *mímesis*.

Ademais, crianças querem ser em parte iguais a adultos, assim como também querem ser como outras crianças e inclusive como imagens mentais que admiram. Nesse processo compõem sua própria individualidade e unicidade. Sem essas referências, as crianças não se tornam nem indivíduos nem seres sociais (WULF, 2008).

A mimese, enquanto capacidade de compreender, expressão e representar formas de comportamento humano, ações e situações, registra as normas institucionais e individuais presentes em situações e ações sociais sem que estas sejam conscientes ao agente. As crianças já imitam desde cedo ações complexas, e simbolicamente codificadas, sem ter consciência delas e dos valores e normas nelas contidas. Como a apropriação de posições, valores e competências executadas pela percepção ela esbarra em diversos moldes referenciais, e os resultados da mimese social também irão se diferenciar em cada homem (GEBAUER; WULF, 2004, p.127-128).

Wulf (2008) ressalta, por exemplo, que, nos anos iniciais da educação básica, imagens, esquemas, representações de outras pessoas, de situações sociais e acontecimentos são incorporados criando o mundo mental de imagens nas crianças.

Além da criação do universo simbólico do sujeito, *mímesis* tem forte peso no processo de interação e aprovação social e integra múltiplas competências sociais. Todavia, relações miméticas não se resumem às suas facetas positivas, é possível, por meio de comportamentos miméticos, acentuar a opressão a grupos sociais e comportamentos negativos.

Processos miméticos não ocorrem somente entre sujeitos, mas também com lugares, espaços, relações imaginárias, cenas etc. Por exemplo, cenas de filmes oferecem modelos de conduta, lendas folclóricas reiteram crenças, o universo religioso é repleto de relações imaginárias que mediam valores e lugares inspiram diferentes experiências estéticas.

Entre as primeiras referências humanas para o desenvolvimento de relações miméticas costumam figurar os pais, os familiares próximos, os professores, os pares (amigos da mesma faixa etária que frequentam a mesma escola, rua, clube etc), outros atores de instituições de ensino e, mais recentemente, as mídias.

Especialmente as crianças e jovens vêm, nas últimas décadas, aprendendo com mídias. Televisão, filmes e seriados oferecem modelos, ou exemplos, que os sujeitos em formação vão incorporando à medida que com eles convivem. Também o computador vem desempenhando um papel importante na formação intelectual e social, mas, segundo Wulf (2008), existe uma carência de estudos nessa área.

Curtir é "se fazer presente".

Anônimo

3. PROBLEMA

À medida que buscamos por referências teórico-metodológicas para analisar relações miméticas no ambiente das redes sociais digitais, confirmamos a constatação de Wulf (2008) sobre a escassez de estudos na área de *mímesis* e mídias digitais.

Entre os estudos encontrados sobre redes sociais digitais, existe uma produção significativa pautada pelos interesses de empresas privadas visando à eficácia de ações publicitárias e à construção de marcas e reputações e alguns estudos que utilizam a metodologia de Análise de Redes Sociais - ARS, ou *Social Network Analysis*, e investigam, principalmente, as relações entre os atores que compõem uma rede. Todavia, constatamos que a metodologia de ARS tem uma tendência empírica e se caracteriza por tentar medir relações, laços e interações sociais. Quando buscamos estudos que analisam o fenômeno das redes sociais na Internet sob a ótica educacional e das relações miméticas para a produção de sentido, a produção intelectual se torna escassa.

A existência de poucos estudos que pudessem contribuir para a presente investigação fez com que tivéssemos que retornar ao referencial teórico da pesquisa e ao problema, para gradualmente delinear as estratégias metodológicas e analíticas que pudessem captar alguns traços das relações miméticas estabelecidas nas redes sociais e, em especial, no ato de "curtir".

Após esse retorno, dois conceitos chaves se mostraram essenciais para elaborar um olhar mimético para fenômenos sociais e qualificar os objetivos da pesquisa.

3.1. CONCEITOS CHAVES

Uma vez definida uma abordagem mimética de fenômenos sociais, muitas possibilidades se apresentam para investigar os sujeitos nas práticas sociais (re)-descobrendo sentidos por meio de relações de semelhanças e diferenças.

Platão, com a alegoria dos espelhos, da imitação, atribui à *mímesis* a força de reprodução do não real (PLATÃO, 2007). Redescobre-se, logo, uma falsa realidade.

Aristóteles (1951) atribui à *mímesis* um sentido positivo e central no constituir-se humano e no aprender. Por meio da *mímesis*, o sujeito descobre *physis*, a natureza, e suas relações e a descoberta da força criadora da natureza é intrinsecamente prazerosa.

Adorno, em suas obras iniciais, credita à *mímesis* uma herança arcaica negativa de dar-se como morto diante de um perigo, isto é, uma recusa da existência. Também a *mímesis* da *mímesis* é uma alienação de si, pois o medo individual da regressão ao amorfo conduz a uma regressão coletiva totalitária, cuja expressão é o fascismo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Porém, em uma segunda fase, Adorno (1988) reabilita o papel da *mímesis* na arte, pois esta possibilita, por meio de seu caráter único e autônomo, a crítica à racionalidade instrumental e o reencontro ou re-conhecimento, sem dominação e sem violência, de camadas reprimidas e cortadas da experiência social.

No presente trabalho, dois conceitos e suas respectivas reflexões se mostraram fundamentais. O conceito de história/ referências miméticas e o de texto.

3.1.1. HISTÓRIA/REFERÊNCIAS MIMÉTICAS

Benjamin (1994), assim como Aristóteles (1951), salienta o papel pedagógico de *mímesis*. A faculdade mimética, entre as mais importantes faculdades superiores dos homens, permite o reconhecimento de relações entre o universo simbólico do sujeito e outros universos simbólicos, materiais e imateriais, possibilitando a experiência e o aprendizado. O momento da experiência rompe a dicotomia passado-presente, sujeito-objeto, interior-exterior, liberando uma nova configuração dos sentidos.

A teoria benjaminiana, teoria da linguagem, memória e experiência, afirma que na época moderna grande parte do universo mágico das relações miméticas teria migrado para a linguagem. Escrita e leitura recorrem constantemente a processos de abstração linguística em que os leitores e escritores enchem de imagens, sons e sabores o que leem e escrevem. Para que seja atribuída vida à leitura e à escrita, é necessário recorrer ao arcabouço simbólico, sensível e extra-sensível, de experiências que foram integradas no decorrer da vida. Por meio de analogias e semelhanças, imagens e sentidos apreendidos no decorrer da história de vida dão sentido à experiência da leitura e escrita.

Como já mencionado, a originalidade da teoria benjaminiana reside na atribuição de uma história à *mímesis*, ou seja, Benjamin salienta que *mímesis* sempre existiu, o que transmuta no decorrer do tempo é sua área de concentração (BENJAMIN, 1994), sendo que a história da *mímesis* se desdobra essencialmente em duas: a história ontogenética e a história filogenética.

Benjamin atribui especial atenção à infância no processo de elaboração do universo simbólico que é posteriormente resgatado por meio da faculdade mimética, nos momentos singulares da experiência sensível. Nesta fase, inicia-se a estruturação da linguagem e da

memória, substrato sobre o qual o mundo interior e exterior é elaborado e constantemente acessado, alterado, acrescido e esquecido nas muitas experiências desenvolvidas no decorrer da vida.

A grande atenção cedida à fase infantil se justifica por inúmeros motivos, entre eles, é possível destacar alguns. Primeiro, na infância, a relação da criança com o meio, real e simbólico, é extremamente intensa e se faz por meio de um processo de imersão, crianças imergem em lugares, objetos, palavras e toda a constelação a sua volta, assemelhando-se a moinhos de vento, palavras, sentidos e memórias. Segundo, por se tratarem das primeiras referências, estas serão o ponto de partida para experiências futuras.

Especialmente no texto *Infância em Berlim por volta de 1900* (BENJAMIN, 1995), Benjamin demonstra muitos exemplos autobiográficos de como o mundo de dentro-fora toma forma na criança por meio de relações miméticas. Suas lembranças se identificam com quartos, espaços, roupas e corpos que, quando resgatados pela memória, voluntária e involuntária, podem ser tocados, mudados, descobertos e redescobertos.

Assim quis o acaso que, certo dia, se falasse em minha presença a respeito de gravuras de cobre. No dia seguinte, colocando-me sob uma cadeira, estiquei para fora a cabeça – a isto chamei de “gravura de cobre”¹². Mesmo tendo desse momento deturpado a mim e às palavras, não fiz senão o que devia para tomar pés na vida. A tempo aprendi a me mascarar nas palavras, que, de fato, eram como nuvens. O dom de reconhecer semelhanças não era mais que um fraco resquício da velha coação de ser e se comportar semelhantemente. Exercia-se em mim por meio de palavras. Não aquelas que me faziam semelhante a modelos de civilidade, mas sim às casas, aos móveis, às roupas (BENJAMIN, 1995, p.99).

Ironicamente, a fase descrita acima carrega dois movimentos aparentemente paradoxais: por um lado, a criança beira o mimetismo ao se tornar o meio, por outro lado, experimenta o poder mágico de moldar espaços, objetos, palavras. De importância ímpar, o processo irônico descrito leva à acumulação de semelhanças e correspondências e torna o mundo familiar à criança, tal qual um lar.

Benjamin responsabiliza principalmente a brincadeira e o jogo pelo “adestramento da atitude mimética” (BENJAMIN, 1994). Brincar e jogar levam a criança a se expressar e nomear o mundo a sua volta. Estruturam-se, assim, linguagem e memória, pontos fundamentais para a ação social.

Segundo o teórico da Escola de Frankfurt, a importância do “adestramento da atitude mimética” reside nas necessidades filogenéticas de uma época. Ou seja, as diferentes

¹² No texto original, há um trocadilho entre *Kupferstich* (gravura de cobre) e *Kopfverstich* (ação de esticar a cabeça) (BENJAMIN, 1995).

necessidades biológicas e sociais, conscientes e inconscientes, de uma época pautam a geração e o reconhecimento de semelhanças fundamentais para o desempenho de atividades sociais.

Walter Benjamin fez significativas contribuições para o entendimento da história ontogenética de *mímesis*, mas sua teoria pouco esclareceu os processos que elaboram a história filogenética de *mímesis*.

Afortunadamente, a lacuna mencionada acima foi bem preenchida pelos teóricos da *mímesis* social que demonstraram e caracterizaram os processos pelos quais as necessidades sociais, conscientes e inconscientes, concernentes a uma época são integradas em sujeitos.

Günter Gebauer e Christoph Wulf demonstraram que a integração de caracteres sociais fundamentais de uma época ocorre por meio da vinculação de referências sociais – imagens, exemplos e modelos.

A referência social serve de base para a apropriação metafórica ou literal no sentido de uma integração de caracteres de um mundo de um sujeito em outro mundo de outro sujeito e media nestes momentos valores, jogos sociais, tradições, conhecimento, ritmo temporal, normas, competências, identidades sociais, saberes práticos e outros substratos sócio-culturais importantes para a vida em sociedade (GEBAUER; WULF, 2004).

O processo de integração de caracteres sociais entre um sujeito e outro não ocorre de modo unidirecional e em um sistema fechado, mas é uma categoria aberta e de constituição e reconstituição mútuas. Ao contrário da crença na existência de uma identidade comum em grupos e sociedades, caminha-se para a perspectiva de reconhecer o sujeito como se constituindo de acordo e na relação com o outro. Diversos moldes referenciais oferecem posições, valores e competências que são integradas de modo diferenciado de sujeito para sujeito (GEBAUER; WULF, 2004).

Porém, acredita-se que, assim como em um jogo em que os jogadores que se dedicam ao mesmo jogo por um período de tempo formam um *habitus* semelhante, também sociedades e grupos têm *habitus* semelhantes (GEBAUER; WULF, 2004).

No jogo mimético, são registradas normas institucionais e individuais, presentes em situações e ações sociais, muitas vezes sem que estas sejam conscientes ao sujeito. Acrescenta-se que, tal como um jogo tem fortes traços de situações concretas, também a *mímesis* social é especialmente ligada ao plano imagético, tátil e corporal (GEBAUER; WULF, 2004).

Como já enfatizado por Benjamin, o “adestramento da atitude mimética” em crianças ocorre desde cedo. Crianças imitam ações complexas e simbolicamente codificadas sem

terem consciência delas e dos valores e normas nelas contidas. Porém, é exatamente nessa fase que se inicia a veiculação mimética de rituais, gestos, papéis sociais e signos.

Destaca-se que crianças, assim como sujeitos maduros, não querem ser apenas iguais a outros sujeitos, querem também ser como imagens mentais que admiram, lugares, espaços, representações artísticas, relações imaginárias e outras imagens produzidas nas diversas mídias.

Nessa perspectiva, as relações miméticas entre sujeitos elaboram e integram valores, jogos sociais, tradições, conhecimento, ritmo temporal, normas, competências, identidades sociais, saberes práticos e outros substratos sócio-culturais importantes para a vida em sociedade. Ou seja, *mímesis* social é agir como se fosse o outro, apropriando-se de apresentações e cenas. Todavia, uma dimensão fundamental é negligenciada: a dimensão criativa.

Tomando como pressuposto que as necessidades sociais mudam constantemente no decorrer da história, *mímesis* social não pode se resumir a adaptação e imitação. *Mímesis* social também é criatividade, liberdade e imprevisibilidade frente aos novos desafios sociais que surgem.

3.1.2. TEXTO

Após demonstrar as principais dimensões que compõem o substrato simbólico pessoal e social de um sujeito fruto de uma circunstância histórica, convém refletir sobre a tessitura dos elementos simbólicos pessoais e sociais na experiência singular do presente subjetivo.

Para Derrida, tal como a criança joga com lugares, palavras e memórias, deve-se jogar com textos. A língua e seus textos são, portanto, o *habitat* natural das atividades filosóficas e sociais.

Jogar com textos é desarticular e deslocar sentidos e tradições de leitura e suplementar mimeticamente novas possibilidades de significação. Um texto nunca está fechado em si, permanecendo sempre aberto ao acréscimo do outro. Um texto não nasce solto no espaço, ele vem como resposta a outros que o precedem, assim como possibilita novas leituras-escrituras.

A falha, a dobra, o enigma entre o texto e o leitor exigem sempre a invenção e a reinvenção. Escrever, assim como ler, desloca-se sobre o caráter duplo de cada fragmento e incorre no duplo. A imagem de *phármakon* pode ser tomada com um fértil exemplo do caráter duplo de cada texto. *Phármakon* é remédio e veneno, conota alívio e sofrimento e

não permite a escolha de um sentido ou do outro, mas requer a concomitância de todos os sentidos.

Portanto, na concepção derridariana, não existe modelo originário, o que existe são relações presentes (GEBAUER; WULF, 1995, 2004), que só existem na invenção e reinvenção ativa dessas relações.

Seria preciso, pois, num só gesto, mas dobrado, ler e escrever. E aquele que não tivesse compreendido nada do jogo sentir-se-ia, de repente, autorizado a lhe acrescentar, ou seja, acrescentar não importa o quê. Ele não acrescentaria nada, a costura não se manteria. Reciprocamente, aquele que a “prudência metodológica”, as “normas de objetividade” e os “baluartes do saber” impedissem de pôr aí algo de si também não leria. Mesma tolice, mesma esterilidade do “não sério” e do “sério”. O suplemento de leitura ou de escritura deve ser rigorosamente prescrito, mas pela necessidade de um jogo, signo ao qual é preciso outorgar o sistema de todos os seus poderes (DERRIDA, 2005, p.7-8).

A prescrição de um jogo que exige o suplemento incorre necessariamente na diferença, na dimensão fecunda, frutífera, que multiplica textos e significados, estes sempre indeterminados e imunes ao fechamento de seu significado em si (GEBAUER; WULF, 1995, 2004).

A singularidade e vacuidade radical de cada leitura e escritura desestabiliza qualquer “Ideia” ou conceito de “Verdade” universalmente percebido como constante. Sem nenhum parâmetro lógico, sem nenhum original, todo espaço, toda dobra, toda ambiguidade, toda indeterminação é um espaço que exige a invenção e, portanto, o impulso aditivo.

Entre os inúmeros pensadores que criticaram as dicotomias do pensamento ocidental e sua tendência para o logocentrismo, Derrida ressalta que o significado é inseparável do significante, não existe a coisa fora de suas relações, não existe a coisa fora das redes de remissões dos signos e toda incursão nas redes de remissões de signos é necessariamente singular e não reprodutiva, sendo sempre portadora da diferença e do duplo.

Em resumo, jogar derridarianamente com textos é subverter as próprias suposições, reconstituir movimentos paradoxais, desconjuntar valores de verdade e significados e acrescentar. A desconstrução aponta para a possibilidade de escrever não mais como representação, mas como a infinitude do seu próprio “jogo” (CEIA, 2009). No momento ausente e presente da leitura e escrita, a continuidade do significado é destituída, ocorrem quebras, concentrações e deslocamentos, formando um jogo que exige o duplo e a diferença.

3.2. CONTEXTO E OBJETIVOS

A afirmação benjaminiana sobre existência de uma história da *mímesis* que transmuta no decorrer do tempo e que se desdobra essencialmente em duas, a história ontogenética e a história filogenética, abre um interessante flanco de investigação.

Na infância, ou fase ontogenética, o sujeito estrutura linguagem e memória, bem como elabora grande parte do universo simbólico que é posteriormente resgatado por meio de semelhanças e diferenças em momentos singulares da experiência sensível.

A importância do adestramento da atitude mimética (BENJAMIN, 1994) em idades precoces do sujeito reside nas necessidades filogenéticas de uma época, ou seja, nas diferentes necessidades biológicas e sociais, conscientes e inconscientes, de uma época, que pautam em grande medida a geração e o reconhecimento de semelhanças e diferenças fundamentais para o desempenho de atividades sociais.

As necessidades sociais de uma época são integradas nos sujeitos por meio de referências sociais – imagens, exemplos e modelos, que mediam inúmeros componentes sociais como valores, jogos sociais, tradições, conhecimento, ritmo temporal, normas, competências, identidades sociais, saberes práticos e outros substratos sócio-culturais importantes para a vida em sociedade.

A integração, ou tessitura, de elementos textuais novos com as referências subjetivas passadas ocorre em todo espaço, toda dobra, toda indeterminação textual presente e passada. A língua e seus textos, base sobre a qual as atividades filosóficas e sociais ocorrem, oferecem a trama sem a qual a coisa não existe. Nada existe fora de suas relações e toda incursão nas redes de remissões de signos é necessariamente singular e não reprodutiva. Sem nenhum original, toda dobra, toda ambiguidade é um espaço que exige a invenção e, portanto, o impulso aditivo. A prescrição deste jogo que exige o suplemento incorre necessariamente na diferença das relações passadas e presentes. Recorrendo ao romance de Marcel Proust, *mímesis* pode ser imaginada como a (re-) descoberta de “um tempo perdido”¹³, tempo que é ao mesmo tempo resgate do passado e criação, tradição e novidade, semelhança e diferença, gerando uma experiência sensível que produz sentido para a existência subjetiva.

Interessa-nos particularmente a experiência (*Erfahrung*) que gere um sentido amplo e esteja amparada na experiência histórico-cultural e divirja da experiência (*Erlebnis*) vivida individualmente e fragmentada.

¹³ No início do século XX, Marcel Proust escreveu um grande romance denominado *À la recherche du temps perdu*, em português, *Em busca do tempo perdido*.

Uma vez destacadas as referências subjetivas e a trama na qual as relações miméticas são estabelecidas, localizaremos as atuais relações miméticas em seu contexto sócio-técnico.

Assumimos que os meios, ou mídias, configuram e controlam “a proporção e a forma das ações e associações humanas” (MCLUHAN, 1999, p. 23) e condicionam (LEVY, 1996) as possibilidades de criação de redes de remissões de signos, e que as necessidades sociais de um período histórico influenciam a história filogenética da *mímesis* e esta atua sobre a história ontogenética (BENJAMIN, 1994). Acreditamos que a trama digital contemporânea deve ter significativos impactos sobre as relações miméticas estabelecidas em seus ambientes.

Se olhássemos para a *mímesis* com a vacuidade e singularidade radical idealizada pelas reflexões filosóficas de Derrida, dificilmente investigaríamos cientificamente fenômenos miméticos. Deixando de lado esta reflexão derridariana, olharemos para os fenômenos miméticos contemporâneos na perspectiva de Günter Gebauer e Christoph Wulf. Acreditamos que, tal como em um jogo em que os jogadores que se dedicam a um mesmo jogo por um período de tempo formam um *habitus* semelhante (GEBAUER; WULF, 2004), devem existir semelhanças no *habitus* proporcionado pelos ambiente digitais.

A escolha do “curtir” como objeto de estudo no contexto da rede social Facebook ocorreu devido a sua ampla presença no ambiente digital e sua porosidade subjetiva, que auxilia na análise de relações miméticas.

Como já foi mencionado na introdução do trabalho, 750 milhões de pessoas são usuários ativos do Facebook, por volta de dez mil novas páginas por dia são integradas ao sistema do Facebook por meio do *plugin* curtir, totalizando mais de 2,5 milhões de páginas (FACEBOOK, 2011). “Curtir” está presente em inúmeras mídias digitais e um contingente crescente de sujeitos ingressa no universo da rede social Facebook e inevitavelmente se depara com o curtir.

A dimensão porosa do curtir reside, principalmente, nas possibilidades polissêmicas do conceito, que permite sua constante reinvenção e, logo, o acesso a dimensões criativas frente às necessidades sociais do presente. Beirando a brincadeira, o curtir permite o acesso a dimensões esquecidas, cotidianas e fugazes dos sujeitos, que se divertem no ambiente das redes sociais.

Uma vez definida a questão central do trabalho – o que é (re)-descoberto por meio de relações miméticas no momento singular de “curtir”? – advém o desafio de tornar operacionalizável uma pesquisa com a pretensão de sondar dimensões subjetivas cotidianas. Para que a investigação se tornasse possível e fecunda, foi necessário delinear os objetivos do trabalho.

Após reflexões, consolidamos o seguinte objetivo geral do trabalho:

- Identificar e analisar adições, inserções e manifestações subjetivas dos sujeitos contemporâneos no ambiente da rede social Facebook.

Porém, diante da abrangência do objetivo geral do trabalho, consideramos importante especificar o objetivo geral em três objetivos específicos:

- A) Identificar as adições subjetivas realizadas na rede social Facebook, bem como sua frequência.
- B) Analisar as relações miméticas estabelecidas no Facebook no momento singular do curtir, buscando por referências, meios/mídias utilizados e adições subjetivas posteriores motivadas pela ação de curtir.
- C) Qualificar as relações miméticas encontradas sob o prisma das referências ontogenéticas e filogenéticas, das mídias e das ações posteriores.

Ainda que amplos e numerosos, estes objetivos permitem uma primeira leitura de fenômenos miméticos no ambiente das redes sociais digitais, que poderão, posteriormente, ser aprofundados em outros estudos.

Curtir é "é clicar no botãozinho curtir."

Anônimo

4. METODOLOGIA

A escassez de estudos na área de *mimesis* e mídias digitais exigiu que nos apropriássemos de diversas estratégias metodológicas para investigarmos os objetivos propostos.

Em linhas gerais, a presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa exploratória e descritiva, ainda que procedimentos quantitativos descritivos tenham sido utilizados para melhorar a compreensão acerca do problema.

Utilizamos técnicas e procedimentos de diversas concepções teórico-metodológicas que pudessem ser integrados à investigação sem contradizerem nossa abordagem conceitual.

A abordagem conceitual do presente trabalho assenta-se sobre as teorias de Walter Benjamin, Günter Gebauer e Christoph Wulf e Jacques Derrida e, principalmente, sobre os conceitos: história/referências miméticas e texto.

O corpus analisado foi coletado por meio de um questionário composto por questões fechadas e abertas. A aplicação do questionário ocorreu de modo assistemático e não utilizou procedimentos de amostragem, inculcando, portanto, um viés amostral.

Na fase de análise, diversos procedimentos foram utilizados para captarmos adições textuais miméticas no ambiente da rede social Facebook. Utilizamos inicialmente o procedimento descritivo quantitativo e qualitativo seguido do procedimento comparativo, que utilizou a técnica de associação por similaridade. Partimos da ideia de que, para que haja uma análise de um produto cultural, é necessário desmontar, diferenciar e relacionar os distintos textos que se entrecruzam no contexto cultural das redes sociais.

Tal como Derrida, definimos texto de forma ampla. Toda manifestação cultural pode ser entendida como uma manifestação textual que nunca é a origem, nem o interior, nem o exterior, mas sempre duplo, estando em relação mimética com outro texto. Assim, consideramos a descrição do "curtir" e as circunstâncias que o originaram como um emaranhado textual passível de desconstrução e reflexão.

Na perspectiva de Günter Gebauer, Christoph Wulf, Pierre Levy e Marshall McLuhan, compreendemos as relações miméticas como um jogo em que os jogadores que se dedicam a um mesmo jogo por um período de tempo formam um *habitus* semelhante (GEBAUER; WULF, 2004). Este jogo é influenciado pelos meios, ou mídias, que condicionam (LEVY, 1996) "a proporção e a forma das ações e associações humanas"

(MCLUHAN, 1999, p. 23) e, logo, as possibilidades de criação de redes de remissões de signos, bem como a integração de referências miméticas subjetivas.

A análise do corpus foi feita pelos seguintes procedimentos: contextualização e recorte da amostra, desconstrução e agrupamento textual, análise quantitativa dos traços textuais recorrentes e análise textual de fragmentos selecionados.

Ao fim, acrescentamos uma fase que pudesse incorporar as interessantes reflexões de uma questão livre e aberta sobre a impressão dos respondentes a respeito da ação de curtir na rede social Facebook.

4.1. DEFINIÇÃO DO INSTRUMENTO E DA AMOSTRA/CORPUS

A definição do corpus analisado, bem como do instrumento adequado para captá-lo, se pautou nos seguintes critérios: problema e objetivo da pesquisa, dimensão ética, possibilidade de diálogo direto com a subjetividade dos sujeitos, facilidade de captação e baixo custo.

De partida, buscamos algum instrumento que pudesse prospectar um corpus interessante e significativo frente ao problema e aos objetivos da pesquisa. Todavia, não é fácil investigar o ambiente das redes sociais, especialmente o curtir, sem invadir a dimensão privativa dos diversos sujeitos.

Assim, diante deste dilema ético, a única alternativa possível era pedir aos diferentes sujeitos que consentissem com os objetivos da pesquisa, para fornecerem livremente importantes fragmentos textuais de suas vidas privadas.

A solução encontrada se mostrou extremamente apropriada, pois, além de não transgredirmos a dimensão ética de nos apropriarmos de material privativo alheio, nos conferiu o acesso a uma dimensão de diálogo intersubjetivo direto. Em outras palavras, pouca riqueza seria agregada ao trabalho se buscássemos os diferentes curtir nas redes sociais e procurássemos deduzir os antecedentes textuais motivadores da ação curtir. Porém, quando pedimos ao sujeito que reproduza os últimos itens que curtiu no Facebook e lhe perguntamos o motivo pelo qual curtiu, estamos recorrendo a níveis muito mais profundos de subjetividade.

O processo de elaboração e divulgação do instrumento utilizou exclusivamente ferramentas digitais disponíveis gratuitamente no site da corporação Google, o que reduziu drasticamente os custos da pesquisa e o tempo para o tratamento das informações geradas.

4.2. FASES DE ANÁLISE

A análise do material gerado contou com diversos procedimentos qualitativos e alguns procedimentos descritivos quantitativos.

Inicialmente, elaboramos um procedimento quantitativo de contextualização e recorte do corpus. Utilizando as questões fechadas, algumas estatísticas descritivas foram geradas com vista a descrever o universo amostral, ou corpus, alcançado pela pesquisa. Em seguida, selecionamos um recorte para que a base contivesse apenas os sujeitos que têm uma conta no Facebook.

De posse de uma base com sujeitos que têm Facebook, iniciamos um procedimento qualitativo de desconstrução, comparação e agrupamento textual das perguntas abertas.

Após uma primeira leitura sensível de todo o material, voltamos ao problema e aos objetivos da pesquisa, bem como à abordagem conceitual do trabalho, e elaboramos uma chave de leitura para as questões abertas. Esta chave serviu de base para a codificação das questões abertas.

Com o material gerado no procedimento descrito acima, traços textuais recorrentes foram agrupados e características textuais foram atribuídas aos momentos singulares do curtir. O mapeamento dos diferentes traços textuais permitiu que alguns traços representativos pudessem ser analisados de forma aprofundada sob a ótica conceitual empregada.

A ótica conceitual empregada buscou analisar os traços textuais mais significativos na perspectiva das referências miméticas e dos meios que estruturaram a trama digital para sua manifestação.

Deixamos para o final do trabalho a análise da questão livre e aberta sobre a impressão dos respondentes a respeito da ação de curtir. Tomamos esta decisão pois, no decorrer da análise, a questão se mostrou fecunda e agregou reflexões que permitiram o surgimento de indagações a ser respondidas por pesquisas posteriores.

Sabemos que não é possível apreendermos em sua completude os diferentes traços textuais que incidem no curtir, pois, no momento do preenchimento do questionário, o sujeito listou apenas parte dos elementos textuais conscientes e inconscientes que o levaram a executar o curtir, negligenciando elementos importantes. Também acreditamos que a nossa capacidade de “ler” os motivos textuais que levaram o sujeito a curtir algo é, em grande medida, pautada por nossa subjetividade, mesmo quando nossa leitura é baseada nos conceitos teórico-metodológicos propostos na presente pesquisa. Assumimos as limitações expressas e buscamos fazer um trabalho fiel.

Curtir é "também gosto, também concordo".

Anônimo

5. ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO, APLICAÇÃO E CODIFICAÇÃO

Uma vez definido o instrumento de coleta de dados para a composição do corpus da pesquisa, iniciamos uma importante fase operacional composta pela elaboração do instrumento, aplicação, adequação e codificação das questões abertas.

Os fundamentos teórico-metodológicos utilizados na elaboração do instrumento foram aprendidos nos trabalhos executados como pesquisador no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP e na disciplina Metodologia de Pesquisa da Faculdade de Educação da UnB.

Acrescentamos que nestes procedimentos operacionais foi crucial e intensiva a utilização de tecnologias digitais disponíveis na ambiente da Internet.

5.1. ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O principal cuidado na elaboração do questionário foi alinhar a sua construção com o problema da pesquisa e os seus objetivos, notadamente:

Problema: o que é (re)-descoberto por meio de relações miméticas no momento singular de “curtir”?

Objetivo geral:

- Identificar e analisar adições, inserções e manifestações subjetivas dos sujeitos contemporâneos no ambiente da rede social Facebook.

Objetivos específicos:

- A) Identificar as adições subjetivas realizadas na rede social Facebook, bem como sua frequência.
- B) Analisar as relações miméticas estabelecidas no Facebook no momento singular do curtir, buscando por referências, meios/mídias utilizados e adições subjetivas posteriores motivadas pela ação de curtir.
- C) Qualificar as relações miméticas encontradas sob o prisma das referências ontogenéticas e filogenéticas, das mídias e das ações posteriores.

Diante deste cuidado, foram elaboradas questões que pudessem produzir informações sobre o perfil sócio-econômico dos respondentes, sua capacidade e

intensidade de utilização da Internet, as ações desenvolvidas com maior frequência no Facebook e sobre a configuração subjetiva que conduz os sujeitos a curtirem algo na rede social.

As perguntas que compuseram o perfil sócio-econômico foram:

Q1 - Qual é o seu sexo?

Q2 - Em que ano você nasceu?

Q3 - Em que UF você reside?

Q4 - Qual é seu último nível de escolaridade?

Q5 - Somando a renda de todas as pessoas do seu domicílio (casa), qual é a renda mensal do domicílio?

Q6 - Quantas pessoas, incluindo você, moram neste domicílio (casa)?

Estas perguntas tiveram alternativas de respostas fechadas e compuseram um bloco. O questionário completo encontra-se no Anexo II.

O segundo bloco de perguntas, também composto por perguntas fechadas, contou com três questões, que seguem:

Q7 - Como você definiria sua habilidade em utilizar a internet e seus aplicativos?

Q8 - Em média, quantas horas diárias você passa na internet?

Q9 - Você tem uma conta do Facebook?

Estas perguntas serviram para investigar a habilidade e a intensidade de inserção dos sujeitos no ambiente digital. Vale frisar que a última questão, em caso de negativa, ou seja, de a pessoa não ter Facebook, remetia automaticamente ao final do questionário.

O terceiro e quarto bloco de perguntas era dedicado exclusivamente a sujeitos que tinham conta no Facebook.

No terceiro bloco, buscamos identificar as ações que os diferentes sujeitos executavam no Facebook, bem como sua frequência. As opções de respostas, haja vista que eram questões fechadas, foram obtidas por meio da análise prévia das diferentes opções oferecidas pelo Facebook e adequadas após o pré-teste do instrumento. As questões foram:

Q10 - Qual das atividades abaixo você faz no Facebook?

Q11 - Qual foi a sua última ação no Facebook?

Q12 - Qual foi a sua PENÚLTIMA ação no Facebook?

Q13 - Qual foi a sua ANTEPENÚLTIMA ação no Facebook?

O último bloco de questões foi composto exclusivamente por questões abertas. Sua ênfase estava sobre a ação de curtir, mais especificamente, sobre os últimos itens que o sujeito curtiu, as referências evocadas no curtir, a realização de ações posteriores

motivadas pela mesma configuração que motivou o curtir e, ao fim, elaboramos um espaço para manifestações livres sobre o que significa o curtir. Seguem as questões do último bloco:

Q14 - Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.

Q15 - Por que você curtiu esse item?

Q16 - Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?

Q17 - Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?

Q18 - Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).

Q19 - Qual foi o PENÚLTIMO item que você curtiu (like) no seu Facebook?

Q20 - Por que você curtiu esse item?

Q21 - Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?

Q22 - Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?

Q23 - Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).

Q24 - Para você, o que é curtir?

Fizemos a opção de realçar que o respondente buscasse a última e a penúltima vez que curtiu algo para obtermos resultados mais fidedignos. Ou seja, caso fosse facultada a opção de o sujeito escolher as ações de curtir que desejasse retratar, poderia haver um juízo prévio e uma triagem das ações que curtiu, que tivessem motivos socialmente nobres, incluindo, assim, grande carga de viés na amostra.

O questionário foi precedido de uma carta de apresentação da pesquisa, Anexo I, e de algumas recomendações iniciais sobre os objetivos e a importância da pesquisa, que constam do Anexo II.

O instrumento foi pré-testado por um público de seis pessoas, cujos comentários e sugestões foram incorporados à pesquisa para tornar as questões mais claras e adequadas aos objetivos.

É importante frisar que o instrumento foi elaborado unicamente para o espaço digital, utilizando a plataforma disponibilizada gratuitamente pelo *googledocs*.

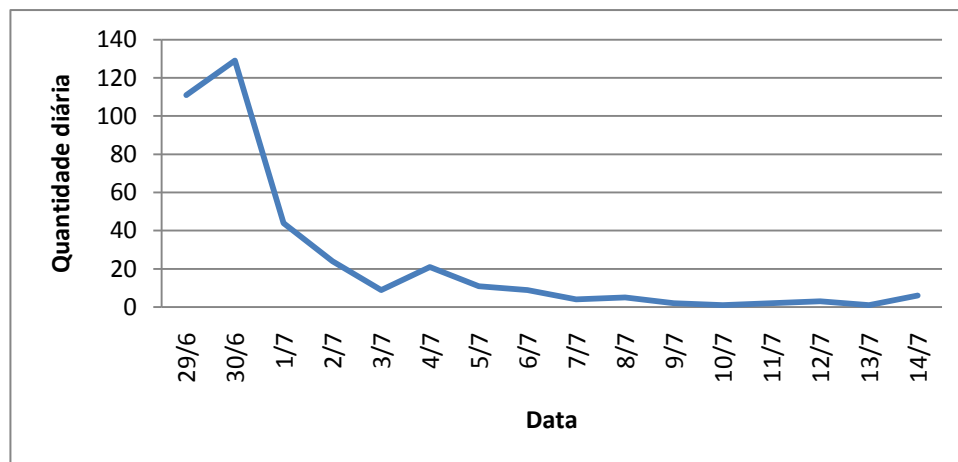
5.2. APLICAÇÃO

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, decidimos abdicar do rigor formal de amostragem e utilizamos o procedimento de amostragem por conveniência.

A estratégia utilizada para divulgar o questionário foi elaborar um e-mail de apresentação da pesquisa com o link que remetia ao questionário e divulgar para o maior público que potencialmente utiliza o Facebook.

O Gráfico 1 sintetiza a evolução diária de respostas. O questionário foi lançado no dia 29 de junho de 2011, o ápice de respondentes diários foi alcançado um dia após o seu lançamento e, no dia 14 de julho de 2011, encerramos o recebimento dos questionários.

Gráfico 1 – Quantidade diária de respostas ao questionário



Foram obtidas 382 respostas no decorrer dos 16 dias em que o questionário ficou ativo.

5.3. TRATAMENTO E CODIFICAÇÃO

Após a coleta, a base de dados foi tratada e fizemos uma leitura sensível das informações para identificar os possíveis núcleos chaves que pudessem ser resgatados durante a codificação das questões abertas.

Inicialmente, filtramos a base de dados para ficarmos apenas com os sujeitos que responderam ter uma conta de Facebook. Do total de 382, 357 pessoas responderam ter Facebook e 25 responderam não ter. Depois, foi realizada uma análise de consistência dos dados buscando por respostas duplicadas, bem como a questão sobre a idade foi recodificada para facilitar a análise e o formato da base de dados foi alterado.

A codificação das questões abertas ocorreu por meio de uma chave de leitura, cujos pilares para elaboração foram coerência com os objetivos da pesquisa e com a base conceitual empregada e viabilidade e validade metodológica. Ou seja, buscamos elaborar uma chave que estivesse em acordo com os objetivos da pesquisa, com o referencial

conceitual empregado e pudesse ser operacionalizada no período de tempo disponível para a pesquisa.

Damos grande importância à descrição dos aspectos metodológicos empregados, pois, uma vez que se trata de um estudo exploratório, outros pesquisadores poderão se apropriar do instrumental para aprimorá-lo em pesquisas posteriores.

Após diálogos e reflexão delineamos as seguintes dimensões de análise das aparições miméticas nas redes sociais para as questões abertas, Quadro 1.

Quadro 1 – Chave para codificação das questões abertas	
I - Mídia de origem	<ul style="list-style-type: none"> - Texto - Foto - Páginas - Vídeo/ videovídeo clipe - Outro
II – Quantidade de motivos que levou o sujeito a "curtir"	<ul style="list-style-type: none"> - 0 - 1 - 2 - 3 - 4 ou mais
III - Círculo de proximidade	<ul style="list-style-type: none"> - Família (mais relacionamentos amorosos) - Amizade (utilização da palavra amizade) - Colega de trabalho, faculdade, professor etc - Comercial/ Educacional/Pessoas públicas - Desconhecido
IV - Outra ação após o "curtir"	<ul style="list-style-type: none"> - Sim - Não
V - Ação que realizou após o "curtir"	<ul style="list-style-type: none"> - Comentar - Compartilhar - Outro
VI - Primeiro verbo no infinitivo que justifica a questão "Por que você curtiu esse item?"	
VII - Referência mimética	<ul style="list-style-type: none"> - Cultural/ tradições/ conhecimentos - Relação/jogo social - Estética

O primeiro bloco de codificação das questões abertas buscou identificar a mídia/meio ao qual o ato de curtir se relacionou. As mídias foram classificadas em texto, foto, páginas, vídeos/vídeo cliques de música e outro. Consideramos textos os fragmentos textuais

inseridos pelos usuários da rede social. Páginas são principalmente notícias, informações e perfis mediados por meio de relações hipertextuais a partir da grande malha da Internet. Fotos e vídeos/ videoclipes, ainda que estejam em páginas, internas ou externas ao Facebook, foram discriminados por seu caráter diverso e identificável. Na categoria outros estão elementos de difícil qualificação como eventos, status de relacionamento, grupos, pesquisas, aplicativos.

O segundo bloco foi analisado sob a perspectiva do número de motivos que o sujeito elencou para o ato de curtir.

O terceiro bloco qualificou o tipo de relação dos sujeitos que realizaram o curtir com os sujeitos que inseriram o conteúdo na rede. Foram discriminados os blocos família e relacionamentos amorosos; amizades; colegas de trabalho, faculdade e relacionamentos não muito próximos; relações profissionais, educacionais e pessoas públicas; e desconhecidos.

O quarto e o quinto bloco enfatizaram a realização de ações posteriores ao curtir. Inicialmente, as respostas foram divididas em dois blocos, os que realizaram alguma ação posterior ao curtir e os que não realizaram ações posteriores. Depois, as ações posteriores foram qualificadas em comentar, compartilhar e outros.

O sexto bloco buscou identificar o primeiro verbo no infinitivo que o sujeito utilizou para justificar a ação de “curtir”.

No último bloco foram elaboradas três grandes categorias para tentar identificar as referências miméticas presentes nos fragmentos amostrais. As questões foram analisadas sob a ótica de traços culturais/tradições/conhecimentos; das relações/jogos sociais; e da estética. No primeiro grupo foram considerados elementos consolidados no plano cultural, das tradições e do conhecimento; no segundo grupo o enfoque estava no plano das relações/jogos sociais cotidianos; e o terceiro buscou por elementos no plano estético e das sensações como o humor. Esta categorização foi difícil e reconhecemos grande carga de viés subjetivo. Em muitos casos, foi identificada mais de uma referência mimética e todas as referências foram registradas.

Durante o processo descrito acima, os fragmentos textuais que se destacaram pela sua representatividade foram marcados e analisados na perspectiva das referências miméticas e substratos textuais mobilizados na produção de sentido subjetivo.

Curtir é "dar visibilidade."

Anônimo

6. ANÁLISE

O primeiro estágio de nossa análise foi situar a amostra no universo populacional do país. A amostra foi analisada e comparada com a população brasileira. Após a contextualização da amostra, demos início à análise que contou com os seguintes procedimentos: análise quantitativa das questões fechadas e abertas após a codificação, análise qualitativa de fragmentos textuais representativos e análise livre da questão aberta final.

6.1. DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

Do total de 382 respondentes, 71% eram do sexo feminino e 29% eram do sexo masculino. Estes valores divergem substancialmente da proporção brasileira, que apresenta 51% de sua população composta por mulheres e 49%, por homens. Em termos absolutos, a população brasileira de 190.755.799 habitantes é composta por 97.348.809 mulheres e 93.406.990 homens (CENSO, 2010a).

A Tabela 2 sintetiza as informações sobre a distribuição etária e de sexo da amostra alcançada.

Idade	Sexo					
	Feminino		Masculino		Total geral	
	N	%	N	%	N	%
De 15 a menor que 20	20	69%	9	31%	29	8%
De 20 a menor que 30	153	75%	52	25%	205	54%
De 30 a menor que 40	64	63%	38	37%	102	27%
De 40 a menor que 50	23	82%	5	18%	28	7%
De 50 a menor que 60	8	53%	7	47%	15	4%
Maior que 60	2	67%	1	33%	3	1%
Total geral	270	71%	112	29%	382	100%

A faixa etária em que a amostra se concentra também diverge da distribuição brasileira. Observamos que 54% dos respondentes estavam situados na faixa etária de 20 a 30 anos de idade, sendo que no caso da população brasileira este valor está à volta dos 18% (CENSO, 2010b), como ilustra a Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição populacional brasileira por faixas de idade

Idade (em anos)	N	%
Menor que 20	62.923.165	33%
De 20 a menor que 30	34.349.603	18%
De 30 a menor que 40	29.633.093	16%
De 40 a menor que 50	24.842.718	13%
De 50 a menor que 60	18.416.621	10%
Maior que 60	20.590.599	11%
Total geral	190.755.799	100%

Fonte: Censo/IBGE 2010b

Quando analisamos o nível de escolarização da amostra, assim como a distribuição espacial da mesma, esta apresenta um alto nível de escolarização e uma concentração geográfica dos respondentes nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, mais especificamente no Distrito Federal e em São Paulo. A Tabela 4 sintetiza as informações sobre a distribuição geográfica dos respondentes e o seu último grau de escolaridade. É importante lembrar que para o presente estudo não diferenciamos os níveis de estudo completos e incompletos.

Tabela 4 – Distribuição geográfica e último nível de escolaridade da amostra

UF	Ensino fundamental	Educação profissionalizante, curso técnico	Ensino médio	Ensino superior	Pós-graduação	Total geral
--				1	1	2
BA					1	1
CE				1		1
DF				55	81	136
ES					2	2
GO				1	2	3
MA				10	1	11
MG				2	12	14
MT			1			1
Outro país			1	2	6	9
PA				4	3	7
PB				1	1	2
PI				1	1	2
PR				3	5	8
RJ		1	1	18	2	22
RN				1	2	3
RO			1	3	4	8
RS				1	4	5
SC				2		2
SP	1		19	31	78	129
TO				3	11	14
Total geral	1	1	23	140	217	382

Se avaliarmos que 51% da população brasileira reside nas regiões Norte, Nordeste e Sul (CENSO, 2010c) e que a escolaridade média em anos de estudo das pessoas de 10

anos ou mais de idade é de 7,2 (PNAD, 2009a), fica evidente um déficit amostral nas regiões elencadas, bem como uma escolaridade muito acima do nível nacional.

Raciocínio semelhante pode ser conduzido à medida que avaliamos a renda domiciliar média dos respondentes, Tabela 5.

Tabela 5 – Renda domiciliar mensal da amostra

Faixa de renda domiciliar	N	%
Até 1 salário mínimo (até R\$ 545,00).	1	0%
Mais de 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 545,01 até R\$ 1.090,00).	10	3%
Mais de 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 1.090,01 até R\$ 2.725,00).	44	12%
Mais de 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 2.725,01 até R\$ 5.450,00).	88	23%
Mais de 10 a 15 salários mínimos (de R\$ 5.450,01 até R\$ 8.175,00).	90	24%
Mais de 15 a 20 salários mínimos (de R\$ 8.175,01 até R\$ 10.900,00).	58	15%
Mais de 20 salários mínimos (mais de R\$ 10.900,00).	91	24%
Total geral	382	100%

Analisando a Tabela 5, é notória a concentração dos respondentes nas faixas de 5 a 10 salários mínimos, de 15 a 20 salários mínimos e mais de 20 salários mínimos mensais. Ignorando a diferença entre rendimentos nominais e reais e a diferença de três anos entre a Tabela 5 e a Tabela 6, que sintetiza a renda domiciliar nominal dos respondentes com a renda média domiciliar real dos domicílios particulares permanentes com rendimento em 2008-2009, notamos que grande parte de nossa amostra se encontra acima da moda e da média brasileira. Ademais, vale frisar que a Tabela 6 considerou apenas as informações para os domicílios particulares que têm rendimentos.

Tabela 6 – Rendimento médio mensal real dos domicílios particulares permanentes com rendimento no Brasil 2008-2009

Classes de percentual dos domicílios particulares permanentes, em ordem crescente de rendimento domiciliar (%)	Rendimento médio mensal real dos domicílios particulares permanentes com rendimento (R\$)
Total	2 085
Até 10	314
Mais de 10 a 20	516
Mais de 20 a 30	718
Mais de 30 a 40	935
Mais de 40 a 50	1 137
Mais de 50 a 60	1 418
Mais de 60 a 70	1 789
Mais de 70 a 80	2 317
Mais de 80 a 90	3 362
Mais de 90 a 100	8 349
Mais de 95 a 100	11 505
Mais de 99 a 100	21 866

Fonte: PNAD, 2009b

Mudando o foco da análise para a habilidade e a intensidade de utilização da Internet e de seus aplicativos, constatamos que a amostra se move com destreza no ambiente das tecnologias digitais e o faz com frequência.

A autodefinição dos respondentes sobre suas habilidades em utilizar a Internet e seus aplicativos, ainda que carregue uma carga significativa de subjetividade, demonstra que um número irrisório de respondentes tem dificuldades e a maioria, 51 %, se considera acima da média.

Tabela 7 – Autodefinição para a habilidade em utilizar a Internet e seus aplicativos da amostra

Autodefinição para a habilidade em utilizar a internet	N	%
Tenho dificuldade.	1	0%
Utilizo como a maioria das pessoas.	152	40%
Estou acima da média, mas não sou um especialista.	193	51%
Me considero um especialista.	36	9%
Total geral	382	100%

Examinando a intensidade de inserção da amostra no ambiente digital, Tabela 8, notamos que 79% está inserida no ambiente da Internet por 4 ou mais horas e 37% da amostra está conectada por 8 ou mais horas à Internet.

Tabela 8 – Intensidade diária média, em horas, que a amostra despense na Internet

Horas	N	%
1	9	2%
2	30	8%
3	43	11%
4	59	15%
5	39	10%
6	54	14%
7	10	3%
8	60	16%
9	8	2%
10	32	8%
11	5	1%
12	16	4%
14	6	2%
15	3	1%
16	2	1%
17	1	0%
18	2	1%
24	3	1%
Total geral	382	100%

Em síntese, assumimos o viés amostral deste estudo exploratório e, portanto, temos que ser cuidadosos com as reflexões e ilustrações oriundas da pesquisa.

Por outro lado, acreditamos que caracterizar a presente amostra traz riqueza ao debate e oferece subsídio para ilustrar tendências futuras. Como já foi disposto na introdução deste trabalho, nos próximos anos há uma perspectiva mundial e brasileira de um contingente maior de sujeitos interagindo na Internet, que poderá ser acentuada à medida que os custos forem reduzidos por meio de inovações tecnológicas ou ações governamentais. Estes novos sujeitos certamente contribuirão com novos elementos, mas também se apropriarão de hábitos, rituais e jogos sociais correntes no ambiente digital.

6.2. ANÁLISE QUANTITATIVA

As questões fechadas e abertas, após serem codificadas, nos trouxeram informações relevantes sobre os hábitos dos sujeitos na rede social Facebook. Nesta etapa do trabalho, ficamos apenas com as 357 repostas dos sujeitos que afirmaram ter uma conta no Facebook.

Na décima pergunta, indagamos sobre as atividades que os sujeitos desempenham no Facebook. As respostas dessa questão foram sintetizadas na Tabela 9, e demonstram as principais atividades, bem como a intensidade, com que os sujeitos as realizam.

Tabela 9 – Atividades que a amostra desempenha no Facebook.

Atividade	N	%
Acompanho as notícias dos meus amigos.	330	92%
Deixo comentários.	318	89%
Curto os posts/ conteúdos de outras pessoas.	297	83%
Envio mensagens particulares.	288	81%
Compartilho posts/ conteúdos de outras pessoas.	255	71%
Posto fotos.	252	71%
Localizo amigos.	251	70%
Acompanho o perfil dos meus amigos.	243	68%
Utilizo o bate-papo.	235	66%
Posto páginas/ links.	233	65%
Confirmando minha presença em eventos.	212	59%
Posto vídeos.	199	56%
Escrevo o que estou pensando.	182	51%
Participo de grupos.	162	45%
Utilizo aplicativos para o Facebook.	97	27%
Utilizo jogos para o Facebook.	61	17%
Crio eventos.	57	16%
Crio grupos.	27	8%
Posto questionários.	22	6%

Notamos que, do total de 357 sujeitos, 92% acompanham as notícias dos amigos e 89% deixam comentários. O curtir, objetivo específico da pesquisa, aparece em terceiro lugar com 83% dos sujeitos mencionando que curtem posts/conteúdos de outras pessoas.

Examinando os meios utilizados, notamos que, além do meio textual, diferentes meios são utilizados por grande número de usuários. Mais de 50% dos usuários do Facebook expressam-se por meio de fotos, links e vídeos. Fotografia é o meio com maior número de usuários totalizando 71%, páginas/links, 65% e vídeos, 56%.

Entre as atividades com a menor incidência de respostas, encontramos postar questionários com 6%, criar grupos com 8%, criar eventos com 16%, utilizar jogos com 17% e utilizar aplicativos para o Facebook com 27%. Porém, ainda que um percentual reduzido de pessoas mencione criar grupos e eventos, um número significativo de sujeitos menciona confirmar a presença em eventos, 59%, ou participar de grupos, 45%.

A breve caracterização das ações desenvolvidas no Facebook demonstra que diversas atividades são realizadas com alta intensidade. Ou seja, das 19 (dezenove) atividades listadas, 13 (treze) apresentam um percentual acima de 50%. E o curtir, objeto central do trabalho, é utilizado por 83% dos respondentes.

Observando as atividades mais recentes desenvolvidas pelos sujeitos, Tabela 10, notamos que, em média, deixar um comentário costuma ser a última atividade desenvolvida pelos sujeitos e a segunda atividade costuma ser curtir um post/conteúdo de outra pessoa.

Tabela 10 – Últimas atividades desenvolvidas no Facebook pela amostra

Atividade	Última		Penúltima		Antepenúltima	
	N	%	N	%	N	%
Deixei um comentário.	116	32%	103	29%	94	26%
Curti um post/ conteúdo de outra pessoa.	57	16%	72	20%	56	16%
Enviei uma mensagem particular.	34	10%	37	10%	31	9%
Utilizei o bate-papo.	25	7%	20	6%	23	6%
Localizei amigos.	25	7%	18	5%	15	4%
Compartilhei um post/ conteúdo de outra pessoa.	20	6%	12	3%	19	5%
Escrevi o que estava pensando.	19	5%	20	6%	26	7%
Postei um link.	19	5%	13	4%	14	4%
Postei um vídeo.	9	3%	14	4%	16	4%
Outro.	9	3%	8	2%	18	5%
Postei uma foto.	8	2%	22	6%	14	4%
Utilizei um jogo para o Facebook.	8	2%	6	2%	7	2%
Confirmei minha presença em um evento.	7	2%	9	3%	14	4%
Utilizei um aplicativo para o Facebook.	1	0%	0	0%	1	0%
--*	0	0%	1	0%	2	1%
Postei um questionário.	0	0%	0	0%	0	0%
Criei um evento.	0	0%	0	0%	1	0%
Aceitei participar de um grupo.	0	0%	0	0%	4	1%
Criei um grupo.	0	0%	1	0%	2	1%

* Respostas vazias.

Algumas das tendências se mostram curiosas quando analisamos a série das três últimas ações realizadas no Facebook. Por exemplo, postar uma fotografia aparece de maneira tímida na coluna que sintetiza a última atividade desenvolvida com apenas 2%, mas esse número é triplicado na segunda coluna. O mesmo movimento é notado para postar um vídeo e comparecer a um evento. Deixar um comentário apresenta uma trajetória de declínio constante, assim como localizar amigos. A opção outro, inicialmente com incidência baixa, tem razoável destaque na antepenúltima atividade realizada, com 5%.

O movimento descrito acima suscita uma indagação sobre a lembrança, memória, das atividades desenvolvidas nas redes sociais. Acreditamos que algumas atividades desenvolvidas nas redes sociais imprimem uma marca mais contundente nos meandros da memória, enquanto outras atividades distanciam-se de Mnemósine¹⁴. Notamos que atividades vinculadas a imagens, fotos e figuras, e imagens em movimento, vídeos, deixam impressões mais contundentes na memória, assim como comparecer a um evento devido ao seu forte componente material, isto é, a lembrança de ter estado no evento. Por outro lado, redigir comentários e outras atividades textuais apresentam uma trajetória decrescente nas lembranças devido ao seu caráter corriqueiro e usual nas redes sociais, não requerendo um esforço cognitivo e elaborativo profundo e se perdendo, portanto, em meio a outras atividades mais impactantes. O curtir, objeto central do atual estudo, apresenta um movimento peculiar, uma vez que sobe quatro pontos percentuais na penúltima atividade, mas volta aos 16% na antepenúltima atividade realizada. Este movimento não permitiu identificar uma relação entre o curtir e a memória.

Visando analisar a reincidência das últimas três atividades executadas no Facebook, classificamos os sujeitos em três grupos e elaboramos a Tabela 11 com as informações sobre a reincidência das últimas três atividades desempenhadas pelos sujeitos na rede.

Tabela 11 – Reincidência das últimas três atividades desenvolvidas no Facebook pela amostra

Número de atividades repetidas e diferentes em um total de três	N	%
Últimas três atividades foram diferentes	254	71%
Duas atividades foram repetidas e uma diferente	84	24%
As três últimas atividades foram iguais	19	5%

Notamos que 71% dos sujeitos realizaram três atividades distintas em suas três últimas ações no Facebook, 24% realizaram duas atividades iguais e uma distinta e apenas 5% realizaram três atividades iguais.

¹⁴ Deusa grega da memória.

A realização de atividades distintas, que utilizam amplos recursos das redes sociais, tal como constatado na Tabela 9, permite uma primeira reflexão sobre a utilização criativa do impulso mimético nas redes sociais, afastando-se, logo, de relações estereis de mimetismo, uma vez que os sujeitos utilizam e combinam intensamente os diversos meios disponíveis nos momentos de adições subjetivas.

Utilizando as informações obtidas após a codificação textual, analisamos os dois últimos itens que os sujeitos curtiram no Facebook.

Em média, as mídias mais curtidas no Facebook são textuais com 44% das observações, ainda assim, um significativo montante de outras mídias são curtidas, como demonstra a Tabela 12. Em média, 24% dos sujeitos curtem fotos, 18% curtem páginas, 10% curtem vídeo/ videoclipes e 4% curtem outras mídias.

Tabela 12 – Mídias que foram curtidas pela amostra

Mídia	N	%
Texto	275	44%
Foto	150	24%
Página	113	18%
Vídeo/ videoclipes	63	10%
Outro	22	4%
Total	623	100%

Retomando o argumento benjaminiano de que as relações miméticas não desaparecem no decorrer da história, apenas se deslocam (BENJAMIN, 1994), na sociedade moderna as relações miméticas teriam se deslocado para a linguagem e para a escrita carregando consigo todo o potencial de semelhanças e correspondências. Atualmente, notamos que ainda há uma forte presença da linguagem escrita nos processos miméticos, porém outros recursos imagéticos e animados são cada vez mais utilizados pelos diferentes sujeitos nos momentos singulares da produção de sentido.

Analisando as respostas à pergunta “Por que você curtiu esse item?”, 65% dos sujeitos apresentaram uma justificativa para o seu curtir, porém, em 35% dos casos, duas ou mais justificativas foram lembradas no momento do preenchimento do questionário. Segue a Tabela 13 com o número de motivos que levaram o sujeito a curtir um conteúdo.

Tabela 13 – Número de motivos que levou o sujeito a curtir o conteúdo

Quantidade	N	%
1 motivo	402	65%
2 motivos	186	30%
3 motivos	23	4%
4 ou mais motivos	4	1%
Total	615	100%

A combinação de inúmeros motivos, ou referências, retomados e ressignificados em momentos da experiência mimética e a utilização de diversas mídias para expressá-los alinha-se com a teoria elaborada à volta de *mimesis* e confere à experiência mimética seu caráter singular.

Quando analisamos o círculo de proximidade da pessoa que postou o conteúdo curtido, percebemos que costumam ser pessoas próximas ao sujeito. Em 53% dos casos são amigos, ainda que a palavra amigo tenha uma conotação ampla no Facebook, 23% são colegas e 11% são familiares. Diante do baixo percentual de itens curtidos de desconhecidos, 4%, acreditamos que essas redes aumentam seu dinamismo à medida que convergem para laços sociais mais fortes. A Tabela 14 sintetiza as informações sobre os laços de proximidade.

Tabela 14 – Círculo de proximidade do conteúdo curtido

Círculo de proximidade	N	%
Família e relacionamentos amorosos	69	11%
Amizade (Amigo)	323	53%
Colega de trabalho, faculdade, professor etc	143	23%
Comercial/ Educacional/Pessoas públicas	52	9%
Desconhecido	24	4%
Total	611	100%

Uma vez que os sujeitos curtiram um conteúdo, em 52% dos casos eles realizaram ações posteriores, sendo que em 71% desses casos os sujeitos comentaram o conteúdo e em 24% compartilharam este conteúdo. As Tabelas 15 e 16 organizam as informações sobre as ações posteriores ao curtir.

Tabela 15 – Realização de ações posteriores ao curtir

Realizou outra ação após o curtir?	N	%
Não	295	48%
Sim	315	52%
Total	610	100%

Os dados referentes a outro/desconhecido, na Tabela 16, estão relacionados a ações pontuais e de difícil categorização. Encontramos, por exemplo, envio de mensagem particulares, compartilhamento por e-mail etc.

Tabela 16 – Ação que realizou após o curtir

Ação	N	%
Comentar	224	71%
Compartilhar	77	24%
Outro/ Desconhecido	14	4%
Total	315	100%

Notamos que o curtir em 48% dos casos, por diversos motivos, é suficiente para mediar um sentido entre os sujeitos no ambiente das redes sociais, todavia, em 52% dos casos, há uma necessidade de qualificar a adição subjetiva com comentários, compartilhamentos e outras ações posteriores.

Entre os verbos reincidentes que justificaram a ação de curtir encontramos principalmente ser, achar, e gostar com uma frequência absoluta igual ou acima a 60, seguido de estar e concordar com mais de 20 aparições, tal como aparece na Tabela 17.

Tabela 17 – Verbos (no infinitivo) que justificam a ação de curtir e o seu número de aparições

Verbo	N	Verbo	N
SER	159	TRATAR	7
ACHAR	83	DIZER	6
GOSTAR	60	VER	6
ESTAR	28	ACREDITAR	5
CONCORDAR	22	COMPARTILHAR	5
TER	15	APOIAR	4
CURTIR	14	ASSISTIR	4
FICAR	14	INTERESSAR	4
IDENTIFICAR	14	POSTAR	4
FAZER	10	QUERER	4
ADORAR	9	SABER	4
MOSTRAR	8	SENTIR	4

Esta análise demonstra que as ações de curtir estão relacionadas, principalmente, com questões inerentes à situação curtida, sem uma análise aprofundada e aparadas em uma dimensão prazerosa.

Quando analisamos as referências miméticas que se entrelaçam no momento singular do curtir, encontramos principalmente traços de relações/jogos sociais, mas também há significativo número de referências estéticas, bem como referências no plano cultural, das tradições e dos conhecimentos, como demonstra a Tabela 18. Porém, enfatizamos que ler e categorizar as referências miméticas foi um procedimento difícil.

Tabela 18 – Referências miméticas identificadas na amostra

Referência	N
Relação/jogo social	446
Estética/ humor	172
Cultural/tradições/conhecimentos	127

Ademais, em muitos casos, mais de uma macro-categoria de referências miméticas era reconhecida em um mesmo fragmento textual. Em 276 casos, puderam ser identificadas duas referências de blocos distintos e em 36 casos havia vestígios dos três blocos, como demonstra a Tabela 19.

Em acordo com a perspectiva mimética, inúmeras referências ontogenéticas e filogenéticas atuam nos momentos singulares do curtir, (re-)descobrimo e (re-)criando significados diante dos “desafios” surgidos na trama digital.

Tabela 19 – Quantidade de referências miméticas em um curtir

Quantidade de referências	N
1	433
2	276
3	36

Notamos que, em geral, o sexo feminino curte mais as mídias textuais e fotografias divergindo da média em, respectivamente, 2,5 e 3,6 pontos percentuais. Por outro lado, os sujeitos do sexo masculino curtem mais vídeo/clipes, páginas e outros atingindo um percentual de 22,4% para as páginas, 10,9% para os vídeos/clipes e 4,5% para outros, valores estes acima da média total, como demonstra a Tabela 20.

Tabela 20 – Mídias curtidas por sexo

Mídia	Feminino		Masculino		Total geral	
	N	%	N	%	N	%
Texto	210	45,0%	65	41,7%	275	44,1%
Foto	118	25,3%	32	20,5%	150	24,1%
Página	78	16,7%	35	22,4%	113	18,1%
vídeo/vídeo-clipes	46	9,9%	17	10,9%	63	10,1%
Outro	15	3,2%	7	4,5%	22	3,5%
Total geral	467	100,0%	156	100,0%	623	100,0%

Quando analisamos as principais mídias utilizadas pela escolaridade dos sujeitos, Tabela 21, é perceptível a existência de uma tendência de aumento da mídia vídeos/vídeo-clipes à medida que se aumenta o grau de escolaridade.

Tabela 21 – Mídias por escolaridade

Mídia	Ensino fundamental		Ensino médio		Ensino superior		Pós-graduação		Total geral	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Texto		0%	22	54%	99	41%	154	46%	275	44%
Foto	1	50%	7	17%	65	27%	77	23%	150	24%
Página		0%	7	17%	48	20%	58	17%	113	18%
Vídeo/videoclipes		0%	3	7%	24	10%	36	11%	63	10%
Outro	1	50%	2	5%	6	2%	13	4%	22	4%
Total geral	2	100%	41	100%	242	100%	338	100%	623	100%

Observamos também, Tabela 22, que, quanto mais próxima a relação entre o sujeito que postou o conteúdo curtido, maior é a probabilidade de ações subseqüentes ao curtir. Ou seja, para familiares, amigos e colegas, há uma probabilidade acima de 50% de se realizar ações posteriores ao curtir. Porém, quando analisamos relações mais distantes, este percentual fica abaixo de 50%.

Tabela 22 – Tipo de relação por ações posteriores ao curtir

Relação	Não		Sim		Total geral	
	N	%	N	%	N	%
Família e relacionamentos amorosos	30	45,45%	36	54,55%	66	100,00%
Amizade	148	46,98%	167	53,02%	315	100,00%
Colega de trabalho, faculdade, professor etc	69	48,25%	74	51,75%	143	100,00%
Comercial/ Educacional/Pessoas públicas	25	51,02%	24	48,98%	49	100,00%
Desconhecido	13	54,17%	11	45,83%	24	100,00%
Total	285	47,74%	312	52,26%	597	100,00%

Entre as ações posteriores ao curtir, notamos que quanto mais próximas a relação entre os sujeitos, mais provável é a realização de um comentário. Por outro lado, quanto mais desconhecido o sujeito que postou o conteúdo, mais provável é a realização da ação compartilhar, Tabela 23.

Tabela 23 – Ações posteriores ao curtir por relação entre os sujeitos

Ação*	Família e relacionamentos amorosos		Amizade		Colega de trabalho, faculdade, professor etc		Comercial/ Educacional/Pessoas públicas		Desconhecido		Total geral	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
COMENTAR	29	82,9%	141	86,5%	42	62,7%	10	41,7%	1	10,0%	223	74,6%
COMPARTILHAR	6	17,1%	22	13,5%	25	37,3%	14	58,3%	9	90,0%	76	25,4%
Total geral	35	100%	163	100%	67	100%	24	100%	10	100%	299	100%

*A opção outras foi eliminada pela sua falta de clareza.

Retomando a reflexão sobre o curtir na produção de sentido, notamos que, uma vez que não há um sentido único para o curtir, existem momentos em que há a necessidade de agregar sentido ao que foi curtido. Normalmente, relações sociais mais próximas necessitam agregar sentido ao curtir para que seu sentido se complete, enquanto relações sociais mais distantes têm uma necessidade menor de agregar sentido ao curtir. A expressão escrita – o comentar – costuma ser empregada em relações de amizade e familiares e o endosso realizado por meio do compartilhar está mais atrelado a relações sociais distantes.

Os dados acima fomentaram interessantes reflexões, porém, principalmente para analisar as referências miméticas dos sujeitos, mostrou-se fundamental analisar alguns fragmentos textuais característicos e representativos das relações miméticas estabelecidas no momento singular do curtir.

6.3. DESCONSTRUÇÃO QUALITATIVA DE FRAGMENTOS TEXTUAIS

Os fragmentos textuais que tiveram seu conteúdo desconstruído fazem parte da amostra coletada e foram selecionados a partir de sua representatividade e fecundidade em relação aos demais. Selecionamos os fragmentos textuais que bem caracterizassem as relações miméticas estabelecidas na rede social Facebook no momento do curtir e aqueles que permitissem elaborar amplas reflexões sobre as referências miméticas, a trama textual e as ações posteriores ao curtir.

Optamos por analisar concomitantemente as mídias que permitem o ato mimético de curtir e as referências miméticas evocadas e ressignificadas no ato de curtir, pois a adição textual subjetiva não existe sem sua trama, bem como o meio só se realiza em sua afirmação subjetiva.

Foram desconstruídos 15 fragmentos, três de cada mídia – texto, foto, páginas, vídeos/videoclipes e outros, por meio de um jogo de desconstrução.

Partimos das mídias, pois estas apresentam características mais objetivas, que podem mais facilmente ser discriminadas e gradualmente fomos desconstruindo, investigando e criando os possíveis antecedentes miméticos estabelecidos no curtir. Ademais, investigamos o seu potencial em despertar ações posteriores ao curtir.

Visando elaborar uma breve estrutura de contexto, antes de cada análise, foi postado um resumo do contexto sócio-técnico do sujeito que realizou a ação de curtir.

6.3.1. TEXTOS

O primeiro grupo analisado teve como base as mídias textuais escritas e foram desconstruídos três fragmentos textuais que ilustram esta categoria.

6.3.1.1. TEXTO 1

O primeiro fragmento textual analisado pertence a uma mulher de 23 anos de idade, renda domiciliar acima de 20 salários mínimos, que vive no Distrito Federal e tem ensino superior (completo ou incompleto), considera suas habilidades na Internet acima da média e despende em média 3 horas por dia online. Segue o fragmento analisado no Quadro 2.

Quadro 2 – Análise de texto 1				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Um comentário que uma amiga deixou, compartilhando do desabafo que eu havia feito sobre estar cansada e impaciente naquele dia.	Porque achei gentil ela compartilhar que estava numa situação parecida, dando uma sensação de acolhimento do meu desconforto, de apoio, de compreensão.	Uma grande amiga que mora em outro estado, com quem tive um desentendimento sério no passado. Aos poucos, em função das redes sociais, retomamos o nosso contato e estamos retomando a proximidade que tínhamos antes daquela intercorrência.	Não, apenas curti o item.	M.B tô numa falta de paciência hoje que, mermão... há 6 horas · · Curtir · M.R Te acompanho! Semana que não acaba, acaba comigo! há 6 horas · Curtir (desfazer) · 1 pessoa R.B Duas! há 6 horas · Curtir K.L sintonia até nisso! há 6 horas · Curtir F.B.S foge p gyn, vem ouvir um modao apesar d nao gostar!!! hehehe há 5 horas · Curtir · 1 pessoa M.R Tô com a FBS! há 4 horas · Curtir

Este fragmento parte de um comentário partilhado por uma amiga que comunica um desabafo sobre sua impaciência e cansaço.

Entre as possíveis referências miméticas evocadas no curtir, está uma relação de amizade que vem sendo reconstituída pela rede social, a identificação com cansaço alheio, uma manifestação de apoio e acolhimento, a compreensão diante dos problemas cotidianos.

O fragmento textual que deu origem à relação mimética é curto e dotado de expressões orais e casuais.

Não foi realizada nenhuma ação posterior ao curtir.

Durante a análise, notamos que a demonstração de apoio e acolhimento por meio do curtir são recorrentes e que a escrita no Facebook aproxima-se à oralidade. Constantemente, os sujeitos recorrem a dimensões ligadas ao plano táctil, corporal e oral. Expressões como “Te acompanho”, “Duas” e “sintonia”, presentes no Quadro 2, buscam mediar um conforto e uma compreensão entre amigos como ocorre em uma roda de conversas. Esta tentativa de oferecer um apoio e um sentimento de presença agradável utiliza diversas mídias e seus conteúdos, em geral, são sucintos e informais, sendo que o curtir se adequa a muitas dessas situações.

6.3.1.2. TEXTO 2

O segundo fragmento textual analisado pertence a uma mulher de 28 anos de idade, renda domiciliar entre 5 e 10 salários mínimos, que vive no Rio de Janeiro, tem pós-

graduação (completa ou incompleta), considera suas habilidades na Internet acima da média e despende em média 7 horas por dia na Internet. Segue o fragmento analisado no Quadro 3.

Quadro 3 – Análise de texto 2				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Um item sobre a educação no Brasil	Pela importância de divulgação do conteúdo para estimular o pensamento crítico das pessoas	Amizade, amizade de infância que foi resgatada ou reencontrada pela oportunidade que uma rede social possibilita.	compartilhei com meus amigos, pela relevância do conteúdo	No futebol, o Brasil ficou entre os 8 melhores do mundo e todos estão tristes. Na educação é o 85º e ninguém reclama..." EU APOIO ESTA TROCA: TROQUE 01 PARLAMENTAR POR 344 PROFESSORES O salário de 344 pessoas que ensinam é igual ao de 1 que rouba. Recorte e cole no seu mural se vc tb apoia esta troca!

O fragmento textual que deu origem ao curtir tem um cunho político e social, pode ser caracterizado como um texto-corrente, utiliza dados educacionais internacionais, estatísticas futebolísticas e informações sobre a estrutura remuneratória do serviço público nacional e foi publicado por um amigo do respondente.

Entre as referências miméticas possivelmente estabelecidas no curtir, está a percepção de descaso com a educação brasileira, o desprestígio da educação em relação ao futebol, uma crítica à política, a valorização da disseminação do pensamento crítico e uma relação de amizade reencontrada e resgatada devido às redes sociais.

Em muitos casos, as reflexões de cunho mais crítico, além de serem curtidas, são compartilhadas pelos sujeitos, como ocorreu no caso presente.

O fragmento textual que deu origem ao curtir apareceu repetidas vezes na amostra coletada. Acreditamos que três motivos tenham motivado a aparição recorrente: 1 – o fragmento fomentar a criação de uma corrente de protesto; 2 – a amostra ter características semelhantes; 3 – a possibilidade de o tema ter aparecido em outras mídias.

Uma característica recorrente no ambiente das redes sociais é o resgate, ou a (re-) descoberta, de relações sociais passadas, permitindo, assim, estabelecer interações e produções de sentido presentes e futuras entre sujeitos que tiveram momentos passados comuns. Notamos que em muitas situações o conteúdo do curtir é “esvaziado”, ganhando relevo sua função interacional. Isto é, especialmente em relações sociais resgatadas do passado ou naquelas dificultadas pela distância, o curtir sinaliza uma vontade de manter o vínculo social, sem grandes considerações sobre o conteúdo curtido.

6.3.1.3. TEXTO 3

O terceiro fragmento textual analisado pertence a uma mulher de 30 anos de idade, renda domiciliar acima de 20 salários mínimos, que vive no Distrito Federal, tem pós-graduação (completa ou incompleta), considera suas habilidades na Internet acima da média e despende em média 6 horas por dia online. Segue o fragmento analisado no Quadro 4.

Quadro 4 – Análise de texto 3				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Da série "Pitucas aqui de casa": Mamãe, os árabes inventaram os números para todos poderem ter celular.	Por que achei interessante a explicação de uma criança de 6 ou 7 anos para a invenção dos números pelos árabes.	Colega de trabalho	Sim, fiz o seguinte comentário: "demais".	<p>P. V. Da série "Pitucas aqui de casa": Mamãe, os árabes inventaram os números para todos poderem ter celular. há 16 horas · Curtir (desfazer)Curtir ·</p> <p>Você e outras 17 pessoas curtiram isto.</p> <p>* o P. E. Super! há 16 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 2 pessoasCarregando...</p> <p>o P. V. Hehehe, a escola me assusta! há 16 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 4 pessoasCarregando...</p> <p>o P. E.kkkkk há 16 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 2 pessoasCarregando...</p> <p>o M. E. S. kkkkkkkkkk há 16 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 2 pessoasCarregando...</p> <p>o C. C. Sensacional!! há 16 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 2 pessoasCarregando...</p> <p>o P. V. Olha aí, Ca, pode ser o novo mote da Nextel! há 16 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 3 pessoasCarregando...</p> <p>o C.C. A Nextel não sabe o que está perdendo.... há 16 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 3 pessoasCarregando...</p> <p>o E.L.Demais!!! há 16 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 2 pessoasCarregando...</p> <p>o J. M. hahahahaha... adorei! há 15 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 2 pessoasCarregando...</p> <p>o V. C. P. da modernidade, rs... há 12 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 2 pessoasCarregando...</p> <p>o M. C. Voce fala que a escola a assusta, P. V. Eu acho que as suas pituquinhas sao as que me assustam mais. Sao muuuito inteligentes! há 12 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 2 pessoasCarregando...</p> <p>o C. R.C. JÁ TE FALEI: JUNTA TODAS AS PÉROLAS DELAS E FAZ UM LIVRO!!! Beijos, pitucas lindas! há 6 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 2 pessoasCarregando...</p> <p>o R. P. Estas crianças!! Quanta imaginacao!!! há 4 horas · CurtirCurtir (desfazer) · 2 pessoasCarregando...</p> <p>o L. N. Corretíssimas! hihiihihi há 42 minutos · CurtirCurtir (desfazer) · 1 pessoa</p>

Neste fragmento textual, uma reflexão de uma criança inserida por sua mãe no ambiente do Facebook motivou, em 16 horas, 14 comentários e 17 atos de curtir relacionados ao conteúdo da mãe e 48 atos de curtir no fragmento todo.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas, podemos elencar a surpresa com a explicação da criança, a identificação com a criatividade infantil, as impressões de uma vida familiar, o conhecimento sobre a criação do código numérico, reflexões sobre as tecnologias atuais e uma relação de coleguismo.

Além de curtir, a pessoa comentou o conteúdo.

Acrescentamos que a feliz experiência materna redigida em menos de duas linhas, deu origem a 14 comentários que em grande medida utilizaram adjetivações e expressões curtas e casuais, e, em um dos comentários, a mãe da criança que postou o texto inicial foi “tagueada”, ou seja, marcada, fomentando adições posteriores por parte da figura materna.

Devido à extensão do fragmento, reitera-se a dimensão oral das relações nas redes sociais. Estas vão além de expressões curtas e de forte componente informal, inserindo micro-diálogos que fomentam adições miméticas posteriores de outros sujeitos.

Diferentemente dos fragmentos anteriores que estavam relacionados com a adição mimética inicial, neste fragmento ocorre a criação de outros centros de sentido aos quais as adições subjetivas posteriores se relacionam, contribuindo para construções de sentido que vão além daquelas fomentadas pela adição mimética inicial. Assemelhando-se a uma espécie de bate-papo durante o cafezinho no trabalho, inúmeros colegas curtem, propõem tópicos e inserem reflexões que podem ser resgatadas em outros ambientes.

Acreditamos que temas de interesse generalizado, como “as pitucas de casa”, abrem espaço para interações do tipo “conversas” que utilizam amplamente o curtir como uma sinalização de apreço e vontade de participar e estimular o desenrolar criativo da “conversa”.

6.3.2. FOTOS

O segundo grupo analisado teve como base mídias identificadas como fotografias e foram desconstruídos três fragmentos que ilustram esta mídia.

6.3.2.1. FOTO 1

O primeiro fragmento analisado pertence a um rapaz de 17 anos de idade, renda domiciliar de 5 a 10 salários mínimos, que vive em São Paulo, tem ensino médio (completo ou incompleto), considera suas habilidades na Internet acima da média e despense em média 2 horas por dia na Internet. Segue o fragmento analisado no Quadro 5.

Quadro 5 – Análise de foto 1				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
uma foto de uma amiga	porque ela é muito gata	Amizade	não, pois sou tímido	não irei.

Ainda que sucinto, o fragmento permite interpretar que a foto curtida era de uma mulher considerada bonita pelo respondente.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, podemos elencar uma admiração estética e um possível interesse afetivo pela protagonista da foto, uma relação de amizade e a dificuldade de se expressar de outras formas devido à timidez.

O rapaz não realizou ações subsequentes.

Notamos que o botão curtir permite algumas interações que não ocorreriam, por exemplo, devido a preguiça, a dificuldade de entrar em contato, o custo de entrar em contato e até a timidez, como é o presente caso.

Ressurge, portanto, o caráter duplo enfatizado por Derrida (2005), cuja potência de sentidos exige necessariamente o jogo que desloca e, às vezes, desconstrói sentidos, visando agregar sentido. Isto é, a falta de clareza de “curtir” permite, quando necessário, sua complementação por meio de comentários, mas, também, seu esvaziamento para também transmitir um sentido, como foi utilizado pelo rapaz mencionado acima.

6.3.2.2. FOTO 2

O segundo fragmento analisado pertence a uma mulher de 47 anos de idade, renda domiciliar de 10 a 15 salários mínimos, que vive em São Paulo, tem pós-graduação

(completa ou incompleta), considera suas habilidades na Internet acima da média e despende em média cerca de 12 horas online. Segue o fragmento analisado no Quadro 6.

Quadro 6 – Análise de foto 2				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Foram fotos baixadas por uma amiga, chamada E.L.	Porque as fotos são de uma viagem que ela fez para São Paulo, onde ficou hospedada na minha casa e saímos com meu filho, de 10 anos.	Eu sou alagoana e morei em Maceió, antes de vir para São Paulo, onde moro atualmente. Essa minha amiga também é alagoana e nos conhecemos na UFAL - Universidade Federal de Alagoas. Concluímos nosso curso em 1987 e vim para São Paulo em 1991. Ela ficou em Maceió, mas somos amigas desde a faculdade. A amizade é sensacional, ela é super alto astral e trocamos muitas idéias, pois fizemos pedagogia, só que ela é professora e eu trabalhei muito tempo em uma ONG que tem como foco a melhoria da qualidade da educação. Trocamos muitas figurinhas em vários assuntos.	Eu comentei, porque vi as fotos com meu filho e nos divertimos postando "recadinhas" sobre as fotos.	.Encantos de Sampa No túnel do Tempo... com N., M. em vários lugares de Sampa... Maravilhas no final de 2009 . quarta às 20:27 · CurtirCurtir (desfazer) · Compartilhar.3 pessoas curtiram isto.. N. M. F. E., jura que foi em 2009??? Achei que tivesse sido há apenas alguns meses atrás... que dias inesquecíveis que vivemos... estou aqui com o M., no sofá, embaixo do edredon, vendo e comentando cada uma dessas fotos. Precisa ver como ele se lembra de cada detalhe por trás de cada uma dessas fotos. Coisas que eu já havia me esquecido e acabei de lembrar, com carinho e com saudade... muito legal!!!! Obrigada!!! quarta às 21:10 · CurtirCurtir (desfazer).

A mídia que motivou o curtir foram fotografias de uma viagem em que o fotógrafo ficou na casa da pessoa que curtiu as fotos.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, poderíamos elencar uma viagem comum no passado, a inclusão de uma amiga no seio familiar, o período em que ambas viveram em Alagoas e se conheceram, a área profissional comum, ideais comuns sobre a melhoria da educação, uma forte relação de amizade e lembranças familiares e de um período divertido da vida.

Além de curtir as fotografias, o sujeito comentou as imagens para manifestar sua gratidão pelas lembranças e expressar suas saudades.

Aqui pudemos notar uma série de referências mobilizadas e integradas na ação subjetiva curtir. Ainda que no plano da especulação, o curtir sinalizou a importância de um período passado e atribuiu um novo significado a uma história em comum.

Destacamos ainda que o contexto global que fomenta a circulação de sujeitos, bem como o barateamento dos equipamentos que sustentam as diversas mídias comunicativas, vêm elaborando espaços de interação entre sujeitos que, apesar das distâncias, podem se comunicar e lançar mão de diversas formas de comunicação como fotografias, vídeos etc.

Foto 3

O terceiro fragmento analisado pertence a uma mulher de 25 anos de idade, renda domiciliar de 2 a 5 salários mínimos, que vive no Pará, tem pós-graduação (completa ou incompleta), considera suas habilidades na Internet acima da média e despende em média 3 horas na Internet. Segue o fragmento analisado no Quadro 7.

Quadro 7 – Análise de foto 3				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Visitei o face da minha prima, e pude ver a foto do meu primo de segundo grau, que nasceu recentemente, menos de um mes ele tem, e assim "acompanhar" o crescimento dele.	Não tenho tempo de ir visita-los e assim pude matar a saudade pelo face.	é uma relação boa, é minha prima, e gosto dela. Mas quase não nos encontramos, somente em reunioes de familia.	Não, so olhei outras fotos dela e assim soube que ela conheceu petropolis.	"prima, o João esta lindo. beejijos"

A mídia que fomentou o curtir foi uma fotografia de um ente familiar que nasceu recentemente.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, poderíamos elencar a felicidade e curiosidade com o nascimento de um ente familiar, a falta de tempo para realizar visitas presenciais entre os familiares, a vontade de acompanhar o desenvolvimento dos familiares, a valorização do constructo família, uma boa relação entre primas e uma bela foto de um recém-nascido.

Não ficou muito claro se o sujeito realizou alguma ação posterior.

Acreditamos que a possibilidade de “acompanhar” a vida das pessoas no Facebook, já intensamente mencionado na amostra, irá se intensificar com as novidades anunciadas pela empresa¹⁵. Em muitos casos, fica evidente uma vontade latente de participar, estar presente e investigar a vida dos “amigos” por diversos motivos.

¹⁵ O Facebook anunciou publicamente uma série de medidas com vista a tornar a rede social um arquivo dinâmico de toda a vida de uma pessoa (G1, 2011).

6.3.3. PÁGINAS

O terceiro grupo analisado teve como base mídias identificadas como páginas e foram desconstruídos três fragmentos que ilustram esta mídia.

6.3.3.1. PÁGINAS 1

O primeiro fragmento analisado pertence a uma mulher de 52 anos de idade, renda domiciliar acima de 20 salários mínimos, que vive em Rondônia, tem pós-graduação (completa ou incompleta), utiliza a Internet como a maioria das pessoas e despense em média 6 horas por dia na Internet. Segue o fragmento no Quadro 8.

Quadro 8 – Análise de página 1				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Um link do Comitê Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, divulgando uma campanha de combate a pedofilia.	Por que participo de movimentos de combate ao abuso e Exploração Sexual de Crianças e ministro capacitação sobre o assunto.	Não é uma pessoa e sim uma ONG, com a qual troco informações e acompanho as ações que ela executa e divulga. Descreveria como uma relação de compartilhamento de idéias e informações em prol de uma causa relevante.	Sim. Compartilhei acrescentando um comentário de chamada para os amigos que tenho no Face.	Não disponho de condições para proceder dessa forma, pois-onde estou não tenho acesso ao Facebook. Mas é uma campanha em forma de cartaz destacando que a pedofilia é crime e portanto deve ser denunciada.

A mídia que fomentou o curtir foi uma página/cartaz elaborado pelo Comitê Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes divulgando uma campanha de combate à pedofilia.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, poderíamos elencar a atuação em movimentos a favor da causa, um envolvimento profissional com o tema, uma trajetória de troca de informações sobre o tema e alguma referência passada que tenha despertado o interesse do sujeito pelo assunto.

O sujeito compartilha seu conteúdo acrescentando comentários, dando grande visibilidade e ressignificando o conteúdo postado à luz de suas contribuições.

A grande inserção das redes sociais no cotidiano de muitos sujeitos vem despertando o interesse de empresas privadas, entes públicos e outras organizações para divulgar informações, se relacionar e criar vínculos nas redes sociais com objetivos diversos.

6.3.3.2. PÁGINAS 2

O segundo fragmento analisado pertence a uma mulher de 28 anos de idade, renda domiciliar de 5 a 10 salários mínimos, que vive em Minas Gerais, tem pós-graduação (completa ou incompleta), considera suas habilidades na Internet acima da média e despende em média 6 horas por dia na Internet. Segue o fragmento analisado no Quadro 9.

Quadro 9 – Análise de página 2				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Notícia sobre a gravação de um programa de TV a respeito de um queijo premiado em minha cidade.	Porque de fato adoro este queijo.	Quem postou foi a Cooperativa Agrapecuária da cidade, tenho poucas relações comerciais com eles.	Compartilhei e comentei, pois gostaria de divulgar a notícia aos meus amigos.	. F. via C. Cooperativa É o melhor queijo de Minas!!!! MG Rural vai a Campos Altos mostrar como é que se faz um queijo campeão ≈ Megaminas megaminas.globo.com Produtores certificados se orgulham da qualidade e conseguem preços melhores.. quarta às 12:35 · · Curtir · · Compartilhar. M. C., A. C. F. F. e A. P. T. curtiram isso.. A. P. T. É nóidi! quarta às 12:38 · Curtir. A. C. F. F. eu querooooo! :D quarta às 17:17 · Curtir. C. F. prometo que levo pra você! fazemos propaganda porque é bom demais!!!! há 23 horas · Curtir · 1 pessoa A. C. F. F ebaaaa!!! que delícia!!!! há 22 horas · Curtir

A mídia que fomentou o curtir foi uma notícia de TV sobre um queijo premiado em uma cidade mineira, postada por uma cooperativa.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, salientáramos o apreço do sujeito pelo queijo, um orgulho da cidade natal, lembranças de quando comia o queijo e uma afirmação do seu passado cultural em seu grupo de “amigos” do Facebook.

À medida que o sujeito compartilha e comenta o conteúdo entre seus “amigos” acabada promovendo uma interessante trama de relações pessoais, comerciais, sociais e culturais.

Também neste fragmento forma-se um diálogo abaixo do conteúdo curtido que se assemelha a uma conversa informal entre múltiplos sujeitos presentes. O primeiro fragmento curtido e compartilhado gera a exclamação “eu querooooo!” que posteriormente é respondida com “prometo que levo pra você! fazemos propaganda porque é bom demais!!!!”, gerando outra exclamação “ebaaa!!! que delícia!!!!”. Notamos que as relações de sentido (re-)descobertas no Facebook, por meio do curtir e outras inserções, fazem parte de uma

grande trama social, mas que inúmeros componentes pessoais são integrados, contribuindo para reverberar dimensões subjetivas e criativas da prática social e cultural.

6.3.3.3. PÁGINAS 3

O terceiro fragmento analisado pertence a uma mulher 28 anos de idade, renda domiciliar de 5 a 10 salários mínimos, que vive em São Paulo, tem pós-graduação (completa ou incompleta), utiliza a Internet como a maioria das pessoas e despense em média 4 horas por dia na Internet. Segue o fragmento no Quadro 10.

Quadro 10 – Análise de página 3				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Artigo do blogue Tradutor Profissional	É um artigo pertinente e muito elaborado sobre questões que envolvem a tradução; no meu facebook tenho muitos amigos/colegas tradutores;	É um tradutor bastante renomado e tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, nos encontramos de vez em quando em almoços em São Paulo, e outros tradutores também participam destes encontros. Foi ele quem me adicionou no facebook após ter lido posts meus numa comunidade de tradutores do Orkut.	Apenas recomendei/compartilhei.	M. L. recomendou um link. Seis pontos de ética « Tradutor Profissional www.tradutorprofissional.com Site sobre tradução profissional com informações, cursos e oficinas. há 13 horas · Curtir · Compartilhar

A mídia que fomentou o curtir foi um artigo de um blog de tradução profissional.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, salientaríamos o envolvimento social e profissional do sujeito com tradutores, uma reverência a um tradutor reconhecido, a lembrança de encontros pessoais com este tradutor e uma gratidão pelo tradutor renomado ter adicionado o sujeito em outra mídia social após ler alguns “posts” seus.

Além das ações posteriores comentar e compartilhar, neste fragmento identificamos uma ação ainda não muito explorada, mas significativa, que é recomendar conteúdos, amizades etc.

Destacamos a interpenetração das diferentes redes sociais da Internet como foi lembrado pelo fragmento atual. Ou seja, uma vez que os sujeitos fazem parte de uma rede social, estes podem facilmente se articular e até migrar para outras redes sociais.

6.3.4. VÍDEO/ VIDEOCLIPES

O quarto grupo analisado teve como base mídias identificadas como vídeos/videoclipes musicais e foram desconstruídos três fragmentos que ilustram esta mídia.

6.3.4.1. VÍDEOS/ VIDEOCLIPES 1

O primeiro fragmento analisado pertence a um homem de 29 anos de idade, renda domiciliar de 10 a 15 salários mínimos, que vive no Distrito Federal, tem pós-graduação (completa ou incompleta), utiliza a Internet como a maioria das pessoas e despense em média 4 horas por dia na Internet. Segue o fragmento analisado no Quadro 11.

Quadro 11 – Análise de vídeo/videoclipe 1				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Vídeo Os Paralamas do Sucesso - "Óculos" (Globo de Ouro - 1984).	Porque adoro a música. Uso óculos e me identifico com o que a música diz.	Colega de faculdade. Naquela época nos víamos muito, principalmente no C.A. Hoje não nos vemos mais, só pelas redes sociais.	Não. A pessoa associou uma notícia pessoal ao videoclipe, não me senti à vontade para comentar.	Uma pequena homenagem aos longos anos que passei de óculos, tentando fazer charme de intelectual. Agora to livre deles!!!! =D Os Paralamas do Sucesso - "Óculos" (Globo de Ouro - 1984). www.youtube.com

A mídia que fomentou o curtir foi um videoclipe da música "Óculos" dos Paralamas do Sucesso apresentado no Globo de Ouro em 1984.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, destacaríamos o apreço do sujeito pela música, uma identificação pessoal devido à utilização de óculos, uma relação de coleguismo oriunda do período da faculdade e um sentimento de felicidade pelo fato de o sujeito que postou o videoclipe não precisar mais utilizar seus óculos.

Ainda que ambos os sujeitos mantenham um vínculo pelas redes sociais, o sujeito que curtiu não se sentiu à vontade para comentar o item.

Particularmente interessante, este fragmento remonta a uma dimensão ontogenética, material e simbólica, relacionada aos óculos na história de vida do sujeito e como esta dimensão moldou e molda suas experiências e relações de sentido quando o sujeito curte um conteúdo. Também no âmbito filogenético, notamos a lembrança da relação e representação social entre ambos. Ou seja, no passado, ambos colegas de faculdade se viam muito no C.A. (Centro Acadêmico) e, em certa medida, sua relação e representação

social era determinada pelo vínculo acadêmico e político entre eles. Hoje, soma-se à lembrança da relação e representação social passada o contato estabelecido por meio das redes sociais.

6.3.4.2. VÍDEOS/ VIDEOCLIPES 2

O segundo fragmento analisado pertence a uma mulher de 46 anos idade, renda domiciliar de mais 20 salários mínimos, que vive em São Paulo, tem pós-graduação (completa ou incompleta), considera suas habilidades na Internet acima da média e despende em média 6 horas por dia na Internet. Segue o fragmento analisado no Quadro 12.

Quadro 12 – Análise de vídeo/videoclipe 2				
Qual foi o penúltimo item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
O penúltimo foi o vídeo que meu irmão postou - de uma música	Porque gostei da música e lembrei do meu irmão	Ele é meu irmão e eu o acho o máximo	Não estava a fim de escrever - somente indiquei que gostava do item e passei para outra coisa - sou muito inquieta e não gosto muito de ficar em uma coisa só muito tempo. Resolvi postar um vídeo que eu gostava e que mostrava meu estado de espírito no momento	Na verdade, devo ser sincera - estou com preguiça de fazer isso. Esse sentimento é muito presente quando estou em redes sociais - prefiro fazer as coisas que curto, sem pressão. Copiar e colar é muito parecido com o que eu faço quase todo o dia em mensagens de e-mail (anexos, na maior parte do tempo), que eu troco em contextos acadêmicos- de trabalho, em que tenho que citar pontos que já foram discutidos, etc.

A mídia que fomentou o curtir foi um videoclipe de uma música postada pelo irmão.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, destacaríamos a afeição pelo irmão, a relação familiar e o apreço pela música.

Não foi realizada nenhuma ação posterior ao curtir.

A dimensão prazerosa e a possibilidade de rapidamente realizar ações diversas lembradas aqui foi tema enfatizado por alguns sujeitos e acreditamos que deva ser destacado.

Destacamos que a lembrança do irmão ou da relação social com o irmão, assemelha-se a uma (re-)descoberta, revivendo naquele momento a relação, as referências e atribuindo um novo significado a relação fraterna a luz da inserção realizada.

6.3.4.3. VÍDEOS/ VIDEOCLIPES 3

O terceiro fragmento analisado pertence a uma mulher de 31 anos de idade, renda domiciliar de 15 a 20 salários mínimos, que vive em São Paulo, tem ensino superior (completo ou incompleto), utiliza a Internet como a maioria das pessoas e despense em média 2 horas por dia na Internet. Segue o fragmento analisado no Quadro 13.

Quadro 13 – Análise de vídeo/videoclipe 3				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Um vídeo de uma cena de uma peça de teatro.	Porque tratava-se de um trecho de uma peça da qual eu fiz parte e que me fez lembrar bons momentos.	Amiga. Relação de amizade.	Comentei e compartilhei porque queria que outras pessoas vissem.	Mulheres... As Alegres Comadres - Entre, Coma, Sinta-se em casa www.youtube.com As Alegres Comadres - Entre, coma, sinte-se em casa.. 26 de abril às 17:49 · CurtirCurtir (desfazer) · · Compartilhar tem mais video?! 26 de abril às 18:05 · CurtirCurtir (desfazer).C, M, a T tem tudo! Beijos. 26 de abril às 18:07 via · CurtirCurtir (desfazer).M. fala pra ela postar mais! saudade... beijao 26 de abril às 18:12 · CurtirCurtir (desfazer).T.,M. tem esse aqui : http://www.youtube.com/watch?v=YMn9iRpo3o8 26 de abril às 18:46 · CurtirCurtir (desfazer).G. Saltos...que beleza.. 26 de abril às 22:16 · CurtirCurtir (desfazer).J. ahhhh!!!!!!! 27 de abril às 14:44 · CurtirCurtir (desfazer).J. ô t., vc podia ter deixado até o fim....todo mundo te catando e congelando... 27 de abril às 14:45 · CurtirCurtir (desfazer).

A mídia que fomentou o curtir foi um vídeo de uma cena de uma peça de teatro denominada “As alegres comadres”.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, destacaríamos a participação do sujeito na peça, os bons momentos que passou no período que participou da peça, a referência cultural à arte cênica e uma relação de amizade com o sujeito que postou o item.

O sujeito comentou e compartilhou o item para que este ganhasse visibilidade na rede social.

Consideramos interessante a complexa rede de difusão e ressignificação cultural criada no presente fragmento. A comédia “As Alegres Comadres” foi escrita no século XVI por William Shakespeare. Teve seu conteúdo adaptado para o português, encenado por um grupo brasileiro, filmado, colocado nas redes sociais e inúmeras ações posteriores foram geradas.

Notamos que em muitas ocasiões diversas mídias são utilizadas, mídias imprevistas são criadas e complexos híbridos são formados a partir de fragmentos de diferentes mídias, resignificando e (re-)descobrimo elementos simbólicos presentes e passados.

6.3.5. OUTROS

O quinto grupo analisado teve como base outras mídias identificadas. Desconstruímos três fragmentos que ilustram algumas características destas outras mídias.

6.3.5.1. OUTROS 1

O primeiro fragmento analisado pertence a uma mulher de 28 anos de idade, renda domiciliar de 5 a 10 salários mínimos, que vive em São Paulo, tem pós-graduação (completa ou incompleta), considera suas habilidades na Internet acima da média e despnde em média 17 horas por dia na Internet. Segue o fragmento analisado no Quadro 14.

Quadro 14 – Análise de outro 1				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
a mudança de status de relacionamento de uma amiga (noiva => casada).	Porque gostei dessa mudança.	é uma amiga de faculdade, uma pessoa querida e que faz parte da minha vida.	Não. Porque acredito que apenas "curtir" já é suficiente!	

A mídia que fomentou o curtir foi uma alteração de status de relacionamento de uma amiga.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, destacaríamos o apoio ao casamento, o reconhecimento a um marco social, os votos de felicidades e uma amizade construída na faculdade que perdura até o momento.

Não foi realizada nenhuma ação posterior, uma vez que curtir era suficiente para esse sujeito.

Status de relacionamento é uma mídia interessante que indica se o sujeito está em um relacionamento e o grau de intensidade do relacionamento. No filme “The social network” em uma das reflexões do criador do Facebook, este acredita que o status de

relacionamento é algo importante, uma vez que as pessoas querem saber o grau de envolvimento afetivo dos seus “amigos”.

Em alguns casos, notamos a necessidade de qualificar a produção de sentido estabelecida por meio do curtir, em outros, o curtir é suficiente para permitir a construção de sentido. Diante da vacuidade e porosidade de curtir, ficou a indagação sobre os motivos que levam o curtir a ser auto-suficiente em sentidos. Acreditamos que pode haver uma dimensão relacional forte nos casos de grande proximidade entre os sujeitos que estabelecem a comunicação e uma indiferença nos casos de relações distantes que contribuem para a auto-suficiência do sentido de curtir, mas há a necessidade de realizar estudos posteriores para comprovar a reflexão.

6.3.5.2. OUTROS 2

O segundo fragmento analisado pertence a uma mulher de 31 anos de idade, renda domiciliar acima de 20 salários mínimos, que vive no Distrito Federal, tem ensino superior (completo ou incompleto), utiliza a Internet como a maioria das pessoas e despense em média 11 horas por dia na Internet. Segue o fragmento analisado no Quadro 15.

Quadro 15 – Análise de outro 2				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
A ação de um primo que listou nosso parentesco no facebook.	Achei interessante ele gastar tempo listando primos, irmãos, tios, sobrinhos e outros parentes na rede. Gostei da sensação de "família" na rede social.	É meu primo. Pela proximidade familiar e pelo convívio frequente, somos íntimos e nos gostamos muito.	Não. Não achei necessário.	R. O. listou G. B. como sua prima. .. há ± 1 hora -Curtir (desfazer)Curtir . .Você curtiu isso..

A mídia que fomentou o curtir foi o grau de parentesco comum a dois sujeitos no Facebook.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, destacaríamos o reconhecimento ao tempo gasto pelo primo do sujeito na tarefa de listar o parentesco comum, a sensação de pertencimento social na rede social, o reconhecimento da instituição familiar e hábitos íntimos de convivência familiar.

O sujeito não achou necessário realizar nenhuma ação posterior.

Assim como o status de relacionamento, o grau de parentesco acrescenta e qualifica as informações sobre os sujeitos da rede social Facebook.

6.3.5.3. OUTROS 3

O terceiro fragmento analisado pertence a um homem de 18 anos de idade, renda domiciliar de 2 a 5 salários mínimos, que vive em São Paulo, tem ensino médio (completo ou incompleto), utiliza a Internet como a maioria das pessoas e despense em média 3 horas por dia na Internet. Segue o fragmento analisado no Quadro 16.

Quadro 16 – Análise de outro 3				
Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva.	Por que você curtiu esse item?	Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?	Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?	Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Foi a confirmação da presença de uma amiga minha em um evento.	Porque eu aprecio a presença dela no evento. Isto é, agrada-me o fato de ela estar indo ao evento.	Relação de amizade. É uma relação agradável para ambos, como qualquer amizade. Não muito íntima, mas também não superficial.	"Comentei". Algo do tipo "eaeae é nós".	G. C. T. Eu vou, com certeza! (: Monday at 7:56pm · Unlike · You and O. G. S. like this. M. F. eaeae 10 minutes ago · Like

A mídia que fomentou o curtir foi a confirmação da presença de uma amiga em um evento marcado pelo Facebook.

Entre as possíveis referências miméticas estabelecidas no curtir, destacaríamos o apreço pela amiga, uma intenção de prestigiar o evento, uma relação de amizade e um sentimento de felicidade por mais sujeitos comparecerem ao evento.

Ultimamente, a mídia eventos vem apresentando grande destaque em algumas mobilizações sociais, contribuindo para a realização de diversos eventos como manifestações, festas, entre outros.

6.4. ANÁLISE DA QUESTÃO LIVRE SOBRE O QUE É CURTIR

Deixamos para o final do trabalho a análise da questão aberta sobre o que é o curtir devido à pluralidade e à quantidade de reflexões geradas. Escolhemos 10 definições dos sujeitos que foram analisadas à luz da abordagem conceitual da presente investigação.

Segue o Quadro 17 com as respostas à pergunta “Para você, o que é curtir?”.

Quadro 17 – Respostas para a pergunta “Para você, o que é curtir?”	
Resposta 1	Tornar público as coisas que você gosta no fb.
Resposta 2	"Curtir" no facebook significa que achei um post divertido ou inteligente. Pode ser uma indagação ou uma constatação interessante. Pode ser alguma boa notícia da vida pessoal de um amigo ou parente pela qual eu gostaria de parabenizá-lo ou dar meu apoio. Pode ser algo com o qual eu concorde simplesmente. Pode ser uma ironia, um sarcasmo esperto que eu consegui captar. Ou simplesmente uma coisa engraçada e banal, que me faça rir mesmo que intelectualmente nula. Acho que reflete a forma como eu curto as coisas no mundo real, com a diferença que no facebook todos saberão dos meus gostos e opiniões com que compartilho. Na vida real posso ocultar ou exprimir o meu "curtir" de diversas formas, em diversas intensidades.
Resposta 3	Curtir é se identificar com algo que ache interessante.
Resposta 4	É concordar com a colocação da pessoa, apoiar algo que é dito, demonstrar presença, acolher um desconforto, fazer-se presente nesse contexto online, cada vez mais relevante para o mundo moderno. Foi por meio de alguns "curtir" que retomei o contato com familiares que moram longe, com amigos distantes entre outros. É uma maneira de partilhar daquela colocação, fazendo-se presente.
Resposta 5	Curtir... É dizer ou marcar algo que você gostou.
Resposta 6	Curtir pra mim é uma notícia legal, mas que não tem valor suficiente pra você. Ou seja, não merece 30 segundos do seu tempo (ou um pouco mais) para fazer algum comentário.
Resposta 7	Um reconhecimento de empatia
Resposta 8	Demonstrar que concorda com a opinião expressa, ou que julga o conteúdo compartilhado interessante, diferente, importante, legal... No fim o critério é usar o "curtir" como uma forma de dizer às outras pessoas "dêem uma olhada nisso" ou então "eu concordo com isso". Talvez por tal motivo muitas pessoas estão fazendo uma campanha para o Facebook ter um botão "Não gostei", que significaria "não perca seu tempo" ou "discordo".
Resposta 9	É gostar e se sentir bem.
Resposta 10	Olha, meu face é em inglês... então para mim aparece "like". Tô dizendo isso pq para mim há diferença.. nao sei bem explicar qual a diferença...mas eu prefiro "gostar" do que "curtir" anyway... para mim "like" é principalmente demonstrar sua presença. Mostrar para a pessoa q vc leu o q ela disse e q de certa maneira vc concorda com ela, partilha aquilo que ela sente/gosta. Às vezes é uma coisa ruim ou triste, mas vc "like" e no comentário explica melhor o q sentiu com relação àquilo. Por exemplo, esses dias atrás pstei um desabafo sobre meus problemas com minha orientadora de mestrado. Várias pessoas "curtiram" e comentaram.. não porque elas gostam de ver eu me ferrando.. mas vc querem demonstrar solidariedade. Eu faço o mesmo.

As respostas 1 e 2 enfatizam dimensões sociais do curtir, ou seja, uma vez que o curtir sinaliza para os respectivos “amigos” da rede social Facebook que você curte algo, é criada uma referência social, que diferentemente do que ocorre na vida “real”, ou fora do Facebook, é explícita para todos os “amigos” da rede social e simples.

A resposta 2 ainda acrescenta a reflexão sobre a multiplicidade de casos em que o curtir pode ser utilizado, ou seja, curte-se algo divertido ou inteligente, uma indagação ou uma constatação interessante, alguma boa notícia da vida pessoal de um amigo ou parente, um apoio a algo ou alguém, uma concordância, uma ironia, algo engraçado e banal.

A terceira resposta utiliza a expressão “se identificar”. Esta expressão é interessante, pois remonta às referências subjetivas que são despertadas por algum conteúdo na rede social e conduzem o sujeito a efetuar uma adição subjetiva para, ainda que com certa limitação, acrescentar algo ao ambiente da rede social Facebook.

A quarta resposta, quando aborda o “fazer-se presente”, demonstra a interação e integração das dimensões subjetivas no Facebook. Por meio do curtir, é possível se fazer presente na vida de pessoas, ignorando as dimensões espaciais.

A quinta e sexta respostas abordam a questão temporal. Ainda que exista uma intenção de dizer ou deixar um sinal, muitas vezes os sujeitos não querem despender 30 segundos para realizar a ação. Ou seja, há uma vontade de realizar uma adição subjetiva, mas o ritmo veloz da sociedade e, especialmente, da Internet, demanda meios práticos e velozes de realizar essas inserções.

Assim, é possível de forma rápida e prática esvaziar as dimensões espaço e tempo e se fazer presente nas redes sociais, apoiando, ou expressando uma empatia, tal como enfatizado na resposta 7.

A resposta 8 acrescenta uma interessante campanha para inclusão do botão “Não gostar”, cujo significado poderia estar relacionado com o “não perca tempo com isso” ou simplesmente uma discordância ou oposição em relação ao curtir.

A dimensão positiva relacionada ao curtir aparece na resposta 9. Além de expressar o gostar, o curtir traz um sentimento positivo de ter participado, ter interagido e redescoberto dimensões subjetivas, atribuindo um sentido positivo e prazeroso à inserção.

Ainda que curtir normalmente tenha uma dimensão positiva, em muitos casos são conteúdos negativos que são curtidos. Como bem lembra o sujeito que elaborou a resposta 10, neste caso não há a intenção de as pessoas demonstrarem apreço pela situação negativa, mas em oposição, atribuir um sentimento de conforto e acolhimento por meio da sinalização da presença, retomando a dimensão tátil e corporal já enfatizada.

Curtir é "se tornar cúmplice de uma idéia, ato, evento".

Anônimo

7. CONCLUSÕES E APONTAMENTOS

A adoção de uma abordagem mimética e transdisciplinar de fenômenos sociais não nos exime da responsabilidade de delinear algumas conclusões e apontamentos, ainda que provisórios, para a ciência e para o universo educacional.

Partimos da perspectiva crescente de mais sujeitos – adultos e jovens – atuando no ambiente da Internet e se relacionando por meio de redes sociais, sites de reprodução de conteúdo audiovisual, programas de trocas de mensagens, entre outros meios e de uma carência de estudos que qualifiquem a produção de sentido neste ambiente.

Especialmente as redes sociais conseguiram grande projeção no cenário contemporâneo a partir da maior difusão dos microcomputadores e de interfaces mais amigáveis a usuários comuns em meados da década de 90.

Iniciada a reflexão sobre mídias/meios e seus desdobramentos sobre sujeitos de uma época, as reflexões de Marshall McLuhan e Pierre Levy se mostraram significativas. Para McLuhan, as mídias/ meios configuram e controlam “a proporção e a forma das ações e associações humanas” (MCLUHAN, 1999, p. 23). Ou seja, as diferentes mídias configuram e controlam em grande medida as relações estéticas e sociais de uma época. Mais recentemente, Levy (1996) lembra que os novos meios/técnicas condicionam, mas não determinam, os atores sociais, pois os meios abrem um leque de possibilidades dos quais somente um pequeno número é selecionado ou percebido pelos atores sociais.

Entre algumas características atribuídas à configuração presente, cintilam expressões que evidenciam a velocidade dos desdobramentos atuais, a centralidade da informação e da comunicação, a amplitude global das relações, a presença massiva de tecnologias, a arquitetura predominantemente em rede e as mídias que facilitam o agir por entre as info-vias digitais.

Na tentativa de analisar as relações de sentido e, logo, a produção da experiência sensível em sujeitos condicionados pelo contexto das redes sociais, optamos por utilizar a vertente analítica transdisciplinar que se aglutina em volta do conceito de *mímesis*.

Tomando como base os conceitos história/referências miméticas e texto, interessou-nos analisar a tessitura das referências/história ontogenética e filogenética integradas por meio de semelhanças e diferenças em momentos singulares da experiência sensível.

A integração, ou tessitura, de elementos textuais novos com as referências subjetivas passadas ocorre em todo espaço, toda dobra, toda indeterminação textual presente e passada e exige necessariamente o suplemento que atribui um novo sentido ao passado e ao presente.

Retomando o argumento benjaminiano de que as relações miméticas não desaparecem no decorrer da história, apenas se deslocam (BENJAMIN, 1994), surgiu a interrogação sobre o modo e as formas de atuação das forças miméticas no atual momento histórico, estabelecendo sentido entre a tradição e a história, os desafios sociais presentes e a reconfiguração criativa.

Um dos maiores expoentes digitais contemporâneos é a rede social Facebook, cuja ambição é colocar “toda a experiência social” online¹⁶. Com mais de 750 milhões de usuários ativos, o Facebook integra por dia mais de 10.000 (dez mil) novas páginas ao seu sistema por meio do plugin curtir, totalizando mais de 2,5 milhões de páginas (FACEBOOK, 2011).

Curtir está presente em praticamente todas as mídias do Facebook e em inúmeras mídias digitais externas ao Facebook. À medida que um contingente crescente de sujeitos ingressa na rede social Facebook e inevitavelmente se depara com o curtir, torna-se fundamental qualificar as relações estabelecidas no breve ato de curtir.

Visando melhor compreender as relações estabelecidas no ambiente das redes sociais digitais, em especial no Facebook, o presente trabalho buscou analisar o que é (re)-descoberto por meio de relações miméticas no momento singular de curtir.

Para responder a pergunta acima, bem como para atender aos objetivos do trabalho, aplicamos um questionário composto de 24 questões fechadas e abertas e, ao fim de 16 dias, obtivemos 382 respostas que compuseram a amostra do estudo.

Nossa amostra foi composta por 71% de sujeitos femininos, 81% da amostra tinha entre 20 e 40 anos, seu nível de escolarização médio era aproximadamente o dobro do nacional, grande parte residia nas regiões Sudeste e Centro-Oeste e, em média, tinham alto nível de renda. Ainda que nossa amostra apresentasse um significativo viés em comparação ao universo brasileiro, algumas reflexões importantes puderam ser delineadas.

A amostra não tinha dificuldade em utilizar a Internet e seus aplicativos e passa em média mais de 6 horas na Internet, sendo que existe um significativo percentual de sujeitos, 10%, que fica 12 ou mais horas conectado à rede.

Do montante de 357 pessoas que afirmou ter Facebook, as principais atividades realizadas na rede social são acompanhar notícias dos amigos, deixar comentários, curtir

¹⁶ Na produção audiovisual “The social network”, em um dos diálogos entre Eduardo Saverin e Mark Zuckerberg, ambos criadores da rede social Facebook, há a menção de se colocar “toda a experiência social” online.

posts/conteúdos de outras pessoas e enviar mensagens particulares, como ressaltaram as Tabelas 9 e 10.

Em geral, as atividades desenvolvidas no Facebook são diferentes e utilizam de diversas mídias, como demonstraram as Tabelas 9, 11 e 12. A realização de atividades distintas que utilizam amplos recursos das redes sociais conduz-nos à reflexão sobre a utilização criativa do impulso mimético nas redes sociais, afastando-se, logo, de relações estéreis de mimetismo, uma vez que os sujeitos utilizam e combinam intensamente os diversos meios disponíveis na trama digital.

Especialmente o curtir utiliza ampla gama de mídias. Mulheres curtem acima da média mídias textuais e fotográficas e os homens curtem acima da média páginas e vídeos/videoclipes, Tabela 20.

Retomando o argumento benjaminiano de que as relações miméticas não desaparecem no decorrer da história, apenas se deslocam (BENJAMIN, 1994) carregando consigo todo o potencial de semelhanças e correspondências. Notamos que ainda há uma forte presença de componentes textuais nos processos miméticos, ocorrendo em 44% das observações, porém outros recursos imagéticos e animados são cada vez mais utilizados como fotografias, 24%, páginas, 18%, vídeos, 10% e outros, 4%.

No decorrer da análise, notamos a exploração das possibilidades de hibridização, transmutação e junção de mídias ao longo da cadeia de comunicação. Ou seja, um sujeito elabora um conteúdo em uma mídia, outro sujeito curte e replica o conteúdo, outro sujeito comenta com outra mídia e assim vai se formando uma cadeia com diversas mídias articuladas, que formam uma mídia híbrida e dinâmica.

Entre as referências miméticas estabelecidas no curtir, inúmeras referências puderam ser identificadas, ainda que predominem referências no plano dos jogos e das relações sociais como apontado na Tabela 18.

Em 53% dos casos, a relação entre quem postou o conteúdo e quem curtiu o conteúdo era de amizade, em 23%, de coleguismo e, em 11%, familiar ou amorosa como assinalado na Tabela 14.

Em muitos casos, Tabelas 18 e 19, referências concomitantes podiam ser identificadas em um mesmo fragmento textual e os sujeitos justificavam o curtir com verbos relacionados, principalmente, a questões inerentes à situação curtida, sem uma análise aprofundada e amparados em uma dimensão prazerosa, Tabela 17.

Notamos que a dimensão ampla e pouco clara do que é o curtir oportuniza o seu uso em diferentes situações e contextos. Um exemplo é o caso representado no Quadro 5 em que o sujeito se expressou sem se comprometer diante de uma situação que poderia ser

embaraçosa. Porém, em outras situações, curtir é prenhe de significado para os sujeitos envolvidos, não necessitando de complementos e adições posteriores.

Uma vez que não há um sentido único para o curtir, existem momentos em que há a necessidade de agregar sentido ao que foi curtido. Normalmente, relações mais próximas necessitam agregar sentido ao curtir para que seu sentido se complete, enquanto relações mais distantes têm uma necessidade menor de agregar sentido ao curtir. A expressão escrita – o comentar – costuma ser empregada em relações de amizade e familiares e o endosso realizado por meio do compartilhar está mais atrelado a relações sociais distantes.

Percentualmente, mais da metade dos sujeitos, 52%, realizam alguma ação subsequente ao curtir, como demonstraram as Tabelas 15 e 16. A ação comentar é a mais realizada, com 71%, seguida da ação compartilhar, com 24%.

Além da vacuidade de curtir, a possibilidade de, em menos de 30 segundos, sinalizar algo é uma característica ressaltada na amostra. As mídias digitais presentes no Facebook, além de esvaziarem a dimensão espacial de processos, adicionaram uma dimensão célere às ações desenvolvidas nas redes sociais. Os sujeitos querem rapidamente e pautados no prazer sinalizar algo e logo depois buscar algo novo, como foi mencionado nas respostas 6 e 9 do Quadro 17.

Ainda que de forma rápida, notamos uma vontade latente de acompanhar a vida social de amigos e familiares. Por meio do Facebook e do curtir, é possível acompanhar e sinalizar o acompanhamento de progressos familiares, eventos sociais, viagens de amigos e outras dimensões da vida social como demonstrado nos Quadros 12, 7, 4 e 6. Em acordo com o movimento de globalização, sujeitos se deslocam e interagem intensamente e, por meio das redes sociais digitais, podem acompanhar e resgatar relações sociais passadas e presentes.

A visibilidade “pública” de certos conteúdos, uma vez que são curtidos, permite a utilização política e de difusão cultural da mídia curtir. Nessa perspectiva, conteúdos, principalmente, de cunho político e cultural adquirem uma celeridade viral de propagação, sendo que, em grande medida, as referências são amigos, colegas e familiares, como demonstraram os Quadros 3, 8 e 13.

Ainda que o mundo das redes sociais não represente integralmente as relações sociais digitais dos sujeitos, existe uma tendência/vontade de reproduzir os laços sociais externos no ambiente em rede. Isto é, valoriza-se incluir as relações familiares, afetivas e até profissionais no Facebook, como foi salientado nos Quadros 10, 14 e 15.

Referências mais pessoais são integradas nos momentos do curtir, mas, em sua maioria, estas compõem um todo complexo com outras referências sociais e culturais, como demonstraram os Quadros 9 e 11.

A dimensão ou referência mais pujante foi a do acolhimento, da valorização alheia, do reconhecimento, da sinalização da presença e do pertencimento. Em muitos casos, notamos uma vontade de se fazer presente na vida social em rede, e esta ocorre em inúmeras configurações, como visto nos Quadros 2, 6, 16 e algumas respostas do Quadro 17. Similar às relações táteis e corporais, muitos sujeitos buscam o contato íntimo nas redes sociais e, por meio de inúmeros recursos, estabelecem relações tal como estivessem face a face, interagindo e (re-)descobrimo uma materialidade perdida.

Na mesma perspectiva das relações táteis e corporais, está a oralidade. Sujeitos se expressam como se estivessem em um ambiente confortável e informal, promovendo conversas acolhedoras e estimulantes em suas redes de “amigos”. Em geral, relações sociais norteiam as inserções, mas inúmeros componentes pessoais são integrados no decorrer das “conversas” digitais, contribuindo para ampliar dimensões criativas da prática social e cultural.

Cientes de que muitas das ações desenvolvidas nos processos educativos são mediadas por relações miméticas, entre elas, a socialização, o aprendizado de questões práticas, a compreensão intercultural, o desenvolvimento de competências cognitivas, entre outras, alguns apontamentos foram delineados para a educação.

Retomamos a perspectiva crescente de mais sujeitos interagindo no ambiente digital internacional (INTERNET WORLD STATS, 2010) e nacional (CGI, 2010), sendo que os jovens brasileiros utilizam de forma intensiva as redes sociais (NIELSEN, 2009). Assim, acreditamos que a educação deve se familiarizar e explorar os ambientes digitais para melhor compreender e auxiliar os sujeitos em formação que inevitavelmente ingressarão neste ambiente.

A análise das redes sociais digitais demonstrou que diversas mídias são utilizadas, mídias imprevistas são constantemente criadas e complexos híbridos são formados a partir de fragmentos de diferentes mídias. Nesta perspectiva, acreditamos que a educação deve estimular a reflexão e a investigação sobre os fundamentos das mídias/meios, preparando os sujeitos em formação para refletirem, aprenderem e utilizarem qualquer tipo de mídia com que venham a se deparar no futuro, inclusive aquelas que ainda não foram criadas e não podem, portanto, ser previstas.

Além da compressão espacial existente atualmente, há um apelo à velocidade e à ação, que muitas vezes não permite reflexões amplas e elaborações de ideias claras e robustas. Acreditamos que a educação deve considerar as dimensões intuitivas, céleres e ativas nas suas práticas para melhor compreender os sujeitos contemporâneos e adaptar os processos de mediação dos diferentes conhecimentos.

Soma-se à necessidade de ação e celeridade, a busca pelo prazer. Dimensões prazerosas e dinâmicas oportunizam aos sujeitos em formação uma aproximação maior com a aprendizagem enquanto modelos lentos e dolorosos podem distanciar os sujeitos em formação do universo educacional.

Também notamos a valorização da reprodução dos laços sociais externos às redes sociais nas redes sociais. Seria interessante que instituições e atores de ensino se fizessem presentes e manifestassem seus elos nos ambientes das redes sociais para melhor compreender e envolver os sujeitos em formação.

A reflexão acima ganha relevância uma vez que foi ressignificada a dimensão privada e pública no ambiente das redes sociais. Ou seja, hoje, nas redes sociais digitais, não existem limites claros sobre o que é privado e público. Esta lacuna pode ser explorada pelas instituições de ensino e atores educacionais para melhor compreender interesses dos sujeitos em formação e alertá-los para os potenciais perigos deste ambiente.

Ainda que haja a possibilidade de diferenciar os “amigos” nas redes sociais, em grande medida estes se relacionam de forma horizontal. Amigos e colegas despertam o interesse dos sujeitos por algum conteúdo e estes, posteriormente, manifestam publicamente o seu endosso ao conteúdo mediado. Portanto, acreditamos que relações mais horizontais entre sujeitos são mais eficazes no processo de mediação cultural.

Por fim, notamos uma forte necessidade de promover o acolhimento e sinalizar a presença e o pertencimento nas relações sociais mediadas pelo curtir. Este ponto deveria ser explorado pelo universo educacional no ambiente das redes sociais digitais e fora deste para preencher essa demanda social. Não é fácil recomendar a forma como esse acolhimento deve ocorrer, mas é importante que ocorra.

Em resumo, notamos que nos momentos singulares do curtir, por meio de complexos emaranhados textuais propiciados por diversas mídias, são (re-)descobertas principalmente dimensões sociais, mas também dimensões culturais, estéticas, pessoais, entre outras. A forma de os sujeitos se relacionarem com a experiência histórico-cultural ocorre, principalmente, de modo sintético e topográfico, ainda que algumas relações possam despertar o interesse por incursões mais profundas em certos temas. Acreditamos que seja possível explorar este ambiente com vista a fomentar a experiência (*Erfahrung*) no plano da experiência histórico-cultural em detrimento da experiência (*Erlebnis*) vivida individualmente e fragmentada, desde que a educação entre nas redes sociais, se familiarize com a sua dinâmica e qualifique criticamente os bens culturais na ótica do materialismo histórico benjaminiano.

O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1994, p.225).

A contrapelo, o educador comprometido com o materialismo histórico benjaminiano deve escovar a história, demonstrando suas fragilidades e possibilidades, bem como suas incoerências e contradições. Mas, acima de tudo, não deve negligenciar a dimensão prazerosa da aprendizagem que permite ao sujeito desvendar e estabelecer relações da natureza que o cerca e compõe (ARISTÓTELES, 1951). Uma vez resgatada a dimensão prazerosa da aprendizagem, a juventude poderá passar a curtir mais a educação.

8. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ARISTÓTELES. **Poética**. SOUSA, Eudoro de. Lisboa: Guimarães, 1951.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BAUMAN, Zygmunt. **Mal estar da pos-modernidade(o)**. Rio de Janeiro: J Zahar, 1998.
- BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BLOOMBERG. **Facebook Had 7.5 Million Users Under 13 Years Old, Consumer Reports Says**. 2011. Acessado em 07/07/2011. Disponível em <<http://www.bloomberg.com/news/2011-05-10/facebook-had-7-5-million-users-under-13-years-old-in-past-year.html>>
- CABRERO, María del C. **La noción de mimesis en Aristóteles**. UNS Resenha. Circe 10 2005-2006
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. rev. ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CEIA, Carlos. **DIFFÉRENCE**. E-Dicionário de termos literários. 2009 Acessado em 02/02/2011. Disponível em <<http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/D/difference.htm>>
- CENSO. IBGE. Censo 2010. **População residente, por sexo e grupos de idade, Grupos de idade segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação – 2010**. 2010a Acessado em 09/09/2011. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/Brasil_tab_1_12.pdf>
- CENSO. IBGE. Censo 2010. **População residente, por sexo e grupos de idade, grupos de idade segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação – 2010**. 2010b.

Acessado em 09/09/2011. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/Brasil_tab_1_12.pdf>

CENSO.IBGE. Censo 2010. **População nos Censos Demográficos, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 1872/2010**. 2010c. Acessado em 09/09/2011. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/Brasil_tab_1_4.pdf>

CGI - Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Dimensões e características da web brasileira: um estudo do.gov.br. 2010**. Acessado em 24/12/2010. Disponível em <<http://www.cgi.br/publicacoes/pesquisas/govbr/cgibr-nicbr-censoweb-govbr-2010.pdf>>

CGI - Comitê Gestor da Internet no Brasil. **A evolução da internet no Brasil**. 2010. Acessado em 11/12/2010. Disponível em <<http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03/cgibr-revistabr-ed3.pdf>>

DANNER, Fernando. **A Dimensão Estética em Theodor W. Adorno**. Revista:THAUMAZEIN. N. 3. 2008.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DELORS, Jacques. **Education: The Necessary Utopia**. Unesco. 1996. Acessado em 20/12/2010. Disponível em <<http://www.unesco.org/delors/utopia.htm>>

FACEBOOK. **Estatísticas**. 2011. Acessado em 07/07/2011. Disponível em <<http://www.facebook.com/press/info.php?statistics>>

FOLHA DE SÃO PAULO. **Google desafia Facebook com rede social**. Jornal do dia 12 de julho de 2011. 2011.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber, 2008

G1. **Facebook muda página pessoal para linha do tempo e altera botão 'curtir'**. 2011. Acessado em 09/09/2011. Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/09/facebook-apresenta-linha-do-tempo-para-registrar-vida-do-usuario-no-site.html>>

GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **A mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. São Paulo: Annablume, 2004.

GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mímesis: culture, art, society**. California: University of California Press, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Consequencias da modernidade(as)**. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GRIGOROWITSCHS, Tamara. **Jogo, mimese e infância: o papel do jogar infantil nos processos de construção do self**. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 44. 2010

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

KONSTAN, David. **THE TWO FACES OF MIMESIS**. The Philosophical Quarterly, V. 54, N.215. 2004.

IBM. **Aplicativo online**. 2011. Acessado em 06/02/2011. Disponível em <<http://www-958.ibm.com/software/data/cognos/manyeyes/>>

INTERNET WORLD STATS. **Internet Usage Statistics The Internet Big Picture**. 2010. Acessado em 12/12/2010. Disponível em <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>>

JAMESON, Fredric. **Pos-modernismo: A logica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.

LIMA, Luiz C. **Mímesis modernidade: formas das sombras**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LIMA, Luiz C. **Mímesis a reflexão contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

LYOTARD, Jean François. **Condição pos-moderna (a)**. 5. ed. Rio de Janeiro: J Olympio, 1998.

MARINHO, Cristiane. **Lyotard e a pós-modernidade**. Revista Labor. UFC. Acessado em 10/12/2010 Disponível em <http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/CRISTIANE_MARINHO.pdf>

MASLIN, Janet. **Notebook on Cities and Clothes (1989) Review/Film; Delving Deep Into Pockets Of Fashion, Intellectually**. Jornal The New York Times. 1991. Acessado em 06/02/2011. Disponível em <<http://movies.nytimes.com/movie/review?res=9D0CE1D61139F936A15753C1A967958260>>

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

MICHAELIS. **Dicionário online**. 2011 Acessado em 06/02/2011. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=idiosincrasia>>

MILLER, Gustavo. **O G1 já viu: filme 'A rede social' traça retrato crítico da juventude 2.0**. Jornal o Globo. 2011 Acessado em 06/02/2011. Disponível em

<<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/11/o-g1-ja-viu-filme-rede-social-traca-retrato-critico-da-juventude-20.html>>

NASCIMENTO, Evandro. **Conversando sobre Derrida**. Txt, leituras transdisciplinares de textos e telas. Entrevista executada por Luiz Fernando Ferreira Sá. Acessado em 06/02/2011. Disponível em < <http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/revistatxt2/evando.htm>>

NIELSEN. **How Teens Use Media: A Nielsen report on the myths and realities of teen media trends**. 2009. Acesso em 21/11/2010 < <http://www.scribd.com/doc/16753035/Nielsen-Study-How-Teens-Use-Media-June-2009-Read-in-Full-Screen-Mode>>

OXFORD. **Dicionário online**. 2011 Acessado em 06/02/2011. Disponível em <<http://www.oxforddictionaries.com/definition/mimesis?view=uk>>

PIAGET, Jean. **Formacao do simbolo na crianca: Imitacao, jogo e sonho, imagem e representacao(a)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

PHILOSOPHPAGES. **Dicionário online**. 2011 Acessado em 06/02/2011. Disponível em <<http://www.philosophypages.com/dy/m7.htm#mime>>

PNAD. IBGE. PNAD 2009. **Número médio de anos de estudo das pessoas de 10 anos ou mais de idade, por Grandes Regiões, segundo o sexo e os grupos de idade - 2008-2009**. PNADa. Acessado em 09/09/2011. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/tabelas_pdf/sintese_ind_3_3.pdf>

PNAD. IBGE. PNAD 2009. **Número médio de anos de estudo das pessoas de 10 anos ou mais de idade, por Grandes Regiões, segundo o sexo e os grupos de idade - 2008-2009**. PNADb. Acessado em 09/09/2011. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/tabelas_pdf/sintese_ind_7_6_4.pdf>

PRIBERAM. **Dicionário online**. 2011 Acessado em 06/02/2011. Disponível em <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=mimesis>>

RICOEUR, Paul. **Temps et recit**. Paris: Ed Du Seuil, 1983.

ROUANET, Sérgio P. **Édipo e o Anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

SCHWARTZ, Elias. **Mimesis and the Theory of Signs**. College English. V. 29, N. 5, 1968.

SORBOM, Goran. **The Classical Concept of Mimesis**. in A companion to Art Theory. 2002

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TREVISAN, Amarildo L. **Filosofia da educação: *mímesis* e razão comunicativa.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

WEB 2.0. **Participação e vigilância na era da comunicação distribuída.** Organização Henrique Autoun. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

WOLFREYS, Julian. **Compreender Derrida.** Petrópolis:Vozes, 2009.

WULF, Christoph. **Rituale im Grundschulalter: Performativität, Mimesis und Interkulturalität.** Zeitschrift für Erziehungswissenschaft. Volume 11, Número1. 2008

ANEXO I - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Olá,

Meu nome é Matthias Ammann, sou pesquisador da área educacional e estou fazendo o meu mestrado na Universidade de Brasília (UnB). Em minha pesquisa de mestrado, busco entender melhor o comportamento das pessoas nas redes sociais da Internet.

Explorar cientificamente o ambiente das redes sociais é importante, pois aumenta a compreensão sobre o sujeito contemporâneo e permite adequar a prática pedagógica ao contexto sócio-técnico atual.

Portanto, convido todos que utilizam o Facebook a responder a pesquisa.

O questionário desta pesquisa é composto por 24 questões, você levará de 10 a 20 minutos para respondê-lo.

O questionário estará disponível até o dia 14 de julho de 2011.

A pesquisa é anônima e sigilosa, por isso não tenha receio de preenchê-la.

Para acessar o questionário, clique no link abaixo:

<https://spreadsheets.google.com/spreadsheet/embeddedform?formkey=dGVwR1FRUEp5WTZxQW9rU0VoZ3NqYnc6MQ>

Gostaria também que você divulgasse a pesquisa entre amigos, assim teremos um resultado mais significativo.

Agradeço antecipadamente sua colaboração e, em caso de dúvida sobre a pesquisa, entre em contato com o e-mail abc@mail.com.br.

Matthias Ammann
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade de Brasília

ANEXO II – CÓPIA DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Questionário sobre o Facebook

Algumas informações:

- Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado da Faculdade de Educação da UnB sobre o comportamento das pessoas nas redes sociais da Internet.
- O questionário é composto por 24 questões.
- O tempo para seu preenchimento é de aproximadamente 15 minutos.
- O questionário é anônimo e sigiloso.

Para que a pesquisa aponte características dos sujeitos que interagem nas redes sociais, é importante que você seja verdadeiro!

* Required

Perfil

Q1 - Qual é o seu sexo? *

Masculino
 Feminino

Q2 - Em que ano você nasceu? *

-- ▾

Q3 - Em que UF você reside? *

-- ▾

Q4 - Qual é seu último nível de escolaridade? *

-- ▾

Perfil

Q1 - Qual é o seu sexo? *

Masculino
 Feminino

Q2 - Em que ano você nasceu? *

-- ▾

Q3 - Em que UF você reside? *

-- ▾

Q4 - Qual é seu último nível de escolaridade? *

-- ▾

Q5 - Somando a renda de todas as pessoas do seu domicílio (casa), qual é a renda mensal do domicílio? *

-- ▾

Q6 - Quantas pessoas, incluindo você, moram neste domicílio (casa)? *

-- ▾

[Continue »](#)

Powered by [Google Docs](#)

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

Questionário sobre o Facebook

* Required

Internet

Q7 - Como você definiria sua habilidade em utilizar a internet e seus aplicativos? *

- Tenho dificuldade.
- Utilizo como a maioria das pessoas.
- Estou acima da média, mas não sou um especialista.
- Me considero um especialista.

Q8 - Em média, quantas horas diárias você passa na internet? *
Inclua as horas do trabalho, de casa e de outras circunstâncias em que você esteja conectado à internet.

-- ▾

Q9 - Você tem uma conta do Facebook? *

- Sim
- Não

[« Back](#) [Continue »](#)

Powered by [Google Docs](#)

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

Questionário sobre o Facebook

* Required

Facebook

Q10 - Qual das atividades abaixo você faz no Facebook? *
Você pode marcar mais de uma opção.

- Acompanho as notícias dos meus amigos.
- Acompanho o perfil dos meus amigos.
- Curto os posts/ conteúdos de outras pessoas.
- Deixo comentários.
- Compartilho posts/ conteúdos de outras pessoas.
- Escrevo o que estou pensando.
- Posto fotos.
- Posto links.
- Posto vídeos.
- Posto questionários.
- Envio mensagens particulares.
- Confirmo minha presença em eventos.
- Crio eventos.
- Participo de grupos.
- Crio grupos.
- Utilizo aplicativos para o Facebook.
- Utilizo jogos para o Facebook.
- Utilizo o bate-papo.
- Localizo amigos.

Questionário sobre o Facebook

- Posto fotos.
- Posto links.
- Posto vídeos.
- Posto questionários.
- Envio mensagens particulares.
- Confirmando minha presença em eventos.
- Crio eventos.
- Participo de grupos.
- Crio grupos.
- Utilizo aplicativos para o Facebook.
- Utilizo jogos para o Facebook.
- Utilizo o bate-papo.
- Localizo amigos.

Q11 - Qual foi a sua última ação no Facebook? *

--

Q12 - Qual foi a sua PENÚLTIMA ação no Facebook? *

--

Q13 - Qual foi a sua ANTEPENÚLTIMA ação no Facebook? *

--

[← Back](#) [Continue →](#)

Powered by [Google Docs](#)

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

Questionário sobre o Facebook

* Required

Curtir / Like 1

Agora iremos para parte mais trabalhosa da pesquisa, mas também a mais importante. Elaboramos questões sobre os últimos itens que você curtiu no Facebook. Você lembra dos dois últimos itens que você curtiu no Facebook? É interessante estar com sua página do Facebook aberta para consultar em caso de dúvida. Sabemos que as perguntas são pessoais, mas a principal riqueza do trabalho virá dessa parte, assim poderemos entender melhor como as pessoas se relacionam neste ambiente.

Q14 - Qual foi o último item que você curtiu (like) no seu Facebook? Descreva. *

Caso não lembre bem qual foi o último item que você curtiu, busque aquele que você acha que foi o último.

Q15 - Por que você curtiu esse item? *

Google Docs - Home

Questionário sobre o Facebook

https://docs.google.com/spreadsheet/formResponse?hl=en_US&formkey=dHowaEUxVW00SmMyRURwbmUyNExOdFE6MA&theme=0AX42CRMsmRfBUy1kN2NjY2Y0Mi1YWFmLTC

Q16 - Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa? *

Q17 - Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê? *

Q18 - Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Para não identificar as pessoas envolvidas, abrevie o seu nome e o nome das pessoas do seguinte modo: João Silva abrevie para J. S.

Google Docs - Home

Questionário sobre o Facebook

https://docs.google.com/spreadsheet/formResponse?hl=en_US&formkey=dHowaEUxVW00SmMyRURwbmUyNExOdFE6MA&theme=0AX42CRMsmRfBUy1kN2NjY2Y0Mi1YWFmLTC

Questionário sobre o Facebook

* Required

Curtir / Like 2

Q19 - Qual foi o PENÚLTIMO item que você curtiu (like) no seu Facebook? *
Caso não lembre bem qual foi o PENÚLTIMO item que você curtiu, busque aquele que você acha que foi o PENÚLTIMO.

Q20 - Por que você curtiu esse item? *

Q21 - Qual é sua relação com a pessoa que postou o item e como você descreveria sua relação com essa pessoa?

https://docs.google.com/spreadsheet/formResponse?hl=en_US&formkey=dHowaEUxVW00SmMyRURwbmUyNExOdF66MA&theme=0AX42CRMsmRfBui1kN2NjY2Y0Mi1YWFmLTC

Q22 - Além de curtir o item, você executou outra ação como comentar, compartilhar ou outra? Qual? Por quê?

Q23 - Gostaríamos que você copiasse e colasse, caso não se incomode, todo esse trecho do Facebook, que você curtiu (se houver comentários ocultos, clique em exibir todos os comentários).
Para não identificar as pessoas envolvidas, abrevie o seu nome e o nome das pessoas do seguinte modo: João Silva abrevie para J. S.

« Back Continue »

Powered by [Google Docs](#)

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

https://docs.google.com/spreadsheet/formResponse?hl=en_US&formkey=dHowaEUxVW00SmMyRURwbmUyNExOdF66MA&theme=0AX42CRMsmRfBui1kN2NjY2Y0Mi1YWFmLTC

Questionário sobre o Facebook

* Required

Curtir?

Q24 - Para você, o que é curtir? *

Não pesquise no Google, simplesmente escreva o que você acha que é.

« Back Continue »

Powered by [Google Docs](#)

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

The image shows a browser window displaying a Google Forms survey. The browser's address bar shows the URL: https://docs.google.com/spreadsheet/formResponse?hl=en_US&formkey=dHowaEUxVW005mMyRURwBmUyNExOdFE6MA&theme=0AX42CRMsmRfBui1kN2NjY2Y0Mi1YWFmLTC. The survey title is "Questionário sobre o Facebook". The main heading is "Resultados da pesquisa". Below this, there is a text prompt: "Caso você queira ter acesso ao resultado da pesquisa, insira o seu e-mail que enviaremos os resultados da pesquisa." This is followed by a large, empty text input field. At the bottom of the form, there are two buttons: "Back" and "Submit". Below the buttons, it says "Powered by Google Docs" and provides links for "Report Abuse", "Terms of Service", and "Additional Terms".

Questionário sobre o Facebook

Resultados da pesquisa

Caso você queira ter acesso ao resultado da pesquisa, insira o seu e-mail que enviaremos os resultados da pesquisa.

Powered by [Google Docs](#)

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)